

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

Rodrigo Pael Ardenghi

**Por uma leitura do suicídio na cultura Kaiowá-Guarani: em relatos orais e na
Imprensa**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

**SÃO PAULO
2009**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP**

Rodrigo Pael Ardenghi

Leitura Semiótica do entendimento de suicídio na cultura Kaiowá-Guarani

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica sob a orientação da Prof^a. Doutora Jerusa Pires Ferreira.

SÃO PAULO

2009

Banca examinadora:

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, quero dirigir-me à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Jerusa Pires Ferreira, a quem devo a clareza na orientação e no caminho a seguir. Reconheço nem sempre ter conseguido realizar a tarefa a contento.

Ao Prof. Dr. Lynn Mario T. Menezes de Souza, profundo conhecedor dos estudos culturais, de quem recebi, seja por meio de seus textos, ou na qualificação e mensagens eletrônicas, contribuições indispensáveis à realização deste trabalho. Suas sugestões ajudaram-me muito no momento em que mais precisava.

Ao Prof. Dr. Norval Baitello Junior, por inúmeras contribuições indiretas por meio de suas densas aulas nas disciplinas de Comunicologia e Semiótica da Cultura. Lembro-me também das aulas ministradas pelo Prof. Dr. Jorge Albuquerque e das contribuições do Antropólogo Antonio Brand e da Prof.^aDr.^a Aivone Carvalho, incentivadora inicial desta pesquisa.

Aos personagens das narrativas que tanto contribuíram para as informações sobre o objeto estudado, principalmente à Otoniel Ricardo que abriu as portas da comunidade para que eu entrasse para realizar as coletas dos depoimentos, como também as autoridades dos municípios visitados.

Sou grato também aos colegas que fiz em São Paulo, durante o mestrado, como a Paulinha, o Gustavo, a Marlize, a Helô, a Claudia, o Marcelo e tantos outros, que apareceram no curso desses estudos para, ora me ajudar no que tange os assuntos acadêmicos, ora na amizade e na camaradagem. A Cida, secretária do COS, que com seu carinho e atenção me mostrava os caminhos dos processos burocráticos em um curso de pós-graduação. Um agradecimento especial para minha grande amiga Fernanda B. B. de Camburiú/SC, que com sua atenção me fez mais tranquilo na aventura de morar em São Paulo para cursar o mestrado. Não poderia esquecer das ligações que me deram força e os apoios formais das minhas amigas Vera Loio e a Priscilla Sampaio.

Quero lembrar aqui os meus amigos, Robson e Ludyney, que nunca e em momento algum se furtaram a me ajudar, seja em qual momento fosse da vida deles ou da minha. De meu irmão, Ricardo, pelos seus telefonemas quando eu mais precisava, e de minha cunhada, Carol, sempre disposta a contribuir com o andamento da pesquisa.

Agradeço à minha namorada, Alba, que demonstrou orgulho durante a empreitada da concretização da dissertação, seu companheirismo e amor me emprestaram força e determinação nos momentos finais da conclusão do trabalho. À minha mãe, linda e severa, que cobrou qualidade e esmero nos estudos e ao meu pai, meu maior professor, que com o seu exemplo, me mostra como podemos ser o melhor dos homens.

Por fim, agradeço á todas e a todas, de coração, por mais esta etapa cumprida.

RESUMO

O presente trabalho trata do levantamento dos registros orais e dos materiais jornalísticos referentes aos casos de suicídio dos índios kaiowá/Guarani, localizados na região da Grande Dourados em Mato Grosso do Sul. Tem como objetivo reunir e comentar analiticamente as narrativas e os textos jornalísticos que relatam os atentados contra a vida praticados pelos índios. Para isso, o autor coleta casos e opiniões de indígenas e apresenta os elementos culturais levantados na observação de tais relatos, além de reunir e analisar também matérias do jornal “O Progresso” que tratam do assunto.

O Trabalho busca recuperar os elementos híbridos culturais e o posicionamento político da mídia. Relata o funcionamento de culturas e tradições considerando narrativas e textos de jornal. Apresenta histórias e motivações que elevaram as taxas de suicídio nas aldeias kaiowá/guarani e que chamaram a atenção da imprensa mundial. Partindo de dados estatísticos sobre o suicídio, destaca-se a influência da desarticulação das aldeias e das famílias nas reservas indígenas, dos ritos e da religião, bem como as mudanças na organização social e na economia. Conclui que estas reservas são exemplos da cultura kaiowá/guarani como um transito vivo e constante de duas mãos, e evidencia ainda, a diferença entre o que foi relatado pelos próprios índios e como a imprensa interpretou os fatos, demonstrando assim suas discrepâncias.

O estudo é baseado em princípios da semiótica, da antropologia cultural e de levantamentos das tradições orais de modo dar voz a diferentes personagens, na busca das motivações culturais, que entre outras coisas, aumentam a esperança no pós-vida.

Palavras chave: Suicídio; kaiowá, Semiótica

ABSTRACT

This work treats of the lifting from the oral and journalistic records from the cases of suicide from the indian kaiowá / Guaraní , located on region from Grande Dourados in Mato Grosso do Sul. The objective of this work is to book and comment analytically the narratives and the journalistic texts that relate the attempts against the life practiced by the indians. For that, the maker collect narratives of cases and opinions of natives and comments the culture parts lifted on the observation of the accounts , in addition to piece together and analyze also journalistic materials from the newspaper "The Progress" that treats the matter.

The work picks recover , through narrations and texts of newspaper , the stories and motivations that elevated the taxes of suicides on the villages kaiowá / guaraní and they called the attention from the worldwide press. Detailed the influence of the disarticulation from the villages and families , the hybrid culture parts culture and the political positioning from the media.

It relates the cultures and traditions inside the aborigine reserve, the rites and the religion , as well as the social organization of the economy , besides data above the etnia suicide. Concludes that these reserves are examples from the croof the culture as an alive and constant transito of two hands, still evidences , the difference between what was related by the own Indians and the way the press interpreted the facts, as soon demonstrating the discrepancies of interpretations of determined suit.

The review privileged a covering approach, in order to give voice to different personages on the search by the culture motivations for the hope in the post – life.

Word-key: Semiotic; kaiowá, suicide

SUMÁRIO

I – Introdução	10
1.2 - Metodologia	12
1.3 - História	17
1.4 - Dados Estatísticos.....	18
1.5 - Eixo Cultural	19
1.5.1 - Concepção	25
1.5.2 - Destino do Homem	25
1.5.3 - Alma (ayvú kué).....	26
1.5.4 - Sepultura e Sobrevida	28
1.5.5 - Reencarnação	29
1.5.6 - Djasukávy	29
1.5.7 - Suicídio	29
2 Capítulo I: Narradores Depoimentos, Opiniões e interpretações dos suicídios na Aldeia	31
2.1 - Causas	31
2.1.1 Pobreza	31
2.1.2 Feitiços.....	32
2.1.3 Tristeza	32
2.1.4 Desintegração familiar	34
2.1.5 Bebidas Alcoólicas	35
2.1.6 Suicídio como doença	36
2.2 Incidências de suicídios no passado	38
2.3 O Pós-morte	39
2.4 Alternativa	40
3 Capítulo II: Cobertura jornalística do suicídio kaiowá/guarani	43
3.1 Jornal Impresso como Gênero	43
3.2 A Causa Indígena (Editorial)	47
3.3 Mais um Índio é encontrado enforcado	41
3.4 Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios (primeira página)	53
3.5 Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios (seção policial).....	55
3.6 Índio é encontrado enforcado	61
3.7 Suicídio entre índios continua repercutindo (primeira página).....	64

3.8 Com recursos índios dobrarão a produção (primeira página)	68
3.9 Com recursos índios dobrarão a produção (seção policial).....	70
3.10 Advogados entendem que é hora de discutir questão indígena (segundo caderno)	73
3.11 Cultura indígena: apesar de tudo resistem	78
3.12 Cimi apresenta a candidatos programa para política indígena.....	83
3.13 Cimi apresenta a candidatos programa para política indígena.....	88
3.14 Força mística pode estar levando índios ao suicídio (Geral)	91
3.15 Frentista de posto suicida-se com um tiro; indígena morre enforcado (primeira página)	95
3.16 Frentista de posto atira contra a sua própria cabeça e índio enforca-se (seção policial).....	97
3.17 Questão indígena será debatida hoje no Ceud (primeira página)	101
3.18 Índio cobra de Collor promessa de Campanha (primeira página)	103
3.19 Índio cobra de Collor promessa de campanha.....	107
3.20 índio suicida-se para denunciar sua situação (primeira notícia, primeira página).....	109
3.21 Suicídio entre índios	112
4 Capítulo III Considerações finais	119
4.1 Narrativas e pesquisa à Campo	119
4.2 Textos jornalísticos.....	128
5 Bibliografia	135

1. INTRODUÇÃO

Inicialmente, este projeto intentava identificar e sistematizar um estudo, que identificaria as formas com que os códigos culturais e de comunicação, foram transmitidos até a atualidade para formar os elementos componentes de interfaces nos ritos de passagem, especificamente, cerimônias fúnebres de caráter religioso dos índios guaranis do sul do Estado de Mato Grosso do Sul, e dos praticantes da religião budista de vertente japonesa. Houve, no entanto um desvio, a partir de várias condições, fazendo com que o atual trabalho se atenha em como, por meio de uma leitura cultural, os Índios Guaranis/Kaiowá entendem a morte e a prática do suicídio, bem como, as informações reproduzidas no jornal impresso “O Progresso”, que cobriu os suicídios indígenas do meio da década de 1990.

“A maioria das civilizações presta culto aos antepassados. Seu pensamento é que a pessoa que deixou o nosso mundo continua a viver em outra sociedade, sensivelmente da mesma forma que em sua existência terrestre, com alegrias e sofrimentos comparáveis.” (Bayard, 1996:72)

Deste modo, a intenção é evidenciar a existência de uma motivação cultural para o grande número de suicídios identificados nos anos de 1994 e 1995 entre esta etnia. Lembrando que este trabalho soma-se ao grande número de estudos que tentam desvendar a motivação para o suicídio indígena, parte aponta para motivações sociais, com forte coloração política. O diferencial desta pesquisa é tentar desviar do fator apenas ideológico e encontrar os caminhos traçados na memória de um índio kaiowá/ Guarani, que desiste de viver e espera no pós-vida uma alternativa, como também analisar a forma com que estes fatos foram noticiados pela imprensa local e assim comentar um comparativo da narração indígena dos atentados contra a vida e os textos jornalísticos.

A descrição das narrativas se justifica pois são os próprios índios relatando suas opiniões e sensações, á partir do momento que há a cobertura jornalísticas e os fatos e opiniões são escritos e por um indivíduo não índio, existe uma modificação relevante no que tange os acontecimentos.

A escrita é uma prática cultural, ela não apenas representa algo para o mundo externo, como o mundo externo para o indivíduo, desta maneira tentando definir a realidade. Colocando próximos a narração oral e a grafia jornalística, o resultado é uma interação intercultural por meio dos fatos, não que este debate seja travado na presente pesquisa, mas se faz importante salientar os instrumentos que foram utilizados para a realização desses trabalhos e as marcas tecnológicas que evidenciam a relação de poder entre culturas que se avizinham, se relacionam, geralmente de maneira agônica, gerando marcas, aparentemente mais profundas naquela que detém menos poder, assim é salientado mais um perigo no terreno arenoso nas pesquisas culturais, nas pré-concepções anteriores ao trabalho, e nas peculiaridades encontradas. Há a esperança de um jovem pesquisador de encontrar elementos blindados dentro de uma cultura que possibilite o apontamento em uma direção, mas o que é encontrado se caracteriza por uma variação de elementos híbridos, além das particularidades dos narradores. Em contra partida, é facilitado o trabalho nos comentários do material jornalístico pois, partindo de uma análise marxista, as relações de poder ficam mais delimitadas neste veículo, que em outras oportunidades do trabalho.

“Além de permitir a comunicação – representando o mundo aos outros – a escrita tem um papel importante na representação do mundo a nós mesmos. Faz parte de nosso pensar; faz parte da tecnologia do pensamento. A linguagem e a escrita são usadas para definir a realidade, não apenas para os outros mas também para nós mesmos. A escrita, portanto, desempenha um papel na ecologia da mente”. op.cit :45

Sem negar que, a forma de demarcação de terras indígenas confinou os kaiowá/guarani, em um território exíguo para as suas práticas tradicionais, colocando em cheque as tradições e a forma organizacional da vida em sociedade. Todavia, estas características ainda não fecham questão sobre o tema, sendo assim, com um mergulho na cultura desses povos, a narrativa dos acontecimentos e o retrato realizado pelo maior jornal da região, é possível vislumbrar a esperança na morte criada por meio de elementos culturais.

“destituído de seus antigos territórios não são mais reconhecidos como coletividade, mas referidos

*individualmente como remanescente ou descendentes”
(Oliveira, 1999:24)*

1.1. Metodologia

A influência cristã faz com que a liberdade para o trânsito do pós-morte à “terra sem males”, seja marcada por um momento de transição e julgamento que não era encontrado nas gerações mais antigas. O caminhar da cultura dentro de uma etnia nos apresenta empecilhos na identificação das razões culturais para o suicídio.

“os grupo étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e assim tem a característica de organizar a interação entre as pessoas” (Poutignat, 1998:189).

A Semiótica da cultura e a comunicação, que estudam as construções de elementos culturais e o ir e vir no espaço/tempo desses signos, é a lupa na análise das características particulares das mortes auto-provocadas índios Kaiowá/Guarani, a palavra, a oralidade será o alimento para a composição das evidências levantadas aqui “ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação” (BAITELO).

Levando em consideração os aspectos da arqueologia cultural e estudos na comunicação, foi reunido um arcabouço que dê relevo à forma particular de interpretação do suicídio na tradição Guarani. A Semiótica da Cultura, que possui importante papel no estudo da construção dos muitos sistemas criadores de signos, e a comunicação, principalmente a oral, primária segundo o pensamento do cientista da comunicação Harry Pross, é importante veículo de informações culturais retidas na memória.

“A maneira de conceitualização desse sujeito da cultura tem um caráter transitório e universal: ela aborda o sujeito-em-geral, não os sujeitos sociais historicamente determinados, ou linguagens específicas socialmente determinadas” (Hall. 2003:154).

A construção de uma segunda realidade - a “realidade” da cultura - como teoriza o estudioso tcheco Ivan Bystrina - realizada pelo ser humano, guarda uma série de elementos fundamentais (ou universais como denomina Joseph Campbell) que corroboram para a pesquisa de interfaces culturais. “Textos Instrumentais, cuja função primordial é atingir um objetivo instrumental, técnico e cotidiano, pragmático; Textos Racionais, que são textos lógicos como os textos matemáticos e os textos das ciências naturais e, por fim Textos Criativos e Imaginativos, como os mitos, os rituais, obras de arte, utopias, ideologias, ficções, etc”. (Bystrina)

Estes processos de construção de interpretação e de significados, são inerentes ao homem na produção de um entendimento maior do que seus sentidos.

“Os estudos culturais são uma formação discursiva no sentido foucaultiano. Apesar de alguns de nós termos estado presentes quando os estudos culturais assumiram esse nome, eles não tem uma origem simples. Muito do trabalho do qual os estudos culturais surgiram já se encontrava presente, a meu ver na obra de outros autores”. (Hall. 2003:200).

Os processos tradicionais, nas culturas mais antigas, de elaboração de significados, que passaram por outros níveis de mediação, parecem também utilizar algum mecanismo para atingir a percepção da coletividade, e se apresentam de maneira bastante eficaz, sendo assim, para estudar estes processos. Um dos veículos já citados como forma de transporte de informações de um determinado espaço/tempo para outro, é a oralidade, por este motivo foi realizado uma visita na aldeia Te'Yikue para colher depoimentos de lideranças e indígenas sobre os temas em questão.

“A ciência e a filosofia são pesquisas da língua. A religião e a arte são disciplinas criadoras de língua. A filosofia da atualidade forma o último elo da cadeia que nos alienou da língua e nos afastou da proximidade na qual os nossos antepassados viveram com a língua”. (Flusser. 2004:34).

Tendo em vista este caso, que gerou comoção internacional que foi o alto índice de suicídios dos índios guaranis em Mato Grosso do Sul. Para esta análise e para compreender os processos que levaram, elementos culturais a diversas partes

do mundo e a utilização do micro para supor o macro utiliza-se aqui, dentre outras ferramentas, os semioticistas eslavos que lembram: “a expansão da esfera da cultura leva à expansão da esfera da não-cultura”, dentre eles, o líder da escola de Tartu na Estônia, Lotman.

*“Somente o que se tenha traduzido para um sistema de signos pode passar a fazer parte da memória. A história intelectual da humanidade pode ser considerada uma luta pela memória. Não é casual que a destruição de uma cultura se manifeste como destruição da memória, aniquilação de textos e esquecimento dos nexos”
(Lotman)*

A análise dos dados levantados por estudos sobre os acontecimentos do meio da década de 1990, referentes ao grande número de suicídios cometidos por índios guaranis no sul do Estado de Mato Grosso do Sul é o ponto a ser evidenciado como forma para a conquista de algum objetivo.

Na época houve um intenso debate entre antropólogos e sociólogos que acabara por admitir que os resultados obtidos apontavam, quase sempre, para o acultramento e a perda de terras, como as principais causas para os suicídios indígenas.

Nesta perspectiva talvez a opinião mais provável sobre o que realmente acontecia, foi a do antropólogo Ruben Almeida, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que afirmara serem limitadas as interpretações destas mortes, comparando-as com o início de estudos simplistas e frágeis, demandantes de maior aprofundamento.

Elementos que foram estudados, além dos suicídios praticados, são os ritos de passagem, principalmente fúnebres, que seguem um esquema que se constitui tendo um lado (um início, onde a pessoa está morta e presente), um rito de purgação e, por fim, passagem e o segundo status, o outro lado – o pós morte -, que também se encontram em textos culturais diferentes: O paradigma da morte na cultura indígena brasileira.

“Para os ‘Guarani’ a ‘Terra sem Males’ é um lugar ideal onde poderão viver sem doenças ou morte, alcançando a plenitude ou o aguydjê” (Schaden. 1974:161).

Lançar mão da arqueologia, bem como da antropologia, é ultrapassar as barreiras da história, que limitam o alcance do nascedouro, e até propriamente dos caminhos culturais traçados, pois se preocupa em estudar os processos civilizatórios. Deste modo, a história deixa a cargo de outras disciplinas este estudo, e dá a oportunidade de fazê-lo de maneira interdisciplinar, como se faz neste presente trabalho. Em um primeiro momento se utiliza dados antropológicos para formar um arcabouço de conteúdos que guiará, no tempo e no espaço, as evidências levantadas aqui.

“A arqueologia é capaz, portanto, não somente de dar sua contribuição, mas de conter a própria chave da compreensão do intelecto humano”. (Mithen. 2002:18).

Não é possível definir com que veracidade a realidade é narrada, tão pouco o quanto há de real em uma cobertura jornalística, porém registrar as narrativas de um determinado fato, ocorrido em condições específicas, e colocar estes registros ao lado dos materiais jornalísticos que buscaram informar a comunidade “exterior” aos acontecimentos, sobre o fato, pode contribuir para a permanência na memória de impressões diferentes, repassada por discursos também diferentes da relevância de um acontecimento.

Em três capítulos, este trabalho se divide para buscar evidenciar os casos de suicídio cometidos por índios kaiowá/guarani. O primeiro capítulo é composto por narrações de lideranças indígenas e parentes de suicidas sobre o contexto e a avaliação particular das razões pelas quais parentes e amigos buscaram a auto indução da morte. As variáveis encontradas neste formato de pesquisa se caracterizam por ser um trabalho personificado, onde o informante, com todo o seu particular repertório vai narrar, mediante suas impressões, como ele percebeu o fato. Todos os índios que emprestaram suas lembranças são da aldeia: Te’Yikue, no município de Caarapó, em Mato Grosso do Sul, os relatos foram feitos no segundo semestre do ano de 2008 e nas primeiras semanas de 2009.



Foto I: liderança indígena, Otoniel Ricardo, ao celular, com a camisa do time de futebol da aldeia

O segundo capítulo trás um apanhado de matérias jornalísticas sobre os suicídios, publicadas relatando os casos que ocorreram nos anos de 1990 e 1991. O jornal “O Progresso”, suporte desta parte da pesquisa, teve seu primeiro exemplar no dia 22 de fevereiro de 1920, editado pelo jornalista José Passos Rangel Torres, na cidade de Ponta Porá, na época, no Estado de Mato Grosso. Em 1930 interrompeu os trabalhos por questões políticas, voltando a publicar em 1951, no município de Dourados, em 1962 passa ao formato de standard, e inicia a publicação com fotos. Em 1977 o jornal passa a ser diário e colorido, até 1985, muitos investimentos tecnológicos foram realizados no veículo, hoje com mais de 20 páginas, divididas em sete cadernos e outros suplementos, atinge 46 municípios, tem o seu braço na rede mundial de computadores, e é considerado um jornal conservador.

O terceiro e último capítulo é formado por considerações finais sobre todo o material levantado, além de detalhes da cultura guarani, relevantes a pesquisa.

1.3. História

A ocupação do Estado de Mato Grosso do Sul iniciou-se 10.000 anos a.C por meio dos primeiros habitantes indígenas, ancestrais ameríndios, sendo contemporâneos Guarani, Terenas, Kaiowá, e posteriormente, os Caiapós e os Xaraés. O Estado e sua cultura estão intimamente ligados as influências indígenas, exemplo disso são as palavras, de troncos lingüísticos dessas etnias incorporadas ao vocabulário, as características físicas, como a cor da pele, olhos, hábitos alimentares, dentre outros.

Na região da Grande Dourados – segundo maior município do Estado em população e importância econômica – sul de Mato Grosso do Sul e distante 220 quilômetros da Capital, Campo Grande, foram edificados municípios baseados em remanescentes da colonização ibérica, além de fluxos migratórios dentro do país, que em seu passado eram terras indígenas das tribos Terena e kaiowá. Os descendentes ainda residem na região, ao lado dos perímetros urbanos.

A mencionada localidade compreende, segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), com base nos levantamentos realizados no ano de 2005, uma das maiores reservas indígenas do país, com mais de 12 mil índios divididos em três grupos étnicos. Ao todo, em Mato Grosso do Sul são cerca de 70 mil indígenas.

A denominação “índio”, foi formulada pelos colonizadores portugueses, que na ausência de definição para aquele grupo populacional, e com o suposto equívoco na navegação – o objetivo era chegar às Índias para transações econômicas - . Hoje ser índio está incorporado na auto-definição dos grupos que se relaciona com outras culturas evidenciando características mais ocidentais, os não índios, chamados de brancos. Para a Funai, índio é aquele, considerado índio pelos seus, e no contato com a população brasileira restante, comunidades que tem hábitos e tradições pré-colombianas, ou seja identificação da identidade por meio da estranheza e semelhança com o outro, logo alteridade.

Esses indígenas específicos, corpus desta pesquisa, apresentam um ritmo de vida determinado pelo contato com as populações não indígenas, vivem em trânsito

e sem paradeiro, em rodovias e estradas vicinais que ligam as cidades do entorno, quando adentram ao ambiente urbano, muitos com seus filhos no colo, em carroças ou bicicletas, tentam vender a pequena produção familiar de milho ou mandioca, ou, até mesmo, mendigam comida e dinheiro para os munícipes. Politicamente, parece haver uma dualidade e um enfrentamento entre indígenas e produtores rurais da região, clima de animosidade restaurado quando há discussões sobre a criação de novas reservas indígenas, como ocorre na atualidade.

Porém, a mídia nacional e internacional, voltou os olhos para estes grupos étnicos específicos, no meio da década de 1990 em razão dos números expressivos de casos de suicídios na região da Grande Dourados.

1.4. Dados estatísticos

Levantamentos realizados pelo Prof. Dr. Antonio Brand, em sua tese de doutorado (defendida em 1997), apontam que de 1981 a 1996, foram praticados 281 suicídios. A partir da década de 1990 houve uma escalada que atingiu o auge em 1995, com o registro de 56 casos. No levantamento realizado, existem ainda outros dados estatísticos relevantes: nas reservas das cidades de Dourados e Caarapó ocorreram 57% dos atentados contra a vida. Também, foi identificado que há um predomínio do sexo masculino entre os que praticaram suicídio (57,9%); em se tratando de faixa etária, a grande maioria dos suicidas estava entre os 12 e 24 anos de idade (66,43%). Em 1994, segundo o procurador Geral da República da época, Aristides Junqueira, um adolescente indígena, antes de cometer um atentado contra a própria vida, deixou registrado a seguinte frase; “Eu não tenho lugar”, remetendo a constante migração dos índios em busca do mito do paraíso, em contradição com a situação atual de miserabilidade e fácil acesso as drogas que vivem os indígenas.

O suicídio entre jovens desta faixa etária, não é um fenômeno exclusivo Kaiowá/Guarani, o mesmo ocorre em outras etnias, em diferentes partes do mundo. Porém, entre os não-índios a prática ocorre numa faixa etária mais avançada.

Em pesquisa de campo, foi questionado aos professores que trabalham na aldeia, o porquê do número tão grande de jovens que praticam o suicídio, os docentes defenderam a idéia que *“hoje o jovem está muito fraco porque falta o conselho dos velho”*. O índio João Martins, presente na conversa, complementou dizendo que, *“o kaiowá é muito sensível, ele sente mito”*. Também foi citado neste diálogo o poder destrutivo da bebida e da tristeza. Os professores relacionaram o suicídio de mais jovens:

“ele não consegue chega naquilo que ele que. (...) Um jovem estudante, ele estuda, estuda tanto tempo, ele repete, repete vários anos na escola (...) procura um jeito de sai dessa. Se não acha, o único jeito é o suicida, que a maioria dos jovem, dos jovem agora se suicida (...) E suicida acaba o problema dele. Por aí ele pensa”.

Atribui-se a denominação índio, àquele que vive em um território ou “vivem prensados entre a área urbana e a rural em situação desfavorável desde a chegada dos colonizadores a qual, em últimas políticas de Estado, reservou à eles uma área que levava em consideração o critério “simplista” da observação do montante populacional, da aparência física e do modo de vida de hoje. O confinamento em reservas são as causas mais indicadas para o número de atentados contra a vida. Uma causa de expulsão de terras tradicionais, que acabam por se caracterizar em um convite para o pós-vida.

“como toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, realizado pela própria vítima, sendo necessário investigar os antecedentes de sua história privada em que o indivíduo precisa estar em uma situação de equilíbrio entre suas expectativas, suas exigências e os meios socialmente acordados, pois o desencontro entre as necessidades e os meios levam ao suicídio anômico” (Durkheim 2000:11)

1.5. Eixo Cultural

Para questões de estudos lingüísticos, abordaremos os índios de língua guarani do sul do Estado de Mato Grosso do Sul, mais especificamente das

seguintes localidades: Dourados, Caarapó, Panambi e Amambai (estes todos do subgrupo *Kaiowá* –, que serão priorizados), e dos locais Taquarapiri e Jacareí (do subgrupo *Ñandéva*).

A linguagem é um elemento fundamental para entender as costuras e amarras de um povo, na reserva dos kaiowá, a língua é a efetiva re-ligação com as divindades religiosas, no ponto mais mística, até no diálogo introspectivo com a alma, ale, até mesmo nas relações sociais, dadas por meio da língua guarani.

Os *Kaiowá*, com parte de sua população também no Paraguai, vivem da caça e lavoura e não chegaram ao Atlântico. O mesmo acontece com diversos outros grupos da nação de Guaranis, que não serão estudados aqui. Conquanto, demonstram um movimento migratório com motivações místicas, a saber, a fuga do fim do mundo, oraculizada por seus líderes religiosos, que acabam por comandar tal fluxo migratório (geralmente do oeste para o leste); por isso da presença de Guaranis no litoral, e deste modo tendo contato com caiçaras, contato cultural que demonstra a influência de não-índios neste grupo de guaranis específico.

*“A articulação da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica”.
(Hall. 2003:21).*

A importância de se recortar especificamente com qual grupo guarani se irá trabalhar, justifica a intenção do estudo de sua cultura, pois não é possível se falar de apenas uma cultura guarani, mas sim de várias, com seus diversos aspectos culturais – social, ritual e religioso – bem diferentes uns dos outros. Existe também a dificuldade de se estudar os falantes da língua guarani como nação e não como organizações de tribo-estado, além dos elementos ibéricos a serem identificados na cultura guarani e seus desdobramentos.

*“A maioria das populações indígenas encontrada pelos desbravadores quinhentistas em terras da bacia platina falava dialeto do idioma guarani, estreitamente afim do linguajar das faladas tribos Tupi, que dominavam quase todo o litoral brasileiro e grandes extensões do interior”
(Schaden. 1974:1).*

É importante ressaltar que a pesquisa que visa um aprofundamento dos estudos da cultura tradicional dos índios no Brasil, em especial os Guarani, enfrenta um fator limitante bastante evidente, que é a influência grandiosa do cristianismo ibérico nos elementos culturais, o transito de elementos cristãos reforçado na atualidade pelas missões evangélicas que, além de darem maior relevo as heranças jesuíticas, inserem novas formas na cultura religiosa dos guarani.

Este tronco lingüístico é o principal grupo de ameríndios a ser estudado com o intuito de percepção da imposição da cultura religiosa cristã ocidental. Outra influência cultural é a dos caboclos, principalmente nos *Kaiowá*, sub-grupo que será estudado na presente pesquisa.

Muitos caboclos, que em outrora tinham sua entrada nas tribos indígenas mal avaliadas por seus líderes, hoje não podem participar de cerimônias religiosas, o que caracteriza o maior fator limitante da entrada de gente estranha nas comunidades tribais *Kaiowá*, ora por não saberem rezar, ora por não receberem as divindades indígenas (que dão status quando integrantes de uma família guarani), o que acontece já que o intuito atual de índios e índias é se assemelhar com a cultura dos não-índios (o que é percebido na forma de vestimenta dos índios).

“A frustração dos Guaranis no esforço de serem encarados e tratados em pé de igualdade com os moradores de origem européia, somando-se a experiência anterior de não terem conseguido ir para ‘terra em males’, favorece, uma vez ou outra, o aparecimento de atitude anticulturativas, levando inclusive a rejeição de elementos da cultura material anteriormente aceitos”. (Schaden. 1974:186).

No que tange a construção familiar, a cerimônia do casamento, que apenas aparece no *kaiowá*, sub-grupo estudado nesta pesquisa, é mais uma forma de se mensurar o aculturamento e a percepção deste processo pelos próprios guaranis. Se outrora havia a necessidade do rapaz casar somente depois de furar o lábio inferior, marca da chegada da puberdade, atualmente não há mais a importância deste pré-requisito, algo percebido pelos mais antigos integrantes guaranis que demonstram reprovar este tipo de hibridação cultural, julgando como perda de valores tradicionais

e ausência de novos na tentativa de incorporação da cultura ocidental. Segundo a liderança indígena Otoniel Ricardo, de Caarapó, a cultura de um povo é viva e se modifica e se fortalece.

“Quando falamos de cultura, temos várias formas de explicar. Nossa visão é que a nossa cultura está viva dentro da gente mesmo né?! A nossa fala, a nossa crença, nosso modo de organização como guarani, que conseguimos construir de geração pra geração. Existe um perfil para cada um na questão da espiritualidade. É aí que a gente consegue mover a cultura, crescer e se fortalecer como cultura mesmo. Nesse momento, nos temos dois aspectos. Um é da cultura tradicional, que é o modo de ser, e tem também a interculturalidade, que é a cultura que vem de fora, então, temos fortalecido de geração pra geração o que vem de família já a cultura dos guaranis.” (Otoniel Ricardo)

O calendário religioso e social tem uma forte ligação com a cultura do milho, assim como acontece com outros grupos ameríndios. O cereal é gradativamente substituído pela cultura da mandioca em importância ritualística a partir do momento que se caminha para o leste do continente, por causa do contato com comunidades do litoral e das condições geográficas, porém este trabalho se aterá apenas ao milho e outros vegetais que tenham importância apenas para os *Kaiowá*, sub-grupo guarani que reside no sul do Estado de Mato Grosso do Sul. As cerimônias ritualísticas que marcam o calendário religioso obedecem as motivações da cultura do milho e as decisões do pai rezador que orienta estes rituais, em resumo, tudo que se trata do milho tem bases sobrenaturais.

A colheita do milho, que se inicia na grande festa de *avati-mongari* (batismo do milho), tem importâncias, além de ritualística, de alimentação, pois é a principal fonte comercial para os *Kaiowás*, pois vendem esses produtos em áreas urbanas próximas as tribos e na preparação da chicha, bebida fermentada preparada com o milho. No aspecto comercial, os guaranis sabem diferenciar o milho que é dedicado a venda e o milho que tem importância em suas tradições, este último é o saboró, que amadurece em três meses e tem o grão mais mole que o comercial, chamado de duro, é encarado como dádiva de suas entidades místicas, *Djakairá* (índio *Kaiowá* que recebeu as sementes deste milho das mãos da virgem dos milagres). As cerimônias mágicas também acontecem em relação à outras plantações e até

propriamente com o solo, mas, entre os *Kaiowás*, preferencialmente em relação ao milho saboró.

Outro elemento presente na cultura dos *Kaiowás*, principalmente em seus rituais, é o pó de fumo chamado de *pety gúí*, pó este, que ao invés de ser aspirado, é colocado entre a gengiva e o lábio e fica sob a ação da saliva. O urucu, planta que não é nativa da região também é bastante utilizada em cerimônias religiosas e visitas, quando os praticantes o esfregam em seus rostos, porém sem abusos, podendo acarretar sérias sanções sobrenaturais por ser sagrado.

No contexto político da administração guarani, o já citado poderio do líder religioso é contrabalançado com a presença de um ministério informal formado pelos líderes das grandes famílias, além do respeito e da relação com os administradores da Funai e outros órgãos de pesquisas presente. O líder religiosos, que por muitas vezes também é o curandeiro, tem que ter carisma e persuasão para se manter, em alguns sub-grupos o cargo é passado hereditariamente.

Aspecto importante do misticismo guarani está reservado na criação das crianças, pois os adultos não acreditam em métodos educativos, apesar de demonstrar carinho pelas crianças, carinho este resultado da crença de reencarnação nas crianças de entes queridos, os adultos as tratam como adultos também, e qualquer instrução educativa vem por meio de magia e de alguma divindade, que também as educam em relação a religião e suas rezas, que são particulares e transmitidas por meio de sonhos, já os ritos cerimoniais são aprendidos na própria cerimônia, apenas entre os *Kaiovas*, há a existência de um certo tipo de escola, de resultado, as crianças se apresentam independentes e comunicativas, porém brincam pouco e tem poucos brinquedos, não apresentam uma cultura infantil, mas sim o imitar de uma vida adulta,

O carinho mencionado acima, com as crianças guaranis é demonstrado em um elemento de sua cultura que não aparece nas demais, que é o resguardo masculino após a gravidez e parto da mulher, o chamado couvade, o homem, pai da criança também se resguarda, assim como a mulher, no sentido de dieta, apenas comer carnes leves, não de caça, no trabalho, por não executar tarefas pesadas e

não trabalhar com metais, pois acreditam que mesmo depois da criança ter nascido existe uma ligação, tanto com a mãe como com o pai, no qual suas atitudes no imediato pós-parto pode prejudicar a criança, este misto de assepsia e misticismo também aparece em outras oportunidades de resguardo.

A primeira menstruação também requer tais cuidados na cultura guarani, além da dieta, após a menarca a jovem tem de se manter coberta desde a cabeça, cortar ou raspar o cabelo, ter contato com menos pessoas possível, apenas os membros mais próximos da família e não sair de casa, pois dessa maneira evita os espíritos maus se apossarem dela, estes espíritos são entendidos como seres que habitam não apenas animais, mas plantas, rios e até pedras, animismo particular do sub-grupo *Mbua*. Neste período é a oportunidade das jovens aprender a tecer com suas avós além de outros trabalhos manuais.

A iniciação da puberdade feminina, é algo discreto, pois a vida social e principalmente religiosa está seguramente sob hegemonia masculina, exemplo disso é o mistério e a importância das cerimônias que marcam a entrada dos meninos na puberdade, ninguém, a não ser os iniciados podem participar, nem animais podem estar presentes, existem orações rezas os furos nos lábios inferiores e também a prática do resguardo, está prática tem grande importância aos índios guarani *kaiowá*, porém tendem a desaparecer por reflexo das mudanças na cultura.

O resguardo praticado pela mulher guarani é um elemento que aparece em diversas culturas espalhadas pelo mundo, é um natural isolamento e respeito, ora medo do sangue que sai da mulher. A mulher de maneira mítica sempre mereceu representações artísticas, como por exemplo as diversas estatuetas encontradas por escavadores, em contra partida, as imagens feitas por homens na antiguidade sempre travestiam um personagem, ou o xamã, ou o guerreiro, já a imagem da mulher, aparentemente, nos estudos dos mitos primitivos já demandava uma importância diferenciada, parte integrante do dualismo identificado pelo homem primitivo, assim como as bi-polaridades entre o sol e a lua, a noite e o dia, ambas as mãos dentre outros, e todas estas reservando significados ainda não totalmente evidenciados e clamantes por estudos cada vez maiores dessas culturas míticas e comparadas.

1.5.1 Concepção

A concepção, na avaliação guarani, não está necessariamente ligada à relação sexual, apesar de que os índios reconhecem a sua importância, ela ocorre por causas naturais, características de entendimento que são encontradas em outros aborígenes por todo o globo. Os Guaranis, hoje já acreditam no “fruto do pai”, ou seja, a importância do homem no processo, que ocorre da seguinte forma: o homem recebe um sonho e conta à mulher que, deste modo, fica grávida, se for menino é filho do pai, se menina, filha da mãe, porém o pai também tem responsabilidades sociais no nascimento de meninas. Caso apenas a mãe sonhe, é por que a própria alma a procurou para nascer.

1.5.2. Destino do Homem

A forma com que os índios guaranis do sul do Estado de Mato Grosso do Sul organizam o seu entendimento do sobrenatural e as relações com ele, ou seja, a religião é permeada de temas semelhantes a estudos de qualquer cultura referente a este assunto, temas como: doutrinas; existência do homem; interpretação da conexão com a natureza; deuses; seres sobrenaturais; origem da vida e a relação do homem com a divindade, são também pilares na religião guarani.

Na avaliação guarani, o sagrado é a soma da magia com o norteamento do comportamento moral, este último une as ações humanas e o pensamento. As ações humanas refletem as características do indivíduo e assim demonstram onde cada índio chegará, porém tem pouca importância nas consequências do pós-morte, este tema ainda será melhor esclarecido. Na vivência de seus ritos sagrados e da religiosidade, os índios demonstram uma dependência de poderes e pessoas que se comportam, de alguma forma mais fortes, ou seja, líderes religiosos. O trabalho missionário dos jesuítas utilizou, grandemente, esta influência de líderes no processo de aculturação indígena.

Os guaranis acreditam em uma certa dualidade, onde existem pessoas boas e pessoas más, mas vagamente reconhecem a responsabilidade moral para a

diferença desses comportamento, atribuem-nas como características próprias de cada alma, desta maneiras, estes índios desconhecem o livre-arbítrio, delegando as justificativas de ações ao destino do individuo, caso ele seja, ou bom, ou mal, é um entendimento por meio da fatalidade de modo que a índole comanda o comportamento.

1.5.3. Alma (*ayvú kuê*)

Diante da morte, o Guarani tem três atitudes: um grande medo dos falecidos, uma conformidade perante a morte e um profundo desejo de chegar à Terra sem Males. Esse medo da morte, que ao mesmo tempo se mistura a um desejo de alcançá-la, pode parecer contraditório, mas o é, apenas aparente. O medo que tem, não é da morte, mas do falecido, ou melhor, da alma que saiu do corpo, a *anguêny*.

Os guaranis acreditam que o destino do espírito ou *anguêny* não depende da ação em vida, traço apenas demonstrado já em nível de aculturação, porém se apresenta como uma resposta a ela, pois desta forma os guaranis garantem sua entrada no paraíso mítico sem depender de outros comportamento em vida, salvaguardando o seu bem maior, a liberdade.

Porém, há forma de não conquistar esta entrada no paraíso, são os casos de morte por feitiço, mas, mesmo assim, todos se encontraram no além, fora casos especialíssimos, e, nestes casos, o individuo ainda não tem culpa de ter um gênio ruim. Em relação à vida eterna, a permanência na terra para os cristãos é, também, a oportunidade para merecer sua entrada no céu, porém, para os guarani, a sua felicidade eterna já está garantida (*yvyñominbyré*), não é entendida como uma remuneração, como acontece no cristianismo, mas sim como um ideal alcançável, ou seja, a diferença principal nos dois entendimentos é a existência, ou não, de um julgamento de valores morais em vida no pós-morte, algo que feriria a liberdade guarani.

Hoje a religião guarani engloba muitos valores cristãos, seja pelas missões de jesuítas nos séculos XVI e XVII, seja pelas atuais intervenções de missões

protestantes tradicionais e neopentecostais. Este processo de aculturação religioso pode ser dividido nestas duas fases, quando, em um primeiro momento, a utilização de líderes tribais pelos jesuítas consolidou valores cristãos e o cristianismo se apresentava como redentor dos problemas guaranis, e em um segundo momento, quando as novas denominações religiosas cristãs apresentam uma ausência de doutrina sistêmica e ocorre uma assimilação de elementos isolados sem significado.

“Como índios, a gente crê em Nhanderú , que é Deus, onde fortalece nossa espiritualidade e tem também a religião da interculturalidade, que é a religião que vem de fora. Aqui na aldeia nós já temos várias dessas. A gente tenta acompanhar os dois né, mas primeiramente a gente fortalece a nossa cultura, que é a fé em Nhanderú e depois tenta acompanhar a religião que vem de fora. Aqui tem evangélico, tem católico e a gente tem que respeitar esse lado também, mas primeira coisa, a gente sempre acredita em Nhanderú. Antes disso, temos que ser índios.” (Otoniel Ricardo)

O cristianismo, no início do processo de evangelização do povo guarani não enfrentou dificuldades para englobar o politeísmo existente, pois utilizou formas já catalogadas nas práticas católicas, o expediente de utilizar outros nomes para as divindades locais, como: anjos, santos e, até mesmo, atribuições oriundas do próprio Deus, prática já utilizada desde o século II e III quando o cristianismo tornou-se religião oficial de Roma.

A religião guarani apresenta uma grande dificuldade de ser sistematizada em dogmas por respeitar e atribuir grande importância, as vivências e manifestações individuais, que acrescentam inovações heterodoxas a religião, pois, estas manifestações particulares podem acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento. Porém, os rituais secretos e privados, não são influenciados por essas inovações.

A crença espiritual do índio, dificilmente muda, mas tem a religião que vem de fora, mas está tudo envolvido na nossa cultura. Toda nossa cultura guarani-kawioa, está na escrita se você analisar bem. Então, é o modo de interpretar que é modificada. (Otoniel Ricardo)

Existe um debate sobre a pluralidade da alma, pois alguns defendem que há apenas uma alma e ela reside no peito, idéia esta que nos remete ao pensamento de um coração que guarda os sentimentos, já o pensamento plural da alma defende que a existência de duas categorias que podem abrigar um número acima de dois de almas, a primeira é a que cuida das tendências espirituais e a outra das tendências vitais instintivas, esta última categoria pode ter sido influenciada por jesuítas e a sua moral na luta entre o bem e o mal.

1.5.4. Sepultura e Sobrevida

Antigamente, tanto os Guarani como os Tupi, enterravam o falecido dentro da casa, que era abandonada em seguida. Por influência dos jesuítas, passaram a construir cemitérios, hoje localizados bem distante das aldeias, justamente pelo medo dos anguêry. Hoje, quando uma pessoa morre, é enterrada num caixão ou diretamente na terra, numa cova de cinco a sete palmos de profundidade.

O corpo fica com os pés voltados ao nascente, para que encontre, com maior facilidade, o caminho da Terra sem Males, que fica nessa direção, depois do oceano. Sobre o túmulo, são colocados os pertences e os instrumentos religiosos do falecido, como o maracá (chocalho). Durante os primeiros dias, acende-se uma fogueira para iluminá-lo na caminhada. Se é uma criança, acende-se apenas uma vela, pois, sendo menor, não precisa de muita luz. Quando a alma já chegou no outro mundo, pode aparecer em sonho, para dar conselhos.

Os Guarani acreditam que alguém pode reencarnar, tomando o atsyguá, isto é, o espírito do outro. O nome de alguém já falecido, dado a outra pessoa, pode significar essa reencarnação. Por sua vez, os que levaram uma vida má podem se transformar em animais, após a morte.

1.5.5. Reencarnação

Ñandedjára , nosso senhor, para os guaranis, envia uma criança pela primeira vez , caso este individuo morra ainda criança terá a oportunidade de renascer pela mesma mãe, ainda mais quando a perda causa uma dor muito grande na família, caso ocorra da criança não reencarnar acontece a dança religiosa chamada *djeroky* , quando a mãe de Deus, *Tuãtsy*, decidirá o que fazer, a criança pode vir em um sexo diferente. A reencarnação garante a continuidade social de gerações passadas e futuras, porém é tema de debate nestas tribos, pois alguns não acreditam em reencarnação, já outros acreditam na reencarnação apenas das crianças, e esta é a opinião mais defendida, deste modo há espíritos que nunca estiveram na terra, porém alguns defendem a reencarnação de todos e que todos os espíritos já estiveram na terra, assim se justifica o entendimento de comunhão entre o mundo e o além que se compõem em um todo indivisível. Esta última interpretação da relação do mundo dos visos e o além como um 'todo' se remete também a formas de interpretação holística do misticismo oriental.

1.5.6. *Djasukávy*

Este princípio filosófico de emanção, onde dele surgiram deus e a humanidade, não se humaniza nem se personifica, é apenas uma idéia mítica, é a identificação mítica entre as civilizações terrestre e as celestes (*tavyterã*).

1.5.7. Suicídio

Na história recente, antes dos casos evidenciados, a prática do suicídio acontecia na etnia, o contato com outros troncos lingüísticos causavam conflitos e crises que acabavam por surgir casos de suicídios nas aldeias. As cinco maiores religiões do mundo acreditam em um pós-morte pois é característica da criação do imaginário a edificação de uma continuação espiritual do corpo físico que sucumbe. O ambiente do pós morte tende a ser sempre melhor que as condições encontradas em uma vida terrena, típica inversão de pólos da dualidade identificada por Bystrina

que, para suavizar o entendimento de morte, que não é algo positivo, mas sim negativo, invertem para forma de entrada no paraíso, que é algo positivo, e assim as religiões monopolizam o processo de transformação mediando, por meio de ritos de passagem e elementos simbólicos esta transição porém, para evitar uma escalada da prática do suicídio para os interessados em alcançar, de maneira mais rápida, o paraíso, e saírem de uma realidade negativa, como acontece com os guarani.

Foi diagnosticado que as práticas morais na sua vivência terrena seria julgada pela força sobrenatural criadora e que o suicídio é uma condenação certa mas, apesar da religião guarani também ter esta visão do paraíso, ela não compreendia o processo do julgamento e a relação do comportamento moral em vida e as suas consequências no pós morte, onde eles terão a felicidade eterna garantida, pois, em vida nada pode interferir na liberdade de ações dos guaranis, logo é possível que, assim começa-se a evidenciar uma das questões levantadas na pesquisa: as possíveis motivações culturais para o suicídio.

“A atitude da religião Guarani em face da vida terrena é mais negativa do que positiva. Para o cristão, a vida na terra oferece pelo menos oportunidade para poder merecer o Céu, para o indivíduo praticar virtudes de que dependerá a sua sorte futura. O Guarani não precisa merecer o Céu, pois todos são destinados à felicidade eterna. Não se liga a ele a idéia de remuneração, mas simplesmente a de um ideal que se procura alcançar – e que todos alcançarão se a sorte não lhes for demasiado adversa se, no caminho para o Além, a alma não se tornar vítima dos múltiplos érigos que a espreitam na jornada”. (Schaden. 1974:104)

Mas nos depoimentos colhidos nas visitas de campo, a avaliação moral do suicídio ficou explicitada como negativa e sendo caracterizada como fator limitante ao alcance do paraíso. Prática condenável que não conduz a “Terra sem Males”, o suicídio é rechaçado como alternativa do pós-morte:

“Quem se mata não encontrará a Terra Sem males, porque este tipo de morte é ruim, eles nem são enterrados nos cemitérios nossos, são enterrados no mesmo lugar que se mataram e bem rápido, não se pode ter cerimônia, e nem sentir muito” (Cacique Jorge Paulo)

2. CAPÍTULO I – NARRADORES, DEPOIMENTOS, OPINIÕES E INTERPRETAÇÕES DOS SUICÍDIOS NA ALDEIA

2.1 Causas

As causas imediatas dos suicídios que foram identificadas nas visitas de campo, geralmente, são questões sócio-econômicas; exemplo são os salários baixos, desemprego, a falta de perspectivas e de terras para a prática do verdadeiro modo de viver indígena, tratado por muitos como confinamento, até mesmo cultural. Verdade esta afirmada pela liderança indígena do município de Caarapó/MS, Otoniel Ricardo:

“A grande questão é a terra. A limitação é muito grande na terra, então não é a religião que atrapalha, é a questão da limitação da terra mesmo. O modo de que foi distribuída a terra foi errada. O modo de convivência e o contato com o homem branco, atrapalhou muito. A gente não tinha limite, tinha liberdade. Tinha autonomia, sustentabilidade e tinha forma da gente crescer, mas a partir do momento que entrou em contato com o homem branco, 500 anos atrás, ali já começou a morrer a força do índio, mas a do guarani ainda resiste.” (Otoniel Ricardo)

2.1.1. Pobreza

Nos relatos dos diversos informantes emerge também a relação da prática do suicídio com a situação socioeconômica, em especial, a grande pobreza por que passa os índios kaiowá/guarani. Um caso que explicita estas motivações sociais foi relatada por Valdomiro Ortiz, professor na reserva, que descreve as impressões que teve em relação ao suicídio do seu irmão, Ademir Ortiz, índio guarani, de 17 anos, morto em 8 de julho de 1995:

“(...) o salário está cada vez mais baixo. Ele queria casar e ter uma família, mas pensando [nisto], mais para frente, via todas as dificuldades e chegou a dizer que gostaria de ter um cargo como o meu [professor] e assim poder ter uma vida melhor ao lado da mulher.

Pensando nisso, foi ficando mais triste ainda até que se suicidou”.

2.1.2. Feitiços

Segundo o indígena Oswaldo Batista, que afirma a força dos feitiços na prática do suicídio, a situação socioeconômica é um fator que compõe as razões que favorecem um ambiente propício a prática da morte:

“É tudo misturado (..) é tudo arrendado (...) então por aí falta pra ele trabalho (...) talvez falta comida, falta pra ele alimentação (...) por aí pensa sobre isso, talvez criança, talvez homem, mulher, também por ai acontece isso. Em vez de rouba qualquer coisa, em vez de pega coisa dos outros pra come, então aquele não que faze, pegou o suicídio, faze, NE, morre pra não sofre isso”.

Os feitiços são relatados com relativa frequência para a justificativa das mortes, em relatório produzido pela FUNAI, consta que vários moradores da localidade na época, afirmaram que havia *“uma feiticeira dentro da área que vem realizando este tipo de trabalho”*. Oswaldo Batista, vice-capitão, em entrevista sobre o suicídio, relatou a morte de um menino de 15 anos, que morreu 8 dias após roubar dinheiro de um velho, quando o velho assim afirmara: *“esse aí não vai longe, amanhã por aí sua mãe vai chorar por você, diz”*. Outro aspecto místico lembrado nas entrevistas, foia proximidade com o ano 2000, o jovem Ângelo Mendez, atribuiu a onda de suicídios ao medo da chegada do novo milênio:

“Acho que foi mesmo o tempo. Sabe porque é, a gente estava chegando ao ano dois mil. Dois mil ano! Esta com medo de não alcançar e morrer mesmo, o medo de dois mil anos não passar”.

2.1.3. Tristeza

Todos os índios que são personagem deste trabalho se repetem em alguns termos para retratar as razões que levam ao atentado contra a própria vida, um

destes termos é a palavra “tristeza”, segundo muito, quando o indivíduo é acometido por este mal, não tem como salvar, vai cometer o suicídio:

“começa com uma tristeza, ele vem por uma tristeza, aí acha que esta tristeza não vai mais sai dele (...) nem a mãe, nem o pai consola ele (...) e por aí também corre esse negócio de bebida alcoólica e já cria coragem pra fazer isso daí, porque ele só não vai fazer”.

A foto a baixo, mostra a situação da maioria das famílias indígenas nas aldeias, são barracos, sem a menor infraestrutura com um número de habitantes bastante grande por unidade. Um processo avançado de favelização.



Foto II: Família indígena em um barraco

2.1.4. Desintegração Familiar

Existem outras motivações, além das socioeconômicas, lembradas como fatores determinantes para provocar o suicídio de indivíduos dentro da aldeia. Assunção Gonçalves, professor, hoje residente no Jarará, lembra da morte de Arnaldo franco, de 22 anos, pai de dois filhos, morto em 17 de abril de 1995, após retomar o trabalho na destilaria. Enforcou-se dentro de casa “*quase sentado em cima da tarimba dele*”. Tinha ido á cidade de Caarapó, ele e a mulher e na volta se desentenderam e “*ficou dois dias brigando. Aí ele encheu e se enforcou*”. Outro caso foi descrito por Dílson Duarte Riquelme, um dos capitães da aldeia, sobre a morte do índio Brás Gimenez, e retrata problemas dentro de um casamento e misticismo.

“Primeiro a mulher pegou outro homem. Então ele falou para ela, ou deixasse ele (...) ou ele iria embora. A mulher nada falou e foi tomar veneno. Aí ele casou de novo com outra mulher , mas não deu certo e quis separar. Aí a mulher ameaçou ele com feitiço. Aí ele pegou o resto do veneno com que a primeira mulher se matou e morreu 15 dias depois”.

Mais um problema em família foi narrado como razão para um caso de um menino de 12 anos, Alexandrino Quevedo, morto em março de 1995, quem lembra dos detalhes é Feliciano Gonçalves, atual marido da mãe do garoto:

“o pai do menino batia muito na mãe e no menino, já separado, o pai tomou o menino da mãe e dizem que a madrasta judiava do menino. Aí ele se matou.”

O Capitão da Aldeia na época, Silvio Paulo é categórico em afirmar que a desintegração familiar é o principal motivo dos suicídios na aldeia, para ilustrar a opinião narra mais um caso onde seu argumento encontra forças para ser explorado:

“sempre é problema de família (...) toda pesquisa que faço dá isto. Marido, sogro, sogra, tudo briga de família. Exemplo de Braulina, que foi arrancar dente. Quando voltou a mãe dele estava lutando contra o fogo e chamou ela para ajudar. Não sabia que tinha arrancado dente. Ela não foi, depois a mãe foi ralar com ela. Saiu e foi tomar veneno. Deu para salvar. Depois que entrei de capitão [assumi em 1995] teve três tentativas de suicídio e dois morreram”

Feliciano Gonçalves reproduz o depoimento de um outro índio sobre este assunto:

“eu olho para o lado de minha família, e eu tenho dó. Eu olho pro lado de minha roça, não tenho nada que dá de come. Dinheiro não tem. Eu não tenho nem roça e não tenho um patrão pra mim sai e trabalha (...O tirando minha vida(...)) os outro trata do meu filho. Daí eu já não vejo mais”

2.1.5. Bebidas Alcoólicas

A presença da bebida alcoólica é uma constante nas narrativas coletada, o excesso é descrito como razão de desavenças familiares e encorajador para aqueles que querem retirar a sua própria vida. Pedro Duarte de 21 anos, refere-se a morte da sua irmã, de 31, ocorrida em janeiro de 1995, ele explica que, no dia do aniversário do marido, com quem estava casada há 4 meses e que sempre trabalhou em contratos de trabalho fora da reserva:

“Sábado fez canjica, amanheceu tomando pinga, escondido da irmã. Bêbeda encheu o saco da irmã dela que falou para parar de beber. Aí falou que ia para a casa da mãe. Aí acharam ela segunda-feira, mais ou menos às oito hora, enganchada em uma cinta. (...) Ela estava bêbada, sentada e apoiada na cinta, morta”

A influência da bebida é minimizada pela liderança João Martins, ele acredita que outros problemas e principalmente a tristeza é que desencadeia o processo que leva a morte dos índios:

“a bebida não tem problema para o índio. Ele bebe e fica por aí deitado e já fica bom. É só quando ele já tem alguma coisa que atrapalha ele, algum desgosto, então ele fica triste e já pensa em se enforcar. Quando já tem alguma coisa que aprontou ou algum insulto que ele teve. Assim na usina. Às vezes recebe notícia da mulher e aí já fica triste”.

2.1.6. Suicídio como doença

Muitos acreditam no suicídio como patologia que se alastrou pela comunidade na época, com características bem definidas que alcançou um grande número de indivíduos, uma das principais características desta doença para a maioria dos caciques é que o doente não consegue falar, como explica o velho Cacique Jorge Paulo:

“tem doença que aquele que tem não descobre e não sabe, não consegue dizer e fala o que tem. A pessoa ainda não sentiu e já tem doença, mas não sabe (...), o que suicida não vem e fala e aí já doença pegou mesmo e se mata”

O capitão Adolfo Nelson explica que *“não é doença como dor de cabeça, mas ele sente, fica tudo amarelo e já não entende mais e não consegue mais falar. Quando o espírito encontra, já não entende mais”*. O mesmo explicou o Capitão Pirajuy. Segundo ele, que quando o espírito entra na pessoa *“dá uma tristeza que não podia agüentar ou nervoso que chegando numa corda já vai pensando em se suicidar”*. Há uma surpreendente unanimidade entre todos os informantes sobre o aspecto da confusão mental e da ausência de decisão consciente, que precede o ato de suicidar. O professor Valdomiro Martins, de 31 anos acredita que seu irmão tenha pegado a doença depois de um dia de trabalho em uma usina de álcool:

“(...) meu irmão que pegou essa doença. Quando sentiu que estava pra Chavante [usina de álcool] e quando sentiu também já sentiu. Pronto já sentiu aquela coisa e não pensa em mais nada (...) sentiu uma tontura assim na cabeça e olho escuro. Parece que está dormindo (...) e também que escuta música. A música não pode pra não dá fome, não dá nada (...) quando pensou já tinha chegado em Caarapó. Depois chegou aqui na casa de meu pai. Aí falou que eu to doente (...) acho que se mata. Eu já sentiu muito feio. Queria se mata, se faquea a ele mesmo...”

A liderança Hamilton Benitez explica que, para evitar que a doença se espalhe, *“precisa segurar o dono da doença. Hoje não segura mais porque quem poderia segurar seria os Nanderu e tekoaruvicha. E ele não pensa mais nisto e não conseguiu”*. E continua explicando que tem reza para chamar o dono da doença. E

hoje os velhos e rezadores dizem que “*já não interessa mais pela nossa reza, deixam que o povo se vira (...), ficam bem quietos e com isso vem a doença. E aí não sabe é mais atingido é o pessoal mais novo porque não se interessa mais e aí não sabe o que acontece*”. Aliás, as explicações para o fato de o maior índice de suicídios se dar entre os jovens são sempre as mesmas: “*porque ainda não sabem*”. Julio Lopez explica o que é o dono da doença:

“acha bom o movimento que aconteceu, porque ninguém mais sai em contra ele. Não faz mais benzimento (...) nosso sistema mudou. Pegamos o sistema do branco (...) por isso que continua suicídio porque não tem ninguém em contra esta doença”.

Muito do mencionado no presente trabalho vem de informantes indígenas, fonte semelhante à utilizada por outros estudiosos que identificaram uma estratégia para minimizar o número de suicídios, e que acabou por atrapalhar os registros estatísticos. Com o objetivo de “retirar da memória” a prática do atentado contra a vida, as autoridades das últimas décadas desestimulavam o armazenamento de dados referentes aos suicídios, ou seja, os números já mencionados ainda podem ser maiores.

“...estes casos ocorridos na história recente pode não terem sido registrados pelos pesquisadores por se tratarem de poucos, e certamente, o eventual registro etnográfico teria sido dificuldade pela forma de combater esta prática não se comentando...” (Brand, 1997:155).

Um outro aspecto, mas neste caso cultural, é o não comentário entre os índios dos casos encontrados. Foi relatado por algumas lideranças que “a visita nos locais onde havia enforcados, poderia levar até a doenças”. A crença popular da etnia em questão, orientava os índios a não realizarem cerimônias fúnebres nos locais onde haviam sido encontrados os corpos dos suicidas, a fim de não prolongarem tal prática.

“Cuidados mortuários e ritos religiosos permitiram que a alma pudesse apresentar-se digna e respeitosamente diante do tribunal supremo. Em caso de privação de sepultura o defunto podia vagar errante eternamente sem encontrar repouso” (Bayard, 1996:179).

Um grupo de Caciques, depois de um evento religioso que não foi permitido o registro, explicou quais são os hábitos mais aconselháveis para se realizar no local de um suicídio, assim como o morto tem que ser lembrado, estratégia para evitar a influencia mística na decisão de provocar a própria morte, de outros indígenas:

“onde ele morreu tem que ser benzido e não pode coloca cruz para ele deixa só onde está, isso porque ele tirou sua própria vida. Não devemos ama muito ou senti muito esse acontecimento [não engrandecer o falecido], (...) não devemos jamais acende vela para ele, nem toma pinga no velório (...) o suicídio não terá mais em nosso meios”.

Um exemplo do receio do suicídio como doença e a influencia do espírito de outros suicidas em atentados contra própria vida que podem ocorrer no futuro foi o que aconteceu com o menino Cirilei, de 12 anos, que foi salvo do suicídio por outros indígenas, o caso foi narrado pela liderança Adolfo Nelson:

“(...) o espírito da menina enforcada que chamava ele. Quando chegou na árvore, foi a mesma menina que jogou o piola por cima [do galho]. Ele nem sabia de nada. O espírito da menina fazia tudo [a menina a que se refere suicidara-se um ano antes]. Meu filho Gerson aconteceu a mesma coisa. Igual bêbado, louco e caiu”...

2.2. Incidências de Suicídios no passado

Quando as lideranças indígenas com mais idade são questionadas se sempre houve casos de suicídio na aldeia?, as opiniões se dividem, os registros ainda mencionam alguns casos nos séculos passados e na década de 1920, e alguns indígenas afirmam que existiam casos isolados, como relata Hamilton Benitez: *“sempre tinha, mas não muito porque pouca reza pedindo e muito contra”*. O cacique Júlio Lopez afirma que *“já acontecia muito o suicídio, não é de agora, depois que entrou a cultura dos Karai”*, o próprio estudioso Egon Schaden vai afirmar no decorrer deste trabalho que aconteciam atentados contra a própria vida na reserva, porém, outros índios relatam com saudosismos, que as rezas e as tradições faziam

com que os problemas fossem menores e resolvidos de outra maneira. O velho Ubaldo Castelan afirma que:

“não aconteceu não (...), por isso que o índio antigo foi bem, porque agora já é diferente, porque algum, bebendo, às vezes briga com a mulher, à vezes tem algum problema, tem problema sério, aí ele pensava que morre, que acaba a vida”.

Na mesma linha de pensamento, Feliciano Gonçalves complementa que:

“cheguei por aqui de 49 anos e pouco, (...) de dois anos atrás pra cá, eu vi primeira vez que fui fazer levantamento da região, eu vi aquele, primeira vez. Me deu medo(...). Nem de quando criança eu não vejo essas coisas”.

2.3. O Pós-morte

Por meio das narrativas, há explicações diversas sobre as motivações que aumentaram o número de suicídios nas aldeias em mato grosso do Sul, porém, existe também, profundas convergências importantes, a de destaque é a convicção de quem se mata não encontra o caminho que toda alma kaiowá/guarani deve percorrer após a morte. O capitão Carlos Vilhalva é claro : *“(...) isso é uma doença. A pessoa morre de enforcamento e não se clareia para ela o céu”.* Hamilton Benitez, vai na mesma linha:

“Quem suicida não acha o caminho e a alma dele fica por aqui. E aí chama outro. Quem enforca é mais fácil achar o caminho do que quem faqueia, banhado de sangue. Quem se mata nunca chega lá porque ‘fechou a estrada’ porque quando a gente morre sai por aqui (pela boca), a palavra”

O depoimento de Afonço Nelson segue na mesma linha. Para o enforcado *“não tem caminho para ele. Precisa alguém para fazer o caminho dele. Aí ele entra no outro. Mas mesmo assim não encontra caminho”.* Rosalino Ortiz afirma que quem se mata *“vai até lá mas o portão está fechado e aí vai no kururuý (...) porque Deus não recebe porque morreu fora do tempo”.* O Cacique Júlio Lopes afirma que quem

retira a sua própria vida *“não foi para Deus, não foi recebido, dizemo, por muitas mortes (...), mais outri é morto para levar o outro, que já morreu”*. Ele prossegue: *‘os que morreram cortado ficam, não sai para cima de jeito nenhum’*.

O cacique Isac de Souza explica que a alma de quem se suicida *“procura onde que vai a estrada. Você nunca acha. Enquanto uma pessoa não mostra pra você estrada, você não sabe a estrada pra ir pra onde você vai. É mesma coisa que ta fazendo NE. Que ele não acha estrada pra ir pro céu’*.

Essa afirmação da impossibilidade de encontrara estrada que levaria até o céu é repetida por todos os caciques encontrados para fornecer depoimentos para este trabalho. Lísio Turiba afirma: *“Os que eram errantes deste mundo, a assombração do suicídio, não que deixa este mundo, que dize, fica cego, não enxerga caminho para onde ir”*.

Em conversas informais foi situado uma dicotomia entre morte solitária e a morte pública, coletiva. A primeira é a do suicídio e julgada como ruim, mau avaliada pelos índios, a segundo, honrosa, em batalhas ou conflitos. A morte solitária também pode ser por feitiço e também dificulta a ascensão do morto para uma vida elevada na espiritualidade, *“quem morre de feitiço também não recebe porque não morreu naturalmente. Não foi chamado. Morreu de força. Não é abençoado, por isso persegue outro”*, afirma Rosalino Ortiz.

A intenção dos indígenas na época para evitar o suicídio era retornar uma vida mais coletiva, pois, as mortes aconteciam por meio da reclusão, ora em suas casas, ora no meio da mata, deste modo cresceu o número de pessoas que foram salvas antes de concretizar o suicídio.

2.4. Alternativa

Existe também uma relativa unanimidade quanto a forma de curar a referida doença. Mesmo sendo feitiço, a alternativa é o retorno a prática das rezas pelos

caciques. Valdomiro Martins diz que tem oração que “faz para provocar” e tem “oração para combater” e que “a esperança está no cacique”.

As crianças, segundo Carlos Wilhalva precisam aprender de novo. “Tem que formar de novo essa criança, ensiná pra ver se melhora de novo nossa vida”. Para segurar a doença “depende de todos, não só de um ou de outro. Tem que ser parêlho e todo mundo [rezadores] unânime para ser forte. Tem que segurar de noite e de dia”, diz Hamilton Benitez.



Foto III: Crianças da Aldeia

A impressão que as falas dos índios kaiowá/guarani proporcionaram é que a cura para a doença do suicídio está no retorno aos ritos e práticas das religiões tradicionais, como também o reempoderamento dos caciques como lideranças religiosas influentes, as rezas seriam as principais estratégias para isso. Um fator

limitante para o funcionamento desta solução é a desmobilização: “a comunidade mesmo, não participa, não participou”.

3. CAPÍTULO II – COBERTURA JORNALÍSTICA DO SUICÍDIO KAIOWÁ/GUARANI

3.1. Jornal Impresso como Gênero

Os Estudos que materializam a lingüística também se baseiam em quanto o meio de veiculação da informação da informação contribui para a instauração da própria significação, a forma de expressão altera significativamente aquilo que está sendo informado, o anteparo, o receptáculo também altera a mensagem. Tendo feito estas observações se faz importante abordar as características de uma publicação em um jornal diário impresso como fator influente no discurso, bem como estas implicações no tempo e no espaço construídos em cada suporte. Os textos expostos, como não poderiam deixar de serem preservam as peculiaridades da língua como algo heterogêneo.

“A escolha de um gênero representa a vontade do sujeito. Todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção. Nós os empregamos de forma segura e habilidosa e(...) usamos até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinado gênero (...0 e essas formas de gênero são nos dadas quase que da mesma forma que nos é dada a língua materna” (BAKHTIN,1992: 282)

Com o devido respeito ao falar de escolha de gênero textual, tendo em vista que a sociedade é fragmentada e se mistura, pois aquilo que é falado está entrecortado de outros, que tende a se misturar. No gênero jornalístico o que acontece é que os atores envolvidos são os autores e os leitores, estes últimos determinam o que os primeiros vão escrever com fim de um agir sobre o outro.

O Estudo dos gêneros tem suscitado discussões desde a antiguidade clássica. Platão a Aristóteles já abordavam a cerca da poesia e da prosa, ou os três gêneros fundamentais, o lírico, o épico e o dramático, ou numa interpretação temporal em que o lirismo era responsável pelo presente e a recordação , o épico pelo passado e o dramático pelo futuro.

O gênero de informação midiática se caracteriza ou se define segundo o cruzamento entre um tipo de instância enunciativa, como o autor é identificado e o lugar que ele ocupa na sociedade. O modo como o discurso que vai depender do tratamento dado a notícia, relata o acontecimento, comenta e provoca e por fim, pelo tipo de dispositivo, ou seja, o suporte midiático (imprensa, rádio, televisão ou computador), ou seja, as regras, o público e os efeitos se divergem de suporte para suporte.

Com o objetivo de transformar um fato em notícia, a mídia precisa primar pela organização do código. Dessa forma, um texto midiático deve buscar a intelegibilidade, a espetacularização e a visibilidade, além do ineditismo, improbabilidade, o interesse, a empatia, a proximidade e a atualidade. A intelegibilidade é para tornar a notícia clara, acessível ao público, está associada a forma de apresentação deste conteúdo, mediante à outras classificações - editorial, crônica, análise, charges, palavras cruzadas, entrevistas, dentre outras - . A Espetacularização tem como intuito atrair a atenção da população, suscitar interesse e emoção, criar envolvimento, que além de manter a fluência da informação, naquele instante, também torna o indivíduo cativo do meio de comunicação, principalmente pelo fato de o gênero midiático estar se misturando com outros gêneros e exigindo uma denominação, como também divulgação científica, como aquele que facilita ao leitor o conhecimento científico mediante uma linguagem técnica e mais literária, que provoca, seja a vontade de modificar a sociedade, de combatê-la, de se evadir, de contemplar, o que até outrora era proibido para a mídia. A visibilidade do texto midiático regula a composição das páginas de um jornal, notícias, desenhos, gráficos, titulações, e as funções pelas quais o conteúdo é enfatizado, característica que reclama urgência na feitura, pois tem de respeitar a velocidade dos fatos e a necessidade de provocar sensações nos espectadores. O jornal deve proporcionar uma diversidade de assuntos com uma diversidade de recursos lingüísticos e semióticos de forma que o público tenha acesso a uma visão global das temáticas abordadas, tentando também produzir uma sensação de que os fatos ali relatados ou comentados são verdades inquestionáveis.

As novas estratégias midiática são: o inesperado e envolvimento da notícia com as pessoas, ou seja o grau de importância que a notícia tem para os

interlocutores para criar identificação, assim como estabelecer vínculos por meio da proximidade geográfica com a população. Todos esses elementos são de fundamental importância no que tange os interesses do jornalismo impresso, processos que devem ser definidos e redefinidos com o intervalo de um dia, respeitando a rotina da redação.

A linguagem do jornalismo impresso pode contar com um ou mais formas em um mesmo veículo, o tornando sincrético, pois aplica manifestações visuais, escritas e orais. Estes diferentes formatos são encaixados com o intento de provocar determinadas sensações, sentidos pré-estabelecidos pelos pensadores do meio. O jornalismo impresso dispõe do tipo de papel, a tipografia, as cores das letras, as fotos, os subgêneros (primeira página, editorial, classificados, caderno de esporte, dentre outros), a ordem da notícia no papel e os espaços, os quais funcionam como elemento organizador nos jornais.

Sobre o espaço de papel, é ele, claramente delimitado, repetido a cada edição, que se constrói um mundo de imagens e palavras que encenam seus valores em um jogo. A disposição espacial de unidades verbais e não verbais condiciona o que é mais e menos importante para um autor. O manejo dos vocábulos segue uma lógica em um pedaço de papel. A diagramação cria determinados padrões, faz com que as regras sejam respeitadas, exemplos são; o corpo da letra, o número de colunas para as matérias, o posicionamento de fotos, e o trabalho em cima de cada item.

Deste modo estas características, criteriosamente analisadas revelam indícios que apontam para a motivação do autor, há uma criação de hierarquias tendo em vista o efeito que se espera produzir, assim se cria o real para ser consumido em forma de notícia e atendendo a determinadas intenções. A aparente objetividade e transparência da criação do real é o receituário para a formação de um simulacro.

Obedecendo às características já citadas com competência, o jornal impresso se faz de forma viável a ser consumido e respeitado como empreendimento. Nesta caso específico, como relatado na introdução este trabalho, o jornal Impresso que

serve de base é “O Progresso” – nome positivista – um jornal conservador com sede em Dourados, Mato grosso do Sul, disto 220 quilômetros da Capital, Campo Grande.

Este veículo, no início da década de 1990, já apontava, de maneira particular, os acontecimentos em aldeias da região de sua maior atuação. Nos textos fica evidente a relação entre culturas, uma descrevendo e outra sendo descrita, uma relação de poder. A tensão criada neste contato é porque existe a intenção se traduzir uma cultura, suas demandas, em poucas linhas e de maneira popular, além de tudo obedecendo há critérios da conjuntura política local.

O Contexto geopolítico da localidade informa que a região da Grande Dourados é uma importante produtora de grãos, formada por vastas propriedades de monocultura, em meio á este potencial político e econômico está, em pequenas propriedades, com a agricultura familiar de subsistência as reservas indígenas, dois modelos econômicos diferentes, comparados. O primeiro exerce o poder sobre o segundo, uma de suas ferramentas é a mídia, que subjuga a segunda cultura com argumentos ocidentais, cristãos e capitalistas.

Na análise de matérias publicadas no referido jornal, fica mais clara a relação são de poder:

“Para Bhabha, para entender a representação, é primordial entender o lócus de enunciação do narrador, do escritor ou, enfim, o lócus de enunciação de quem fala; isso toda a gama heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem o sujeito porque, diferentemente do conceito de enunciados prontos, homogêneos e fechados, o conceito de lócus de enunciação revela esse lócus atravessado por toda a gama heterogênea das ideologias e valores socioculturais que constituem qualquer sujeito” (SOUZA, 1991: 119)

3.2. A Causa Indígena (EDITORIAL)

A causa indígena

Hoje, 19 de abril, é o Dia do Índio. A questão indígena tornou-se polêmica nos últimos anos, sobretudo no plano internacional, devido as pressões do primeiro mundo sobre o Brasil por causa da destruição irracional do meio-ambiente, do qual o índio, obviamente, faz parte. Os conflitos gerados com o problema dos garimpos na Reserva Yanomami, e as questões mais próximas da realidade local, como a exploração dos índios nas frentes de corte de cana, a irresponsabilidade na venda de bebidas alcoólicas aos nativos da reserva e os consequentes atropelamentos na rodovia que demanda a Itaporá, sempre no horário noturno, são fatos que mostram bem o descaso com a preservação daqueles que são os primeiros habitantes do planeta e possuem uma cultura forte, evoluída a tal ponto que muitos brancos não conseguem entendê-la e por isso a ignoram.

Se não fossem os grupos de apoio aos índios que surgiram nos últimos tempos, como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), ligado a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a solidariedade de ambientalistas, artistas e de intelectuais que acordaram a tempo, antes que os indígenas fossem totalmente dizimados, talvez eles estivessem em pior situação. O próprio projeto Mata Virgem, iniciativa do cantor inglês Sting que veio ao Brasil conhecer de perto a realidade do setor e depois levou o cacique Raoni, símbolo da resistência indígena, a tirá-lo para uma turnê de shows no mundo e contatos com dirigentes políticos dos países mais desenvolvidos para angariar fundos para o projeto, visando com isso a demarcação de reservas e programas de saúde, hoje causa certa dúvida sobre seus objetivos porque até agora não se foi, efetivamente, divulgado às claras sobre o destino dos recursos obtidos.

Os índios sempre foram explorados e massacrados pela utopia do progresso indiscriminado. As inúmeras discussões que se promoveram até agora pareceram inúteis no campo prático, e agora as atenções se voltam para o que o presidente Fernando Collor de Mello, tido como homem de pulso firme, fará em relação a lastimável e vergonhosa situação do índio brasileiro. O seu encontro repentino com índios da Reserva Yanomami, logo nos primeiros dias do seu Governo, e a sua ordem para destruir as pistas de aviões clandestinas existentes naquela região, parece que tiveram mais o efeito de desviar as atenções. Sim, mesmo porque o seu discurso, junto aos garimpeiros, foi ambíguo, e o presidente na realidade não tomou posição. A indicação do ecologista José Lutzenberger para a Secretaria do Meio Ambiente da Presidência da República, teve uma repercussão positiva internamente e no exterior, mas até agora ainda não se definiu uma política realista e que realmente levasse em consideração o lado indigenista.

Esta questão na verdade, é uma questão de cultura, mas sempre os interesses econômicos sobrepõem à razão, infelizmente. Espera-se que o Dia do Índio sirva, pelo menos, para uma reflexão profunda sobre a situação desses primeiros habitantes e legítimos brasileiros que souberam, com o tempo, conviver harmonicamente com a Natureza sem destruí-la. Conseguiram cultivar costumes, hábitos, línguas, maneiras e cantos que sobrevivem há dois anos e com isso alcançar um estágio de evolução espiritual pouco comum nos homens brancos. E mesmo assim eles são tratados com desprezo. Até quando tudo isso continuará

O objeto discutido no texto é o índio, mas ele não é o público não é o indígena, mas sim o não índio. O objeto está sendo representado em um meio ambiente criado, um simulacro que serve a algum objetivo, os elementos do trabalho

estão presentes no texto, outros aspectos são lembrados, como a utilização de bebidas alcoólicas, a distância entre o autor e o objeto e a forma de discurso pode lembrar a descrição e preocupação que órgãos oficiais apresentam com “animais em extinção”.

Há o julgamento de evolução em relação a cultura indígena, neste diálogo onde o autor e o destinatário se confundem, pois em uma perspectiva econômica, se trata de integrantes de uma mesma cultura. O autor manipula o texto em suas descrições, evidencia características espirituais, faz comparações com o “homem branco”, e o critica pois “despreza tal patrimônio cultural.

Outro aspecto implícito no texto é a involução dos chamados “primeiros proprietários da terra” ou “primeiros habitantes”, em uma lógica capitalista, onde o material jornalístico está inserido, estes citados, são os perdedores em qualquer relação, os que não “produziram” com as terras de sua propriedade. Os valores capitalistas de modernização financeira são lembrados, quando, a contribuição indígena seria cultural e remetida a um passado.

O conflito entre a sociedade do ser e a sociedade do ter fica evidente no editorial, que também questiona iniciativas para a preservação cultural de povos tradicionais. Tudo em uma data com significado, “o dia do Índio”, 19 de abril de 1990, esse isolamento folclorizadores, que corroboram com a relação hierarquizada entre culturas, de maneira estanque não respeitando o ir e vir natural das culturas.

Os sujeitos não indígenas são lembrados de maneira predominante com o aspecto negativo na exploração ambiental e na ausência de apoio as comunidade indígenas a caminho da extinção. Os índios são aqueles que mantém vivas tradições e ritos importantes, preservadores de cultura, o texto conclui como uma relação de atrito e pesar com a expectativa de futuro.

O autor critica as políticas internacionais e as nacionais em relação ao meio ambiente e aos povos indígenas, se coloca como um político ao mencionar o presidente da época, além de fazer incursões na antropologia quando cita a história do índio, sua fala na terceira pessoa o distancia do objeto debatido, a cima de todas

estas questões disserta sobre o assunto com suposta autoridade. Há um numero grande de discursos convergindo na matéria, são todos estes citados ganhando voz e vez para expor opiniões.

O espaço de um editorial no jornal é reservado à opinião do veículo, neste caso a idéia central é um aparente debate ao discurso oficial do governo em relação aos temas levantados. O texto é construído, em um primeiro momento com uma enumeração de fatos, até que inicia-se um diálogo com questionamentos sobre a continuidade dos problemas.

3.3. Mais um índio é encontrado enforcado

Mais um índio é encontrado enforcado

Por motivos ainda desconhecidos, mas que já vem se tornando uma constância, mais um silvícola praticou o suicídio, no último final de semana, e seu corpo foi encontrado pendurado num galho de árvore, no interior da reserva indígena, informou Edmilson Ortiz Neres, chefe do posto.

Segundo consta, familiares de Deigo Marques, 27 anos, estranharam a ausência do mesmo e saíram à sua procura, acabando por encontrá-lo pen-

durado num galho de árvore, onde amarrou uma corda que por sua vez atou a seu pescoço.

Informações dão conta que este é o décimo terceiro caso de suicídio através de enforcamento, sem coniar casos de ingestão de veneno. Os motivos destas mortes, segundo os estudiosos, é que a raça indígena sempre que sofre uma decepção, cai em depressão, acabando por ceifar a própria vida.

ESFAQUEADO NA PERNA

O mecânico Antônio Borges, 45 anos, morador à rua Monte Alegre, desentendeu-se com seu vizinho, Geraldo de tal. Eles discutiram porque Antônio disse que estava sumindo ferramentas de sua oficina e como o mesmo não gostou entraram em violenta luta corporal. Geraldo que estava levando a pior sacou de uma faca e cortou a perna da vítima fugindo em seguida.

O Texto que retrata a vida e a morte no contexto do suicídio, traz o índio como sujeito, em busca da fuga da tristeza e encontra no atentado contra a própria vida uma alternativa. A inversão da polaridade morte/vida, ruim/bom, acontece quando é justificado, por meio de argumentos místicos, o lado positivo do pós morte, como condições divinas de existência, há na sociedade indígenas duas fontes de

valores: a comunidade indígena e a comunidade dos não índios. Quando um índio se mata por enforcamento, ele está, por meio dos valores indígenas, atacando a morada do espírito, o corpo, em especial a garganta, local onde se acredita estar o espírito, pois é de lá que sai a linguagem, a fala. Lembrando que a morte foi buscada como alternativa pois a busca pela valorização do ser, em vida, não foi atingido.

Existe uma manipulação da cultura indígena, quando se faz crer no fato de que o índio tem o dever e o poder de saber alcançar a felicidade em vida, ao não fazer, faz crer que tem o poder, a morte como fonte de saber alcançar essa virtude.

Em se tratando de uma manipulação provocada por sujeito não índio, o indígena também faz com que exista um dever e um poder em saber fazer de realizar a performance e adquirir o valor desejado, quando não acontece, novamente a saída é o suicídio. Os valores não indígenas, alicerçado nos valores capitalista da acumulação para alcançar a felicidade não contemplam, obviamente, as condições do índio, que, ao se basear em sua própria fonte de valores, acredita que a felicidade está na valorização de si e das suas competências místicas, que terão mais vazão no pós-morte.

A notícia, com o objetivo de informar a comunidade não índia de um assunto tão complexo, o suicídio indígena, se encontra em um dilema, “como relatar as motivações?” sendo que são conjunto de valores oriundos de fontes diferentes, da cultura do índio, para a cultura do não índio, a intenção é traduzir os acontecimentos, o que fica claro é que os valores não índios, como falta de condições de vida é que são repassados, quando, foi passado anteriormente em depoimentos, que as causas tem muitos outros elementos.

Na crise e a na depressão do índio suicida, o retrato feito pela mídia é o que, ao não conseguir adquirir condições sociais semelhantes aos não índios, ele deveria buscar seus valores tradicionais, não conseguindo, a imagem que é novamente instaurada é a do índio fraco e perdedor. Os efeitos do texto são intencionais, cria-se um simulacro, respeitando os critérios de proximidade, distanciamento, objetividade e subjetividade.

Existe uma mobilização que manipula a produção de sentidos, a linguagem é uma ferramenta nesta produção, no que tange as características do tempo no título do texto, cria-se o valor da rotina pois mais um índio provocou sua própria morte, as motivações são colocadas como ainda desconhecidas, e no texto é procurado um interlocutor, autoridade na reserva e parente da vítima, deste modo se analisa duas características, uma a proximidade com o tema ao colocar no texto a fala de alguém da comunidade, entretanto o texto mantém seu distanciamento.

Na construção pelas verdades dos fatos, o texto jornalístico narra com a ajuda de personagens a busca pelo índio que se ausenta, mas logo comenta a ação na voz de estudiosos. Nas duas naturezas das vozes utilizadas, há também intenções diferentes, na primeira a busca pela proximidade dos fatos, e do texto com o real, na segunda o parecer da ciência., este último, busca uma distância do senso comum utilizando termos genéricos “estudiosos”.

A ordem dos fatos no texto jornalístico, segundo a semiótica, também evidencia a hierarquia do autor nos fatos, todos eles dispostos de maneira à provocar uma reação: a questão temporal da constâncias dos atentados contra a própria vida; as motivações desconhecidas; as narrativas de personagens e a sugestão da ciência.

Por ser um texto jornalístico, natural o tempo passado de seus verbos, porém existem colocações no presente com o objetivo de passar a idéia de conclusão e continuidade. Também há verdades universais contempladas com a palavra “sempre”.

Observando agora o suporte, os sentidos de expressão, o que acredita-se ser importante para o sentido do texto é um todo formado por um plano de expressão e um plano de conteúdo que se inter-relaciona. O Título, apesar da aparente intenção de passar uma fluidez, ele é pesado e marcante, chama a atenção por sua importância e magnitude. No tocante à categoria topológica, posição da notícia no espaço jornalístico, tendo em vista que o jornal impresso é um recurso midiático espacial por excelência, além do que as notícias são arranjadas nos espaços

jornalísticos, abaixo, acima, na primeira ou na última página, conforme a sua importância. Outro elemento é a classificação policial, no final da seção, do lado esquerdo da folha. Mediante esta categoria topológica percebe-se que não se valoriza muito a notícia do enforcamento, até mesmo porque há baixo da notícia, um comunicado, ou seja, uma propaganda eleitoral além de todo um contexto na página.

Na dimensão, tamanho do texto, que pode ser pequeno ou grande, o que vai denotar uma importância menor ou maior, conforme esse tamanho, encontra-se na notícia, contendo poucas linhas em um espaço bem pequeno, o que significa o atribuir de um valor menor, segundo as leis distribucionais de um jornal. Além desses itens, percebe-se também que para o texto não há chamada na primeira página, não há fotos para ilustrar, e o texto ocupa a parte de baixo do jornal, o que confere uma mera intencionalidade da não valorização da notícia, ou melhor, do suicídio em si.

3.4. Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios (primeira página)

Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios



O cacique Biguá, com seu cocar, colar e baracá (na mão), presentes dos seus ancestrais

Mais um caso de suicídio aconteceu esta semana na Reserva Indígena de Dourados. Desta vez, Roseli Dias, 17 anos, casada, mãe de uma filha, tomou veneno. Os seus pais não souberam ontem explicar os motivos da tragédia. Conforme informações extra-oficiais, com este sobe para 14 o número de casos de suicídio somente neste ano na Reserva. Mas algumas pessoas que trabalham com os índios acreditam que esse

número deva ser maior. O cacique Biguá, da aldeia Jaguapirú, acredita que os suicídios vêm ocorrendo, por dois problemas: o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, apesar da venda ser proibida; e porque os índios não estão tendo condições de plantar para sua própria subsistência. "Se o índio tivesse trabalho, ele não teria tempo para pensar em suicídio", disse Biguá.

ÚLTIMA PÁGINA.

Novamente, e como não poderia deixar de ser, a vida e a morte são retratadas e polarizadas, o índio busca o suicídio com o fim de aliviar o sofrimento, as bebidas alcoólicas são lembradas no texto. O discurso é sempre ocidental, discute o fazer indígena, a não capacidade, e a busca da morte para libertar-se do sofrimento. Os valores de um dito modernismo, cobra do sujeito índio, no texto, a

conquista de seu sustento por meio de um trabalho aos moldes capitalistas, o dever de saber fazer, frente a tradição de saber ser.

Na primeira página, a notícia, embora apresente uma das causas para o suicídio na bebida para ofuscar a causa principal, a falta de condições, exige dos governantes ações financeiras, investimentos com o intuito de amenizar a situação obviamente precária que vive os kaiowá/guarani.

O autor, ao discutir o suicídio de Roseli Dias, 17 anos, e buscar interlocutores, informações extra-oficiais, os pais da suicida, algumas pessoas que trabalham com os índios, o cacique, procura criar o simulacro de objetividade e aproximação em relação aos fatos. Um aspecto construído pelo texto afim de chamar a atenção, tendo em vista estar mesmo em primeira página. A foto do cacique Biguá serve como uma prova de realidade inquestionável, afim de fazer crer, criando um aspecto de objetividade, notoriedade, crédito. O mesmo acontece com o seu cocar, colar e baracá.

Nessa chamada de primeira página há uma síntese da notícia e aparecem, assim, do tipo tragédia, o que confere um certo sensacionalismo, bem como a apresentação do alcoolismo como um dos problemas causadores do suicídio, com o intuito de camuflar a causa: falta de terra e condições de trabalho para os indígenas das aldeias da região, uma causa social que depende mais das estratégias externas à tribo que internas aos grupos indígenas.

3.5. Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios (Seção Policial)

Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios

Mais um caso de suicídio aconteceu esta semana na Reserva Indígena de Dourados, a mais populosa do país, com aproximadamente 9 mil índios Terena e Kaiowá, que vem sendo conhecida nacionalmente por causa dos enforcamentos e envenenamentos que vêm acontecendo com certa frequência ultimamente, sendo a maioria das vítimas jovens na faixa de 14 a 20 anos. Desta vez Roseli Dias, 17 anos, casada, mãe de uma filha, tomou veneno.

Os seus pais não souberam ontem explicar os motivos da tragédia. Há cerca de 10 meses atrás, já havia acontecido um outro caso de suicídio entre a família: Mauro Dias, de apenas 21 anos, deu fim a sua própria vida se enforcando numa árvore.

Conforme informações extra-oficiais, com este sobe para 14 o número de casos de suicídio somente neste ano na Reserva. Mas algumas pessoas que trabalham com os índios acreditam que esse número deva ser maior.

O cacique Biguá, da aldeia Jaguapirú, portanto, contesta essa hipótese e diz que todos os casos são comunicados à Funai e esta, por sua vez, à Polícia. Apesar da complexidade do assunto, discutido por missionários, religiosos e psicólogos (recentemente uma psicóloga da Funai esteve no local fazendo um levantamento dos casos de suicídio), os índios têm uma explicação bem simples para o problema. O capitão Biguá, por exemplo, contou que essa questão tam-

bém tem sido discutida nas reuniões entre as lideranças da aldeia. Para eles, isso ocorre por dois problemas: o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, apesar da sua venda ser proibida, conforme o Estatuto do Índio; e porque os índios não estão tendo condições de plantar para sua própria subsistência. "Se o índio tivesse trabalho, ele não teria tempo para pensar em suicídios", disse Biguá.

A razão, portanto, de mulheres estarem se suicidando também está ligada às condições da família, pois, enquanto os índios cuidam das roças, elas tratam das crianças e ficam ocupadas com isso. Já os casos de jovens terem praticado suicídio, segundo Biguá, da mesma têm a ver com a situa-

ção do próprio pai. Para não dar mais incômodo para a família, a jovem ou o jovem, acaba dando fim a sua própria vida, pois, pensam que assim estarão deixando de sofrer.

"Agora, se o índio tiver condições de trabalhar, ele não vai procurar fazer isso", insistiu o cacique, acrescentando que a maioria dos índios da reserva vive em precárias condições e não tem dinheiro sequer para o plantio da sua roça. "O índio está carente", afirmou, lembrando que as entidades de apoio, como a Funai, deveria se preocupar mais com a situação dentro da reserva. "Eu nasci e me criei aqui e entendo que o problema dos suicídios é fácil de se resolver. É só dar condições para ele viver, pois, hoje em dia o índio está esquecido", afirmou.

Apresentando o mesmo título da chamada de primeira página, o texto traz o mesmo percurso fundamental e narrativo. Dessa forma, em consonância com a chamada citada se tem um índio – sujeito - que, por não ter trabalho – objeto – que o leve ao alcance da subsistência percebe o sofrimento dele e de outros; o sujeito busca no objeto do suicídio um poder fazer a fim de alcançar o não sofrimento, deixar de sofrer, conforme a espiritualidade. No texto percebe-se que há um dualismo da morte, conforme a situação e contexto.

O sujeito índio, ao se ver incapaz de alcançar o valor – não sofrimento – sai da posição de vivente, pois acredita na morte como fuga do sofrimento. Por outro véis, o indígena, na sua relação enquanto sujeito que busca o suicídio como forma de conquistar o não sofrimento, tem a vida colocada como aspecto positivo, pelo autor, e a ação de buscar no enforcamento ou envenenamento sancionada negativamente - manipula o contexto. Por outro lado há um destaque para a morte, pois está na página policial, já que o caso dela, a morte, ou mais especificamente, a violência não ocorresse, não haveria necessidade da seção policial.

Quanto aos outros efeitos que mobilizam ou estimulam o sujeito, temos as paixões, a amargura. Um ser que quer ser ou crê no fato de que por meio do objeto trabalho alcançará o valor almejado. “Se o índio tivesse trabalho, ele não teria tempo para pensar em suicídio”, no entanto, ao saber que não pode ser, ocorre uma insatisfação e decepção, o que provoca, ou leva ao suicídio.

No tocante as concretizações mediante as escolhas temporais de pessoas, de espaço e de figuras e tempos na enunciação com o intuito de enriquecer a narrativa semanticamente, ocorre a instauração das pessoas no plano discursivo, verificando as vozes e os efeitos de proximidade, distanciamento, objetividade conferidos ao texto mediante a inserção das vozes. Vozes estas que são construídas no textos e projetam um eu da enunciação responsável pela criação de efeito de proximidade, ou até mesmo de distancia, já que as vozes aparecem implícitas.

No texto há um enunciador que busca criar narradores a fim de apresentar as palavras alheias, as quais podem estar em desacordo com suas posições. Esse narrador projeta o que apenas se torna visível. Efeito de sentido que se confirma pelo emprego da palavra “mas”, “mas algumas pessoas que trabalham com os índios acreditam que esse número deva ser maior”, buscando a voz de um locutor, “algumas pessoas que trabalham com os índios”, procurando, mesmo de forma indefinida e descompromissada a veracidade dos fatos, uma posição mais próxima, já que trabalham com o argumento de verdade e podem atuar com ele, mesmo demonstrando alguma imprecisão”esse número deva ser maior”, que confere um efeito de sentido de possibilidade, dúvida em relação à informação que esse locutor, algumas pessoas, apresenta.

Ainda no intuito de promover a notícia o simulacro de status de veracidade o narrador se utiliza do discurso do locutor cacique Biguá, o qual é na maior parte do texto interpretada pelo narrador, que utiliza o discursos indireto, o cacique Biguá, da aldeia jaguapiru, portanto contesta esta hipótese, e diz que todos os casos são comunicados à FUNAI, ou “O capitão Biguá por exemplo contou que essa questão também tem sido discutida nas reuniões, entre as lideranças da aldeia”. Uma projeção por parte do enunciador, do discurso de um interlocutor por meio do

narrador, utilizando-se do discurso indireto, o que nos remete a um não compromisso, ou uma desvalorização das palavras relatadas.

Com a voz do cacique também, percebe-se que, no texto, tem-se também a voz do Biguá, interlocutor, sendo utilizado sob forma do discurso direto, acompanhado pelas aspas, “Agora se o índio tiver condições de trabalhar, ele não vai procurar fazer isso”e, “O índio está carente”, ou “Eu nasci e me criei aqui e entendo que o problema dos suicídios ... está esquecido”. Recursos esses que propiciam um efeito de realidade, de objetividade, ao mesmo tempo em que se exime de quaisquer responsabilidades em relação aos fatos, já que aquele que é citado de forma direta, embora seja “pinçado” pelo enunciador e discutido pelo narrador, conforme ser próprio interesse, ideologia, a fim de fazer o enunciatário crer no que é dito, funciona como uma tentativa ou estratégia argumentativa, cuja intencionalidade subjacente é a de construir no texto uma explicação objetiva acerca das causas do suicídio.

A questão do tempo no texto é precioso é preciso mencionar o fato de que pode estar ligado ao momento do fato, ou aos momentos de referência instalados no texto, momento da enunciação, o tempo da narração, o tempo ou o momento da referência, do fato narrado e o momento do acontecimento, o que pode ser posterior ou anterior ao tempo do fato narrado. O tempo é produzido no e pela enunciação e está ligado ao exercício da fala, sendo reinventado a cada vez que o enunciador enuncia, pois cada ato de fala há um novo, ainda não vivido.

A busca pela análise temporal primeiramente atende à projeção no enunciado, a partir das trocas de um tempo verbal para o outro. É a utilização de tempo presente, ou seja, o manuseio do aspecto verbal com vistas a um efeito de sentido diverso ao enunciatário. Posteriormente, corresponde à criação da categoria temporal a qual pode se dar de forma enunciativa, que projeta na enunciação do tempo, criando efeitos de proximidade, o agora, enquanto a forma enunciativa buscar ocultar o aspecto temporal, o aqui agora, atribuindo, seja objetividade, distanciamento.

Assim, o texto “Aconteceu mais um caso de suicídio entre índios” tem um momento de referencia, “esta semana”, “Mais um caso de suicídio aconteceu esta semana na reserva indígena de Dourados”, uma projeção temporal enunciava, ou “por causa dos enforcamentos e envenenamentos que vêm acontecendo com certa frequência ultimamente”, o que já indica um passado mais próximo, que se projeta hoje, o que denota algo contínuo o que se reforça mediante o uso do verbo no presente “sobe”, há uma presentificação que se confirma através do uso da expressão “Neste ano”.

A utilização do advérbio ontem, “Os seus pais souberam ontem explicar os motivos da tragédia”, alude a um tempo posterior ao momento do acontecimento (esta semana), o que provoca o efeito de distanciamento frente ao acontecido e uma relação de presente histórico continuado, em construção, o que reforça mediante o uso dos tempos verbais presente adotados no discurso do interlocutor – Biguá, sejam eles apresentados mediante o discurso direto ou discurso indireto “contesta”, “diz”, “são comunicados”, “os índios tem uma explicação”, “para eles, isso ocorre por dois problemas” e “porque os índios não estão tendo condições de plantar”.

Por outro lado, há no texto uma projeção para o passado e futuro do pretérito, “Se o índio tivesse trabalho, ele não teria tempo para pensar em suicídio” o que marca uma incerteza, dúvida em relação a mudança do quadro de suicídio por meio das marcas de condicional cedidas pelo uso, no texto, do pretérito imperfeito do subjuntivo, ação contínua e incerta, bem como o futuro do pretérito e a substituição entre o presente, o infinitivo e o gerúndio que marcam o acontecimento, enquanto as iniciativas necessárias a serem tomadas vêm perpassadas pelos futuro do imperfeito do subjuntivo, “Agora, se o índio tiver condições de trabalho” ... ou futuro do pretérito, “A Funai deveria se preocupar mais com a situação dentro da reserva” o que marca uma incerteza quanto às medidas a serem tomadas.

Em resumo pode-se dizer que o suicídio de Roseli Arruda, narrado no início da notícia em pretérito perfeito funciona como pano de fundo para a discussão da causa dos suicídios indígenas, o que é feito a fim de provocar o efeito de sentido de ação contínua e que tem inversão, suicídio, já que desacreditam das atitudes dos governantes.

Quanto aos níveis de concretização do sentido, mais abstrato ou mais concreto, temáticos ou figurativos, o texto em questão faz uso do nível temático conceitual interpretativo, uma explicação sobre a realidade, já que o suicídio é uma questão um tanto obscura, que necessita de estudos aprofundados, até mesmo no que se refere à cultura indígena, que em cuja religiosidade, o misticismo tem grande influência nas decisões, tanto individuais quanto coletivas.

No que se refere ao plano de expressão, percebe-se a tentativa de arrebatamento, mobilizando a atenção do enunciatário, a fim de motivá-lo, “Aconteceu mais um caso de suicídio entre os índios”, mais um, o que destaca uma frequência dos fatos, ao mesmo tempo que enfatiza, numa função de adjetivo intensificador, quantidade, apresenta a narrativa dos fatos do suicídio, disforizando as mortes que ocorrem em Dourados com certa frequência.

Adotada a estratégia de mobilização, acrescentam-se as explicações acerca das causas do suicídio com a participação de interlocutores e locutores – estratégia de relaxamento, fechando com o depoimento indígena, “Eu nasci e me criei aqui, afirmou”.

Quanto aos tipos gráficos, ou a tipografia adotada no texto, o visual também é veículo de sentido, ou construto verbal, simulando a riqueza da variação da voz humana, podendo ser mais sério ou mais leve, elegante, austero, o que também representa valorização da notícia. Pode-se perceber que o texto traz o título com letras em negrito o que busca simular a intensidade e gravidade do problema. Assim, esse texto, faz uso de um tom mais alto com correspondente de maior valor, mais atenção e maior respeito, tendo em vista a maior ocupação do espaço jornalístico.

Além da ocupação do espaço, a posição em que se encontra a notícia ao lado do Plantão policial, e sendo uma das primeiras, reforça a intensidade da notícia. Pode-se dizer que no texto há uma remissão ao lugar, o que parte do mais próximo, “entre os índios”, marcando um problema indígena, na “reserva indígena”, depois, a busca pelo ambiente familiar como tentativa de buscar uma justificativa para o suicídio, possível causa nesse ambiente, “já havia ocorrido outro caso de suicídio

entre a família”, e assim, posteriormente, a menção ao local do outro suicídio dentro da família, “a árvore”, em seguida, o enunciador retoma a categoria espacial através do aspecto físico onde ocorre o suicídio, a reserva, “sobe para 14 o número de casos de suicídio somente neste ano na reserva” que é conhecida nacionalmente pelos episódios de enforcamento, a mais populosa do país, apresentando pressupostos que marcam as causas dos problemas, 3.000 há. Para 12 mil indígenas.

Tão conhecida que leva o enunciador a utilizar-se dos determinantes definidos através do uso do artigo definido em conjunção com a preposição em, em+a=na reserva, ou o de +a= da, “da aldeia jaguapiru” a fim de reforçar a incidência dos casos de suicídio na aldeia de Dourados, já que havia ocorrido 14 ou mais, conforme os que trabalham com os índios, o que demonstra, com clareza, a existência dos casos, mas, por outro lado, a obscuridade das causas para aqueles que estão a observar os fatos, “apesar da complexidade do assunto” discutido por missionários, religiosos, psicólogos, se contrapõe à opinião dos indígenas que mencionam ter uma explicação muito simples para o problema, “os índios tem uma explicação bem simples para o problema”.

Por fim o texto retoma os espaços se utilizando de expressões nominais como: “local e reserva”, o que alude a um lugar mais imparcial e fechado o texto também apresenta a palavra aqui, marcando proximidade conferindo também um tom de seriedade e objetividade em relação à temática.

3.6. Índio é encontrado enforcado

GERAL

Albergado fazia contrabando e whisky, em caminhão

Polícia do Grupo de Operações de Fronteira efetuaram no último sábado à noite, durante uma barreira na rodovia que liga Casarapó a Ponta Porã, a prisão do albergado, João Antônio Ramos da Silva, 41 anos, que tem contra si 19 processos por receptação, 2

processos por roubos, 2 por uso de documentos falsos, além de um mandado de prisão preventiva pela comarca de Bataguassu. Posteriormente, no QG do GOF, ele contou que há bastante tempo vinha fazendo contrabando de whisky e vídeo cassete, produtos ca-

mufados numa carreta supostamente carregada de madeira.

Sábado à noite o GOF, como sempre faz, montou barreira na estrada que liga Casarapó a Ponta Porã e por volta das 22 horas, João Antônio, também conhecido como João Careca ou João Padre, apa-

recou, acompanhado de outro indivíduo, de nome verdadeiro de drogas, autônomo, marca de FOS CR.

Os dois foram encontrados na sede do GOF de Fronteira, tecedentes nada, apesar de 23 processos e recusa de prisão, está onde

Índio é encontrado enforcado

Foi encontrado morto por enforcamento, o silvícola Dinho Inardi, 19 anos, que residia na reserva Bororó. Seu corpo estava suspenso num galho de árvore atado ao seu pescoço por sua camisa e uma cinta que costumava vestir.

Segundo o conselheiro e irmão da vítima, Osvaldo da Silva Oliveira, na segunda-feira ele estava caçando passarinhos na reserva indígena, e numa manhã encontrou seu irmão, já morto. Para o suicídio, Dinho Inardi atou sua cinta na camisa, amarrando num galho de

árvore, amarrando em seu pescoço e se atirou, ficando suspenso. Osvaldo disse que ele costumava se embriagar e havia desaparecido no domingo à tarde.

ARROMBAMENTOS

Depois de quebrarem um vidro basculante da firma Dourapeças, localizada a Avenida Marcelino Pires, 3217, elementos não identificados penetraram no estabelecimento e furtaram toca-fitas de automóvel, lixadeira, furadeira, rádio-gravador e chaves diversas.

Outro arrombamento verificado durante o final de semana foi na sede da fazenda Barro Preto, neste município. Do local, marginais, depois de estourarem a porta, furtaram uma mala com roupas, vários pares de sapatos, casacos, vidro de whisky, roupas de cama e mesa, estojo de maquiagem e também foi encontrado, um quilômetro adiante, uma motocicleta Yamaha, vermelha, DY-188, que foi abandonada por falta de combustível. Da Mercadoria Tropical foram furtados 7 botijões de gás, vazios.

Feira da Praça foi sucesso



A Vida e a morte são novamente apresentados, onde um sujeito, o índio, com suas vestes em destaque pratica o suicídio para adquirir o valor alívio dado por intermédio da morte. Sujeito numa situação de estado de conjunção com a vida e que passa por uma transformação de disjunção com a vida e conjunção com a morte.

Há um sujeito destinador manipulador, sociedade capitalista - que manipula fazendo com que ele entre em conjunção com o objetivo por um querer, por saber que não tem poder para fazer.

Percebe uma inversão dos valores da morte em contraponto com a vida que, em razão das ações do sujeito, enforca-se, o fato tornou-se notícia, mas também uma disforização da morte, em razão do sujeito manipulador destinador reprovar a ação do sujeito indígena – praticar o suicídio. Este sujeito encontra-se em estado de amargura por querer ser, mas como sabe que não pode ser pratica suicídio como sendo a única forma de fugir de tal sentimento. Há no texto alusão ao fato de o indígena estar embriagado, uma possível explicação para o fato “Oswaldo disse que ele costumava se embriagar e havia desaparecido no domingo a noite”.

O destinador faz uso da terceira pessoa, um não sujeito, “O silvícola Dinho Inardi, 19 anos” e de interlocutores, ou vozes do conselheiro e irmão, segundo o conselheiro e irmão da vítima, Oswaldo da Silva Oliveira...” que além de ser conselheiro é irmão da vítima, o que provoca o efeito de velocidade e veracidade à notícia. No texto também se utiliza o discurso indireto, ou seja, o destinador procura filtrar o discurso dos sujeitos, a fim de relatá-lo por meio da ótica do destinador, o que provoca distanciamento e objetividade já que o discurso do citante se sobressai ao discurso do citado. “Segundo o conselheiro e irmão da vítima, Oswaldo da Silva Oliveira, na segunda-feira ele estava caçando passarinho na reserva indígena, e numa matinha encontrou seu irmão, já morto.”

Em relação ao espaço dentro do jornal, a seção Geral, em que se publica notícias que não tem especificidade a fim de serem publicadas em outra seção. Uma espécie de “fatos diversos” que segundo o dicionário Aurélio significa seção de um jornal ou revista que cobre assuntos não pertencentes a uma editoria específica para ser publicada em outra seção mais específica.

Quanto o lugar específico tem-se a reserva indígena e mais especificamente “galho de árvore atado ao seu pescoço” e “numa matinha encontrou seu irmão já morto.” Como e onde ele se matou, a fim de descrever os fatos com confiabilidade, objetividade – para que o leitor vá acompanhando os detalhes dos fatos – estratégia de arrebatamento e de sustentação.

Em relação ao tempo há a predominância do pretérito imperfeito e pretérito perfeito. O primeiro fato, momento de referencia, relato do jornal em relação ao ato suicida, pretérito perfeito, já o segundo, uma referencia anterior ao ato, pretérito imperfeito, o que mostra uma situação continuada, que na busca por uma explicação para a causa do suicídio, o que cria um efeito de verdade e aproximação entre destinador e destinatário, o que se confirma pelo título “Índio é encontrado enforcado”, uma inversão de passado para presente histórico.

A cobertura narrativa figurativa composta de ações violentas, que trazem subjacente a tematização da violência contra a vida – enforcamento, e contra o patrimônio alheio – arrombamento, tendo em vista a inclusão, em uma só manchete, dos dois casos, enforcamento e arrombamento, não tendo este último nenhuma menção no título da manchete. Fazendo o uso de concretização do discurso por meio da figurativização, verifica-se a tentativa de criar um efeito de realidade da linguagem, estimulando sentimentos.

A posição da notícia, o texto ocupa pequeno espaço a baixo de uma manchete e, embora com letras pequenas, ocupa um espaço dividido com a notícia de um arrombamento, o que torna o fato de igual teor, ou seja, semelhantes ao crime.

3.7. Suicídio entre índios continua repercutindo (primeira página)

Suicídio entre índios continua repercutindo

O problema dos suicídios entre os índios da Reserva de Dourados, a maior do país com 3.519 hectares e também a mais populosa com cerca de 7.600 habitantes e que concentra índios de origem terena, guarani e caiua – nunca foi tão discutido como atualmente e

continua tendo repercussão a nível nacional. Na próxima semana chega uma equipe da Funai para realizar novos estudos. O assunto deve ser entocado amanhã no Programa "Fantástico" da Globo. Os jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Folha de

Londrina estão acompanhando essa questão, dentre outros. A revista Veja vai publicar logo uma matéria a respeito. A TV Gazeta de São Paulo, deve enviar a Dourados, neste final de semana, uma equipe para enfocar o problema dos índios.

PÁGINA 8

Ao longo dos anos, O Progresso vem acompanhando a trágica situação das diversas tribos indígenas que habitam a reserva silvícola, a poucos quilômetros de Dourados.

As mortes são das mais diversas formas, entretanto o suicídio, através do enforcamento tem sido superior a todos. As causas estão sendo estudadas. O Brasil virou, finalmente, às vistas para aquilo que este diário sempre alertou.

A foto, mostra um índio que praticou suicídio numa mata a poucos quilômetros de Dourados, cerca de dois anos atrás. De lá para cá, as incidências aumentaram vertiginosamente. O índio, a medida que o tempo passa e o progresso aumenta, se vê ainda mais desprotegido, abandonado.

A própria sorte e em completa miséria. Para fugir a esta situação, ele tenta através do enforcamento, aliviar seu sofrimento.



Neste texto é possível verificar duas oposições, a relevância e a irrelevância dos acontecimentos e o progresso e a miséria. A imprensa, nesta matéria busca um objetivo, o suicídio indígena, o valor conhecido, estando a mídia em disjunção com o objeto de valor, sob o risco de serem sancionados negativamente pelo manipulador destinador – sociedade.

Pode se ter um percurso gerativo – “O Progresso” – busca o objeto – suicídio indígena – a fim de adquirir um valor – informação – ou até o sujeito indígena que busca um objeto modal – suicídio – com o intuito de alcançar os valores de ação para mudar a história indígena.

Um sujeito que age pelo dever de saber, afim de adquirir a competência do fazer, pois acredita ter o poder e o saber para fazer. Uma tentativa de enaltecer o jornal “O Progresso”, pois o mesmo já tem feito isso a algum tempo, reforçado pela foto antiga, “O Brasil virou, finalmente, às vistas para aquilo que este diário sempre alertou”. A foto mostra um índio que praticou suicídio numa mata a poucos quilômetros de Dourados, com o argumento sancionamento positivo em relação ao jornal. Dessa forma, as letras finas em negrito indicam a notícia que em “O Progresso” foi bastante discutida a ponte de se cansar, não estando mais em uma relação de tensão.

Quanto a esta ação de abordar o conteúdo suicídio - questão indígena – o sujeito destinador acaba sancionando positivamente o jornal “O Progresso” por querer fazer e ter tido o poder para fazer a discussão temática.

O sujeito destinador procura manipular o sujeito imprensa por meio da intimidação e da provocação, deixando indícios de uma sanção negativa, caso isso não ocorresse.

Uma narrativa que no nível lingüístico euforiza a trágica situação indígena, objeto da manchete e a tomada de decisão do jornal “O Progresso”, em abordar a temática na imprensa antes dos demais meios de comunicação. “Ao longo dos anos “O Progresso” vem acompanhando a trágica situação das diversas tribos indígenas que habitam a reserva silvícola, a poucos quilômetros de Dourados”. E, “o problema dos suicídios entre os índios da reserva de Dourados, a maior do país com 3519 hectares e também a mais populosa com cerca de 7600 habitantes e que concentra índios de origem terena, guarani e kaiowá – nunca foi tão discutido como atualmente e continua tendo repercussão”.

O jornal “O Progresso” que busca a Imprensa nacional e provoca uma ação neste baseada no querer, a qual leva-o a buscar o suicídio indígena conferindo ao jornal “O Progresso” o valor reconhecimento por destacar esse assunto a um bom tempo na região de Dourados.

A fim de reforçar o seu êxito enquanto meio de comunicação, o sujeito destinador implícito, “O Progresso” busca a imprensa “Fantástico, O Globo, os jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Folha de Londrina, Revista Veja, TV Gazeta”, meios de comunicação de prestígio para garantir que está repercutindo, ou seja, continua, tendo em vista, estar o Jornal “O Progresso”, a bom tempo discutindo essa temática. Tanto é que, ao lado da foto, há um comentário em que o enunciador busca o próprio jornal “O Progresso” como interlocutor de respeito, pois vem ao lado os anos acompanhando a trágica situação indígena, o que se argumenta por intermédio da foto e do comentário.

O discurso está em terceira pessoa, uma não pessoa, o que gera objetividade e distanciamento em relação aos fatos. Essas pessoas: Índio, imprensa e o jornal são vozes transplantadas para enunciação, construção do texto em auto-promoção do jornal “O Progresso”.

Quanto há menção à imprensa e as ações dela referentes aos indígenas verifica-se o uso de um tempo suposto “para realizar”, “deve ser focado”, “vai publicar”, “deve enviar”, marcando a ação da imprensa externa, mas quando remete ao jornal “O Progresso”, temos na expressão “nunca foi tão discutido como atualmente e continua tendo repercussão a nível nacional”, ou seja, já teve e tem, mas não se terá.

Tem-se ainda “amanhã”, neste final de semana”, anunciando uma temporalidade que marca distanciamento e objetivo pelo seu aspecto atemporal em relação ao momento de referência.

Na participação de “O Progresso” temos expressões temporais do tipo: Ao longo dos anos, ‘O Progresso’ vem acompanhando”, o que denota estar, lado a lado, participação contínua e sempre; e, “este diário sempre alertou”, o que reforça essa

ação contínua de estar dia-a-dia, “cerca de dois anos” prova, argumento de objetividade, dado mediante a foto, o que também reforça a autoridade no trato à temática pela expressão “de lá pra cá”, como se estivesse acompanhando os casos.

No próprio jornal “O Progresso”, a primeira página abaixo, ocupa o centro à esquerda de unidade noticiosa e no próprio texto de “O Progresso” “,a expressão ao longo dos anos...”, objetividade, simulacro de verdade.

Outro espaço que se convém mencionar é o da imprensa nacional, “grande grau de importância”, além da “maior e mais populosa reserva indígena de Dourados”, recursos indicadores de distanciamento e objetividade e “na mata”, que além de ser presente pela própria foto, remete ao espaço onde os indígenas vivem, que os sufoca.

Quanto a recursos, tem-se a foto, imagem/flagrante com valor documental do acontecimento, capaz de promover a atenção, a curiosidade e tensão, estratégia de arrebatamento que se promove a atenção, a curiosidade e tensão, estratégia de arrebatamento que se completa com a presença da imprensa nacional e se sustenta com o comentário do interlocutor “O Progresso” para falar de si mesmo, numa estratégia de objetividade.

No aspecto tipográfico, verifica-se que há uma diferença entre a narrativa referente à vinda da imprensa nacional que utiliza outra letra, enquanto o lide da foto utiliza-se de uma num tom mais grave.

Analisando o título ainda percebe-se a imparcialidade, a objetividade e o distanciamento: “Suicídio entre índios”.

A Foto com um índio pendurado em uma árvore, suicídio, utilizando-se de letras finas – menor tensão, tendo em vista estar o jornal alertando e não obtendo atenção, ou seja, provocando ação das autoridades. Utiliza-se da estratégia de arrebatamento e um discurso com suas próprias reportagens, as quais abordaram esta questão.

Os verbos empregados estão no tempo presente, continua repercutindo, e na forma verbal gerúndio, o que denota uma ação que se prolonga, podendo também funcionar como uma estratégia de sustentação da notícia.

3.8. Com recursos índios dobrarão a produção (primeira página)



Um sujeito indígena que busca recursos financeiros – objeto – é dado á este valor financeiro, também o valor da vida, os valores são manipulados pelo sujeito destinador – a cultura ocidental - a qual espera que os indígenas possam ter o saber e o poder para tal atividade – gerar divisas, recursos – e que, segundo o percurso narrativo, eles, os indígenas podem ser manipulados pelo querer e pelo dever. Esta dever manipula as ações do indígena, “não quer se suicidar, apesar de toda a miséria, “ Uma evocação da vida em contraposição da morte. Um querer que é contrariado por um suposto dever que se estabelece caso o sujeito indígena não alcance ou cumpra o contrato estabelecido entre o destinador manipulador, sociedade não indígena e o indígena, o que faz o indígena acreditar que não tem competência por não cumprir o dever, o que faz o destinador manipular sancioná-lo negativamente, tendo como dever o suicídio, mesmo sendo contra o seu querer.

O texto construído na terceira pessoa, o que marca objetividade com a presença do discurso indireto, o chefe do posto, Edemilson Ortiz, disse que esses recursos poderão viabilizar o aumento da produção agrícola da área”, enfatizando a produção. O cacique e o indígena acreditam na resolução das questões indígenas ligadas ao suicídio, com o incentivo à agricultura, discurso direto e indireto, “os indígenas vêm se matando não por causa da feitiçaria, conforme foi divulgado pela imprensa a nível nacional, mas sim porque eles vivem desesperadamente sem apoio de ninguém, cada vez mais discriminados e explorados. Uma combinação que proporciona o simulacro do real, da objetividade, seriedade.

Cronologicamente tem-se uma oscilação entre pretérito perfeito e presente. Sendo o primeiro utilizado como pano de fundo para o discurso indígena, “os indígenas vem se matando não por causa da feitiçaria, conforme foi divulgado pela imprensa a nível nacional, mas sim porque vivem desesperadamente sem apoio de ninguém, cada vez mais discriminados e explorados”. Denotando uma realidade, um clímax para se estabelecer uma relação de intertextualidade, de interdiscursividade com as notícias que foram publicadas anteriormente – “feitiçaria”, enfatizando mediante o tempo presente aquilo que pode ser considerado por eles verdade, “discriminação, exploração e sensacionalismo”.

O tempo instaurado frente ao discurso é o da dúvida, incerteza, marcado pelo “pode acabar”, “pode comer”, ou seja, que sempre ocorrerá conforme o uso dos verbos no infinitivo “para vender”, uma ação que se perpetuará.

O texto escrito na primeira página do jornal, segunda notícia com um grau de relevância num contraponto com a primeira notícia de que um lavrador sonhou que ia ser morto e assassinou a esposa, dialogando com o misticismo, num indício de que não está de todo descartada a idéia da morte por causas místicas.

O espaço jornal é buscado para contrapor as idéias também publicadas anteriormente no jornal, contando com foto grande, indiciando a realidade dos fatos e tipografia em preto com letras grossas, por fim uma chamada para outras páginas do primeiro caderno.

3.9. Com recursos índios dobrarão a produção (seção policial)

Com recursos, índios dobrarão a produção

de serem feitas plantações, conforme os dados de produtividade, 455 hectares somente de soja, além de muitos de feijões, semeados manualmente, com muito feijão, arroz e mandioca.

Esses números comemoram que nesta toda a área de reserva é utilizada para o plantio, sendo a maioria ocupada por plantio de capim colônias. Isso ocorre atualmente pela falta de recursos, desvalorização da terra, em situação de total insegurança, sendo obrigados a trabalhar com base nos recursos próprios para os próprios meios, que possuem áreas maiores. O chefe do Posto indígena reconhece que a área poderia ser melhor distribuída. A reserva é dividida pelas aldeias Bororó e Jaguapora. Os Kaiowá estão concentrados em maior número na aldeia, onde possuem a maior número das casas de famílias, fato que não permite de sobrevivência, estando na grande maioria.

Muitos índios que não têm condições de plantar, arrendam para seus próprios vizinhos com mais recursos. Tem-se feito apenas contratos de prelo para os índios, quando precisarem de mais recursos. Os índios costumam comprar produtos nas feiras da cidade pelo sistema "barraca", pagando com a produção. O chefe do Posto indígena reconhece que

o apoio de Funes e insidioso para atender toda a reserva na área de cultivo, mantendo no local apenas um trator. Enquanto isso, os índios não possuem condições para sua subsistência, com muitos plantando após a colheita, ou até mais, um algarismo superior a 7,5 hectares.

A reserva pode ser considerada em ambas as condições e maior número de famílias carentes se encontra na aldeia Bororó. O arrendamento de terras não resolve, de fato, a situação, e permanece. Apesar disso, a expectativa de novas condições de trabalho, em plantio, e aumento de produtividade.

chefe do posto acredita que poderia ser viabilizado o plantio para aqueles que não têm os mesmos recursos. "Esses recursos vão ajudar muito", afirma, dizendo que a produção poderá até dobrar se houver apoio.

Os índios não recebem nenhum tipo de assistência técnica, e desde jovens e jovens trabalham no campo, concentrados atualmente no cultivo de mandioca, arroz, milho e feijão. Apesar de serem conhecidos sobre os casos de suicídio, tem-se feito esforços para evitar a situação de suicídios, reconhecendo Neves.

associação e consumo de álcool, o que pode ser considerado como as causas principais desse problema. A maioria dos suicídios ocorreu entre os Kaiowá, principalmente entre os jovens. Apesar de maior número de suicídios ter ocorrido entre os Kaiowá, no dia 29 de setembro, ocorreu um suicídio entre os Guaraní, o maior para o fortalecimento, ocorrendo sempre perto da propriedade do índio. Mas a aldeia deve ser melhor direcionada para evitar a situação de suicídios, reconhecendo Neves.



Um momento de trabalho no campo de soja, plantado na reserva de Dourados, em Mato Grosso do Sul. O cultivo de soja é a principal atividade econômica da reserva.

O chefe do Posto indígena da Reserva de Dourados, o índio Edemilson Ortiz Neves, diz que os recursos de R\$ 7,5 milhões que deverão ser liberados pela Funai, poderão viabilizar o aumento da produção agrícola na área. A reserva ocupada por índios Kaiowá, Guaraní e Terena, a maior do país, com área de 2.515 hectares e também a mais populosa, tem cerca de 7.600 índios, produzindo no último safra de inverno 361 toneladas de grãos, e nesta safra

"Biguá" acha que agora suicídios serão contidos



A aldeia dos índios Kaiowá, em Mato Grosso do Sul, onde ocorreu um suicídio. O chefe do Posto indígena acredita que agora os suicídios serão contidos.

3. O chefe do posto indígena acredita que agora os suicídios serão contidos.

Sonhou que ia ser morto à tiros e facadas, assassinou a esposa

Enfatizando a produção mediante investimentos o que, caso não ocorrendo, compromete a situação das famílias.

Tem-se um sujeito índio que busca um objetivo, recursos financeiros, a fim de adquirir o valor da vida, o que se reforça mediante a fala "maior número de índios carentes se encontra na aldeia Bororó" e "Os kaiowá estão concentrados em maior número, na Bororó, onde ocorrem o maior número de casos de suicídio" em um em um percurso semelhante ao apresentado na primeira página, ou seja, índio em conjunção com objeto recursos financeiros, está em conjunção com a vida.

Tem-se um destinador que através da instalação de um enunciador, o chefe do posto indígena da reserva de Dourados, o índio Edemilson Ortiz Neves, cujo cargo, chefe, traz efeito de credibilidade a notícia, objetividade. Embora, esta notícia esteja relacionada mais a produção e não ao suicídio, fato utilizado como estratégia de sustentação e arrebatamento da primeira página, o mesmo Neves menciona "é o

consumo de bebida alcoólica e o choque cultural como as causas principais desse problema.” Ficando, o incentivo a agricultura como uma contribuição para a contenção da onda de suicídio o que só é dito no final da notícia.

Há predomínio do discurso indireto, numa valorização evidente do discurso citante não do discurso citado; um enunciador que é falado em terceira pessoa, o que provoca sensação de afastamento, que condiciona um pensamento em uma suposição em relação aos acontecimentos, “deverão ser liberados”, “poderão viabilizar”, ou melhor, o jornal dá indícios de que o próprio índio não acredita na idéia de que o suicídio esteja ocorrendo em razão da miséria, ou seja, estão entrando em controvérsia, o que se evidencia na primeira página, “Edemilson Ortiz Neves, disse ontem que os recursos (...) que deverão ser liberados pela FUNAI, poderão viabilizar o aumento na produção agrícola na área.” Por sua vez, “o cacique, o Biguá Ailton de oliveira acredita que o incentivo à agricultura pode conter a onda de suicídio”, posições contrárias, “mas a área poderia ser melhor distribuída para evitar situação de miséria, reconheceu Neves, o que já parece ter sido difícil de acontecer, “chegar a esta conclusão”, devido ao vocábulo : “reconheceu”.

Existe a predominância de dois tempos verbais, o presente e o futuro. O primeiro sobre aquilo que acontece, “Isso ocorre (...) os próprios índios que possuem áreas maiores (...) onde ocorrem os maiores números de casos (...)” e o segundo sobre o qual alude a algo que há possibilidade de ocorrência, suposição, “Os recursos que deverão ser liberados (...) poderão viabilizar (...) poderá ser viabilizado o plantio (...) a produção poderá até dobrar se houver apoio (...) a área poderia ser melhor distribuída”.

O tempo presente marca o momento do acontecimento. O passado, o momento de referencia e o futuro o momento da possibilidade, o que cria efeitos de sentido das incertezas frente à realização e tomadas de decisões das autoridades competentes.

Em termos de disposição no jornal, em um primeiro momento se tem a primeira página com foto grande enfocando “maior potencial de atenção” para a miséria e o trabalho manual. Quanto a notícia de primeira página pode ser visto que

nela a notícia que está no início da página corresponde ao “Lavrador diz que sonhou que ia ser morto e assassinou a esposa”, o que aparece em posição inferior no primeiro caderno, na seção policial, e ainda com espaço menor.

Posteriormente a isto, tem-se o espaço da posição social do chefe do Posto Indígena instituído no texto, o que denota um tom de autoridade em relação às notícias.

Quanto aos modos de concretização dos discursos temos um texto figurativo, mediante as fotos que aparecem, tanto na primeira página, quanto na manchete, as quais também funcionam como índices de argumentação, objetividade e veracidade. Como se sabe da dificuldade em um texto fazer uso apenas de um nível de concretização, percebe-se que há também o nível temático, a partir do momento em que traz a voz indígena, chefe do Posto, bem como a voz do cacique.

3.10. Advogados entendem que é hora de discutir a questão indígena (segundo caderno)

O PROGRESSO
40
 PARTIDO DO ESTADO

2º: CADERNO

DOS MÊS., SEXTA-FEIRA, 11 DE JANEIRO DE 1.991

Advogados entendem que é hora de discutir a questão indígena



Douradina:
Cerca de 1.400 alunos podem ficar sem aula



Caarapó:

Associação dos Advogados de Dourados, presidida pelo advogado Orlando Pasco, está articulando a realização de um Fórum de Debates para discutir a questão indígena da região.

O problema indígena tem sido tratado com muita frequência na imprensa nacional, apesar de uma situação insustentável, seja do ponto de vista social, seja do ponto de vista humanitário.

Orlando Pasco, presidente da Associação dos Advogados de Dourados, afirma que "a comunidade não pode continuar a discutir a questão de tamanho porte, neste momento de avanço, mas a imprensa existe exatamente para isso, para sacudir a consciência coletiva para que se volte a se debruçar a examinar aqueles problemas que, ainda que relevantes, permanecem semi-dormecidos no seio da sociedade", argumenta Orlando Pasco.

O pensamento da diretoria da Associação conseguir apoio dos poderes constituídos de Dourados, para viabilizar a realização desse evento, que contaria com a participação de representantes da comunidade indígena, da Funai, da representação parlamentar (vereadores e parlamentares estaduais e federais), além de entidades e estudiosos da questão indigenista.

Muito embora a complexidade do problema, a envolver inúmeras variáveis, a Associação dos Advogados de Dourados entende que a viabilização de um seminário sobre a questão indígena deverá contribuir para um melhor encaminhamento de eventuais soluções.

"A sociedade douradense e da região não pode ficar insensível aos problemas sociais, econômicos e até mesmo existenciais de nossos irmãos índios", arrematou Orlando Pasco, que assegurou que a entidade que preside, junto com toda a classe jurídica irá enviar todos os esforços para contribuir, eficazmente, para melhoria das questões que tanto afligem a população indígena e, porque não dizer, toda a sociedade douradense.

O prefeito de Douradina, Miguel Camilo Jacometo, informou ontem que cerca de 1.400 alunos podem ficar sem aula no município, já que até o momento o governador Marcelo Miranda, ainda não determinou os reparos necessários nas instalações da Escola Estadual de 1ª e 2ª Graus "Barão do Rio Branco", que sofreu inúmeros danos, em consequência do vendaval que atingiu a cidade no dia 22 de novembro do ano passado.

O ano letivo, de 91, começará em fevereiro. Tanto, o entender do prefeito, quanto os reparos necessários, o prefeito de Douradina, Miguel Camilo Jacometo, afirmou ao ser procurado com o problema da escola.

do, o forno, vitros, parte da casa devido ao vendaval. O prefeito Jacometo disse que entende a posição do governador Marcelo Miranda, que já disse que educação é prioridade, ainda não tomou providências para reformar o estabelecimento de ensino no ano passado abrigou aproximadamente 1.400 alunos em três períodos.

A Escola Barão do Rio

Neste texto é possível observar algumas oposições como: valorização e desvalorização, relevância e irrelevância, passividade e ação. Numa relação no tocante a postura da população a qual não adota medidas concretas para solucionar o problema e uma postura diferenciada da Associação dos Advogados de Dourados.

O Sujeito deste texto é a “Associação dos advogados de Dourados”, que busca um objetivo em conjunto com o problema indígena, reconhecimento em relação à solução do problema.

A sociedade douradense manipula a associação douradense pelo dever de saber e de fazer, pois acreditam que tem o poder e o saber para fazer, numa sanção negativa em relação à postura da sociedade que não se discute, “a comunidade douradense não pode continuar a se alhear a questão de tamanha envergadura” (...) “mas a imprensa existe, exatamente para isso (...) adormecido no seio da sociedade (...)” Esse destinatário utiliza a estratégia da manipulação da provocação e da intimidação, a medida que menciona “a comunidade não pode continuar a se alhear a questão de tamanha envergadura”.

O sujeito – comunidade douradense em disjunção com o problema indígena (valorização social e existencial, humano). Ao ser sancionada negativamente, a Associação dos advogados de Dourados entra em conjunção com o objetivo indígena com o intuito de, por meio da causa indígena, retomar o status de poder. Dessa forma, tem-se em sujeito Associação dos Advogados de Dourados que procurar promover um seminário, evento para que através de um sujeito indígena mantenha-se no poder de decisão, um status quase messiânico, de “salvador da pátria”.

No texto pode-se inferir um estado de cólera e de espera, frustração da sociedade “Associação dos Advogados” em relação ao problema e quem se sente descontente com os fatos, o que passa ele a esperar, crer na solução do problema através da chamada para participar do evento. Estabelece-se um contrato fiduciário em que o sujeito Associação dos Advogados estejam em conjunção com o objetivo indígena, afim de alcançar a valorização. Tem-se um sujeito estado que esperava do sujeito ação uma resolução do problema, mas que não acontece e leva a uma crise de confiança e à transformação do sujeito de estado em sujeito de ação.

O enriquecimento semântico do texto se dá mediante as escolhas temporais, espaciais e de pessoas criadas pelo sujeito da enunciação. Dentre os de pessoas, pode-se dizer que o enunciador ou o destinatário implícito instaura mediante o uso

do discurso indireto, “a Associação dos Advogados de Dourados, presidida pelo advogado Orlando Pascotto, está articulando a realização de um fórum de Debates para discutir, nos próximos dias, a questão indígena de Dourados e região.” “(...) é claro que a repercussão sentida na grande imprensa nacional serve, neste momento, de alavanca, mas a imprensa existe exatamente para isso, para sacudir a consciência coletiva para que volte e se detenha a examinar aqueles problemas que, ainda relevantes, permanecem semi-adormecidos no seio da sociedade, argumenta Orlando Pascotto”, o que neste último caso, confere um status de veracidade aos fatos.

Há presença do interdiscurso com o discurso religioso quando verifica-se “A sociedade douradense e da região não pode ficar insensível aos problemas sociais, econômicos e até mesmo existenciais de nossos irmãos índios, arrebatou Orlando Pascotto” e “que tanto aflige a população indígena e, porque não dizer, toda a sociedade douradense”, o discurso fraternal e até uma crítica por meio da expressão, (...) entende que a viabilização de um seminário sobre a questão indígena deverá contribuir para um melhor encaminhamento de eventuais soluções (...) e não pode continuar a se alhear”, sanciona negativamente a sociedade por meio do interdiscurso ligado a mesma sociedade. Uma estratégia de ênfase a tomada de iniciativa da Associação dos Advogados que se fortalece pela não competência da sociedade civil.

O uso do discurso indireto, promove o subjetivismo, ora para promover grau de tensão emotiva aos fatos, justificando uma tomada de decisão, enquanto para outro caso, o discurso indireto, alude a objetividade, distanciamento do destinador o jornal “O Progresso”, e responsabilidade dos fatos à Associação dos Advogados de dourados, através da busca de um interlocutor – presidente da Associação – que fala, garantindo objetividade e distanciamento.

O título do texto traz uma questão temporal entre o presente e o pretérito, “Advogados entendem que é hora de discutir a questão”, abrangendo a classe toda pelo plural, advogados no geral, presente que alude a necessidade de não se esperar mais tendo em vista a gravidade dos casos, marcado pelo “é hora de

discutir”, infinitivo que tem valor de intensidade, além da noção de embate entre forças dado pelo verbo discutir.

No texto, temos a predominância do tempo presente “está articulado”, “não pode continuar”, “serve”, “permanece”, os quais promovem o aspecto de presentificação, objetividade com ação intensa – uso do gerúndio, articulando, infinitivo, o que também remete a incertezas, ou provoca sentidos, “contaria”, futuro do pretérito, possibilidade de instabilidade ao utilizar-se de verbos na perífrase verbal formadas por futuro do presente e infinitivo, “deverá contribuir”, “irá envidar”, o que provoca o sentido de um discurso messiânico, repleto de boas intenções e de palavras difíceis, sentida na fala forte, eloqüente dado os verbos “entende”, “argumenta”, “arrematou”, mas que é apresentado no grau de possibilidade incerta dos aspectos verbais, amenizado pelo vocábulo “agiliza”.

Jornal de circulação diária, segundo caderno, primeira manchete com letras grandes “Associação dos Advogados de Dourados”, e foto dos indígenas em seu habitat, garantindo a objetividade e o simulacro do real, cuja intencionalidade, conforme a própria manchete apresenta é a de sacudir a consciência coletiva.

Outro espaço que merece destaque é o “seio da sociedade”. Um espaço genérico que alude à falta do próprio espaço ou desvalorização do seu. Aqui no caso o do indígena.

Segundo caderno onde aparecem seção cidades ou região, de importância menor. Nesta unidade, temos notícias ligadas à educação em Douradina e notícias de Caarapó, as quais circulam “Advogados entendem que é hora de discutir a questão indígena” que aparece como primeira notícia, utilizando-se de tipografia mais grossa, grande e em negrito o que realça a gravidade do tom, um tom mais alto, ênfase dado ao fato, ou melhor, a situação de povo indígena e alunos o que se reforça a partir das fotos (escola e índios) abandonados.

As fotos são grandes. A que retrata os indígenas tem um foco de maior proximidade, apresentando as pessoas de corpo inteiro, enquanto a da escola busca focar o prédio, o que indicia dois sujeitos, escola e homem indígena, com estados de

valores semelhantes, ou seja, abandonado, já que as unidades têm partes de sentidos inter-relacionados com outras a favor do texto maior.

Quanto ao uso das estratégias de gerenciamento da atenção podemos salientar na estratégia de arrebatamento representada por meio da referencia aos advogados, “Advogados entendem (...)” o que mobiliza a atenção por se tratar de uma classe organizada – Associação dos Advogados, passando para a de sustentação, criando um clima de tensão, “a comunidade douradense não pode continuar a se alhear a questão de tamanha envergadura” e “A sociedade douradense e da região não pode ficar insensível aos problemas sociais (...)” o que leva a estratégia de fidelização ao fato e a associação, “toda classe jurídica irá envidar todos os esforços para contribuir, eficazmente para a melhoria das questões que tanto afligem a população indígena (...)” efeito este que se confirma com o uso dos verbos no presente “está articulando”, “o problema indígena tem aflorada”, “(...) entendem que a comunidade não pode (...)”, conferindo um sentido de atualidade a partir desses dados e de proximidade actorial ao mencionar que “seja do ponto de vista humanitário”, “(...) a comunidade não pode continuar a se alhear” e “nossos irmãos índios” a partir do momento em que, com esses recursos lingüísticos aproxima o sujeito interlocutor dos sujeitos da enunciação, classe dos advogados, mencionando a obrigação da todos.

3.11. Cultura Indígena: apesar de tudo resistem

Culturas indígenas: **Apesar de tudo resistem**



Criança Guarani Kaiova

Preguiçosos. Sujos. Atrasados. Bugres. É assim que a maior parte da nossa grandiosa “civilização cristã ocidental” se refere aos indígenas de nosso país. Para o povo “evoluído”, os índios são uma raça ruim, com uma cultura inferior, que atrasam o progresso e incomodam o bem-estar dos civi-

lizados. Por isso devem ser varridos de nosso quintal como um cancro cônico. No entanto, apesar disso, os povos indígenas resistem e sobrevivem cultural e fisicamente. Alguns, inclusive, até reivindicam sua indianidade sufocada. Veja texto da jornalista e indigenista Verônica Rossato, na última página.

Como oposição de base temos cultura superior e cultura inferior. Ambas são contrárias, opostas, cujos sentidos se estabelecem passando de uma cultura superior para uma negação, num processo que vai para a cultura não superior, numa atitude de retenção, ou seja, o questionamento do status de superioridade, o

que se afirma ao ser mencionado pelos autores, os quais representam a visão do “povo civilizado”. A partir daí, há uma atitude de tensão em relação à cultura, que se configura para o sujeito indígena como cultura inferior, o que provoca uma atitude em busca de argumentos que levem à recuperação do status de cultura inferior, partindo para a cultura não inferior.

Para o texto “Culturas indígenas: apesar de tudo resistem” temos, no plano narrativo, a presença de um sujeito manipulador que procura manipular os enunciatários a crer no fato de que os povos indígenas são “preguiçosos, sujos, atrasados, bugre”, para dessa forma, numa oposição que estabelece o sentido, adquirirem os valores de evoluídos ou trabalhadores não indígenas, limpos, acidentais com cultura superior. Estratégia adotada a partir do momento em que se utiliza expressões do tipo: “indígenas incomodam o bem estar e atrapalham o desenvolvimento – um cancro crítico”. Ou melhor, tem-se aqui a presença de um narrador que busca um interlocutor – o povo ocidental cristão – como uma voz coletiva que se institui a fim de tornar o enunciado mais objetivo, mostrando que há um sujeito destinador manipulador responsável pelas ações indígenas o qual manipula e, relação ao pré-conceito frente aos indígenas. A presença aqui do interdiscurso de um narrador que critica a postura “religiosa” do destinador manipulador, responsável pelo pré-conceito dos não indígenas.

Tem-se um sujeito civilizado que, ao ser manipulado pela visão ocidental busca um objeto – o indígena, a fim de adquirir um valor – reconhecimento como ser superior e assim o faz agindo através de críticas.

Um sujeito indígena que está com um objetivo conhecido e que, por esse motivo, é julgado pela sociedade com alguns valores de preguiça, sujeira, atraso, bugre, raça ruim, com cultura inferior, que atrapalham o progresso e incomodam o bem estar dos civilizados, precisando assim sofrer uma sanção: “serem excluídos de nosso quintal como um cancro-crítico”.

Há também um sujeito indígena, numa situação de tensão, que busca poder fazer e crer e saber fazer através da resistência cultural e física reivindicar sua identidade sufocada. Sujeito indígena busca no seu objeto cultura e físico valores

seus sufocados pelo manipulador – sociedade civilizada. Esses objetos no texto podem ser considerados como artigos do jornal os quais vêm como objetos no texto podem ser considerados como artigos do jornal os quais vêm como um abjeto de combate, a palavra de um sujeito indigenista e jornalista. Um enunciador que tenta convencer o enunciatário, através da voz do próprio jornal, a chamada para os textos da jornalista e indigenista, de que os indígenas não são o que o sujeito manipulador criou ou espalhou, “Veja texto da jornalista e indigenista Veronice Rossato”.

Um sujeito indígena que busca o objeto indígena e através da crítica procura alcançar o valor de status de civilização.

Em outras palavras há uma narrativa que se constrói sob a ótica do não indígena com intuito de depreciar a imagem do índio, a fim de provar através da voz do não indígena instaurada no texto, uma estratégia interdiscursiva, a incorporação do discurso figurativo ou temático do discurso do “civilizado”, presente no texto em análise. O enunciador instaura um narrador a fim de manipular o interlocutor através da provocação, numa procura do valor civilizado se dá através da negação do aspecto civilizado, uma identidade que se constrói pela diferença.

Um sujeito indígena que busca um objeto, o não indígena, presente na voz da indigenista e jornalista Veronice Rossato, no jornal “O Progresso”, a fim de atingir, por o sujeito não indígena numa situação de adquirir dignidade, ou melhor, um resgate da identidade indígena, através da voz de um profissional não indígena, que fala por ele. Nesse percurso provoca-se uma crítica implícita quando, por meio de uma intencionalidade marcada pelas expressões “è assim que a maior parte de nossa grandiosa civilização cristã ocidental”, ou “povo”, as quais provocam sentido contrário, aquele que quer ser civilizado não tem o poder para o ser. Há implícita uma negação do homem civilizado através de uma afirmação do indígena ao mencionar que o sujeito índio acredita ter o poder de fazer, através do objeto da reivindicação, a fim de alcançar os valores de civilização físicas e culturalmente.

Num último momento do texto, ele se refere a vários sujeitos como o tempo, o espaço, objetos, destinatários, investimentos, o enunciador instaura a voz dos defensores da causa indígena, do índio e do não índio em uma heterogeneidade

implícita “Apesar de tudo resistem” remetendo ao discurso dos “civilizados”, numa perspectiva de suspense. Faz uso da heterogeneidade mostrada, ao mencionar, “preguiçosos, sujos, atrasados, bugres”, ou através dos recursos lingüísticos das aspas, as quais marcam obviamente o enunciado, a voz dos não indígenas como uma forma de elevar à categoria de “verdade”, a postura dos não indígenas, a fim de contestá-las com maior veemência.

Há a presença da voz do enunciador, o qual atua como mediador entre as partes, deixando claro o peso das ofensivas promovidas pelos não indígenas aos indígenas, “Através de tudo, resistem” e Alguns, inclusive até reivindicam sua indianidade sufocada”, o que permanece sufocada, até mesmo pelo fato de ao indígena não ser dada a palavra. Há quem fale por ele, defendendo suas causas, mas não é dada a voz a ele, a fim de que fale, o que se percebe é uma construção que embora em prol do indígena, marcam uma certa insegurança, um tom de generalidade, de que em qualquer lugar será assim; do enunciador em relação às conquistas dos indígenas na defesa de sua valorização e resgate de indianidade. Embora o enunciador busque o narrador para apresentar o discurso daqueles que se dizem “civilizados” e busque também a voz dos que lutam pelas causas indígenas, enquanto a primeira se apresenta, embora de forma irônica, ‘maior parte da nossa grandiosa civilização cristã ocidental’ e “povo evoluído”, de forma a reproduzir a palavra dos não indígenas, a última se apresenta através de outras vozes que não são indígenas, jornalista e indigenista e que também não apresenta nenhuma pista acerca deste conteúdo, além de estar na última página e ser apresentado, inicialmente, “como alguns” em “alguns, inclusive, até reivindicam sua indianidade”, numa indefinição, o que pode criar um simulacro da ausência de argumentos acerca das ofensivas realizadas.

Quanto ao aspecto temporalização, pode-se dizer que no texto é marcante a presença do presente histórico “resistem”, “são”, “atracam”, “devem”, “sobrevivem”, a fim de marcar uma verdade incontestável para os acontecimentos, uma proximidade com a enunciação, o que vem reafirmando com a relação sincrética dos textos com a foto da criança mais próxima e com a expressão de felicidade cheia de vida.

No que se refere ao aspecto espacialização, tem-se a primeira página do jornal, local de maior importância, ou máxima valorização espacial, sem contar com fato de a chamada estar abaixo de uma outra chamada também relativa aos indígenas e a presença de uma foto de tamanho mediano de uma criança em sua aldeia.

Quanto às formas, categorias semânticas que são disseminadas, de modo abstrato, tematização e de modo concreto, figurativização, podemos dizer que o texto “Culturas indígenas: Apesar de tudo resistem” faz uso de estruturas temáticas e figurativas, Temáticas na medida em que menciona abertamente a oposição dos não indígenas em relação aos indígenas. Figurativo na medida em que faz uso da foto, da apresentação do discurso do narrador acerca dos indígenas e da atitude de resistência dos adeptos das causas indígenas, no que se refere ao artigo publicado no jornal pela indigenista e jornalista Veronice Rossato.

Por meio dessa observação, percebe-se que o texto faz uso mais do nível figurativo que do temático, o que nos leva a crer numa tentativa de nos remeter ao mundo perceptível, ou os textos figurativos servem para que o enunciador faça crer que um pedaço da realidade que ele recortou é a própria realidade criando um efeito de objetividade. O que permite, então, dizer que o enunciador busca a adesão do enunciatário para o embate de culturas e a opressão sofrida pelos indígenas em razão da não aceitação por parte dos ditos “civilizados”.

Partindo para o plano de expressão, as várias formas, suporte ou semi-simbolismo, cuja mudança muda o sentido ou plano de conteúdo, a tipografia do título da manchete, as quais são negritadas, o que denota um tom de peso, indignação; ou pela posição, ou aspecto tecnológico, aquela que diz respeito a posição que ocupa a notícia no jornal aludindo a uma noção de mais ou menos valor. Dessa forma, embora essa notícia esteja na primeira página e abaixo das primeiras notícias, encontra-se ao lado e acima das informações do mercado financeiro, como se a cultura estivesse em uma relação de mercado, no jogo entre o que vale menos e o que vale mais na cultura ocidental, ou como se o indígena estivesse perdendo seu valor, o que fica evidente com a expressão “Culturas indígenas”: em letras finas, marcando a perda de individualidade, estratégias estas

dignas de primeira página, cuja intencionalidade é promover a tensão e chamar a atenção. Arrebatamento e sustentação.

3.12. Cimi apresenta a candidatos programa para política indígena (primeira página)



Um sujeito não indígena (conselho Indigenista Missionário) que se julga poder garantir os direitos dos índios, o que faz com que transforme o indígena seu objeto a fim de adquirir os valores desta militância. O que configura este texto, mas tem-se também o sujeito não indígena (Conselho Indigenista Missionário) busca um objeto modal (programa mínimo) para levar o sujeito político a lançar os direitos dos

indígenas. Uma relação de sujeitos de estado, indígena, com sujeitos de ação, CIMI e candidatos. Um sujeito que se encontra em estado de amargura por não crer que pode fazer e que não tem o poder e nem o saber para fazer e ainda está em disjunção com seu objetivo de valor e direitos. Assim, busca entrar em conjunção com o objetivo político a fim de alcançar a concretização dos direitos indígenas.

Esta disjunção com o objeto (direitos) leva o sujeito indígena através do Cimi a realizar a performance por um dever, tendo em vista a necessidade de agir para alcançar o valor pretendido – direitos, já que o sujeito indígena não tem condições para tal luta, “O Cimi, regional de Mato Grosso do Sul, divulgou um programa mínimo “por uma política indigenista” dirigida aos candidatos ao Governo do Estado, Senado, Câmara Federal e Assembléia Legislativa”.

Um sujeito destinador manipulador, sociedade moderna, dita civilizada, que manipula o sujeito Conselho Indígena Missionário, destinatário e o leva a um fazer da dever e do saber-buscar dos políticos, mediante entrega de projetos por achar que o sujeito indígena não tem a competência do poder, nem do saber fazer. Essa manipulação do sujeito destinador se dá por meio da aprovação.

“Dentro do programa mínimo, dirigido aos candidatos, o Cimi pede a demarcação e regularização das áreas indígenas dos Ofayés-Xavante, Guató, Kaiowá do Jaraá e das demais 30 áreas indígenas do Estado de um total de 39, garantidas no artigo 67 do Ato das disposições Constitucionais Transitórias da atual Constituição”.

O texto cria uma tensão, primeiro enfatiza os direitos e o segundo a aplicação da lei que, segundo o texto, não acontece, “O Cimi pede a demarcação e a regularização das áreas indígenas dos Ofayes-xavantes, Guató, Kaiowá do Jaraá e das demais 30 áreas indígenas do estado, de um total de 39, garantidas no artigo 67 do Ato das disposições Constitucionais Transitórias da atual Constituição.” Um contrato fiduciário estabelecido entre o sujeito de estado índio e o sujeito de dever (Cimi) ou um sujeito do crer, Cimi, que busca um sujeito do fazer, políticos a fim de

realizar as ações que promovem a melhoria aos indígenas, mas que leva a tensão por não cumprir o contrato, ações concretas.

Esta primeira página, quanto à concretização do nível fundamental e as escolhas que o sujeito, na ato da enunciação, faz de aspectos temporais, espaciais, de pessoa e os níveis de concretização desse discurso na enunciação, com o intuito de provocar efeitos de sentido de objetividade, subjetividade, distanciamento, proximidade.

Nesse ato de funcionamento da linguagem, existe escolhas feitas no tocante à categoria de pessoa no texto. O autor implícito ou destinatário no texto, comumente nos jornais, é construído mediante a terceira pessoa. Um não sujeito, que não se compromete com os fatos apresentados, numa noção de sentido de distanciamento. Esse enunciador, a fim de interagir com os enunciatários, traz para o texto a voz dos locutores. Neste caso, do projeto ou do programa mínimo dirigido aos candidatos “por uma política indigenista”, “empreendem ações concretas, norteadas por princípios que devem ser aplicados à postura da política indigenista como um todo, implicando submissão aos princípios constitucionais e na gestão participativa desta política”. Estratégia esta de apresentação de palavras alheias como uma forma de veracidade e afastamento em relação aos fatos.

Ao inserir a fala do locutor – Cimi – através do programa mínimo, deixa implícita a voz de um outro interlocutor que questiona as atitudes dos políticos de praticar ações concretas, já que o sentido está subentendido, “ (...) mas espera-se também que os candidatos eleitos empreendem ações concretas” numa atitude de incerteza em relação as ações dos políticos que não é aprovada. Assim, há no texto a instauração da voz da constituição “Dentro do programa mínimo dirigido aos candidatos o Cimi pede a demarcação e regularização das áreas indígenas dos Ofayés-Xavantes, Guato, Kaiowá do Jaraá e das demais 30 áreas indígenas do estado, de um total de 39, garantidas no artigo 67 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da atual Constituição” uma nota clara tanto do descrédito da população frente aos políticos quanto por omissão às questões indígenas.

O momento de enunciação corresponde a um período de pré eleição para governador do Estado de Mato Grosso do Sul, Câmara Federal, Estadual e Senado, ou seja, para aqueles que legislam, criam as leis e projetos e as põem em prática ao nível do executivo estadual.

O momento de referencia corresponde ao passado por reconhecer ações feitas, “O Cimi reconhece os avanços obtidos com a nova constituição” e ao futuro, “ (...) mas espera também que os candidatos eleitos”, “ (...) o Cimi pede a demarcação, e regularização das áreas indígenas (...)”, o que indicia algo a ser feito – futuro – mas com aspecto de temporalidade, o que vem materializado pelos usos dos verbos no presente e no passado “ (...) Cimi divulgou um programa mínimo (...) o Cimi reconhece os avanços obtidos (...) mas espera também que os candidatos eleitos empreendem “ e “ (...) o Cimi pede a demarcação e regulação das áreas indígenas (...)”

Quanto às escolhas espaciais realizadas pelo destinador com vistas à construção de um sentido ou simulacro, convém destacar o fato de que o primeiro espaço corresponde a primeira página do jornal o que remeteria a um grau de importância considerável atribuído a notícia no entanto, a chamada de primeira página está situada ao lado esquerdo e embaixo na folha, o que diminui o efeito de importância dado a notícia.

A presença dos verbos no presente, “espera”, “pede”, levam a crer que o enunciador fala do espaço de quem não acredita nas ações dos governantes, mesmo sabendo que estes mesmos verbos trazem, no tempo presente, o aspecto de algo que ocorre no momento.

O texto oscila entre os níveis de concretização figurativa e temática. O primeiro está presente mediante a presença da foto em que mostra alguns indígenas tomando tereré, um ato político entre o povo sul-mato-grossense, no caso contando com três crianças voltadas para o foco da foto, o que confere aspecto de realidade, de veracidade à notícia, bem como reforçam a necessidade de um programa de política indígena.

O aspecto lingüístico do texto faz uso do nível de concretização temático cuja intencionalidade é a de provocar interpretações dos fatos.

O texto apresenta várias vozes que indicam diversas opiniões: a de descrédito em relação a realização concreta do programa, e o reconhecimento das ações dos governantes e da constituição que demonstra ser, no papel, diferente.

Há no texto a presença de voz marcada e demarcada, ou seja discurso direto e indireto. Ambos contribuem, ora para eximir o destinador de qualquer responsabilidade sobre os efeitos e conseqüências do discurso, ora para reafirmar a objetividade, o que se reforça com a intertextualidade com o texto da constituição e o discurso daqueles que não crêem nas ações políticas.

Quanto ao plano de expressão, verificamos, primeiramente, o título em negrito, com letras grossas em maiúscula e minúscula e que aparece ao lado de uma propaganda da prefeitura para reconstruírem juntos o orçamento do município de Dourados. Abaixo está a foto, a qual foi retirada um tanto distante, o que confere pouca valorização, mas apresentando crianças. Quanto à tipologia, proporciona o sentido de importância, reflexão e necessidade.

Como primeira página há a estratégia de arrebatamento através, tanto do título em negrito e com verbo no presente histórico, quanto da foto e da manutenção do suspense acerca da política indigenista e, posteriormente, a estratégia de sustentação apresentando aquilo que se espera e aquilo que sempre se esperou – presente histórico.

3.13. Cimi apresenta a candidatos programa para política indígena

VERÃO
OSSEL

com batalhas não é o auge imigo sem lutar com ele é o (ZU).

, e, e e

AS CONTAS

obre da campanha eleitoral. ecedor dos alto-falantes. A a propaganda normal, assim ficou menos agitada. E, os continuam exaustos. Mesmo im a vitória, porque ninguém Todos têm o direito de so- outra: ela é dura como uma anheira, como também, trai- nãgo. A realidade, também is os candidatos que concor- d: só um erguerá o troféu do iero de candidatos, também s só um irá a Brasília. 61 so- ral, entretanto, só 8 terão o stado. E 214 disputam 24 va- gislativa. Portanto, para to- nho está perto: assim como

Cimi apresenta aos candidatos programa para política indígena



Grupo de índios Kalowá de Aidelá de Casarapá

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi), regional de Mato Grosso do Sul, divulgou um programa mínimo "por uma política indigenista" dirigido aos candidatos ao Governo do Estado, Senado, Câmara Federal e Assembleia Legislati-

va. Ligado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Cimi esclarece que o programa "é fruto da experiência e reflexão crítica da Igreja Missionária, acrescentando de elementos tomados de ex-

origens, todos, porém, comprometidos com a construção do Estado de direito, social, econômico e etnicamente democrático".

No Mato Grosso do Sul vive a segunda maior população indígena do Brasil, e além do fracasso da política governamental voltada ao setor a nível nacional, a integração entre os índios e o homem da cidade "não garante de modo efetivo o direito inalienável das nações indígenas à sua terra imemorial, forçando-as ao êxodo para as periferias dos centros urbanos, à perambulação por rodovias e cidades - como mendigos na maioria das vezes - ou ao trabalho em fazendas e usinas de álcool do nosso Estado, inúmeras vezes eficientemente questionado, pela precariedade na remuneração e condição de trabalho". O conselho reclama "silêncio" em relação a este assunto em Mato Grosso do Sul.

NOVA POSTURA

O Cimi reconhece os avanços obtidos com a nova Constituição Federal que suprime qualquer referência à integração, mas espera também que os candidatos eleitos "empreendem ações concretas, norteadas por princípio que devem ser aplicados à postura da política indigenista como um todo, implicando submissão aos princípios constitucionais e na gestão participativa desta política. Reconhecendo a realidade pluriétnica do Mato Grosso do Sul, respeitando as especificidades sócio-culturais das nações indígenas, adequando as iniciativas às necessidades de cada etnia indígena e garantindo-lhes o direito de expressão e autonomia (...). Garantindo a participação livre, legítima e plenamente informada das nações indígenas, em todos os níveis de decisão sobre iniciativas que as afetem", conclui o órgão.

Maioria das áreas não é regularizada

Seis nações vivem atualmente no Estado: os Guaraní/Katowá, na região de Dou-

1,5 a 2,0 hectares de terra, o que inviabiliza até a sua sobrevivência física. Os últimos so-

põem de seu espaço para sobreviver física e culturalmente", afirma o conselho.

tado a devida ajuda. "Os índios são forçados ou a migrar às periferias dos centros urba- nos ou a trabalhar em fazendas"

Sendo a primeira página um resumo da manchete, têm aqui os mesmos recursos gerativas de sentido, o mesmo nível fundamental e, na materialização do discurso, também há um tempo do discurso, uma categoria de pessoa, um espaço discursivo. Um sujeito que está em desencontro com o objeto e vai à ação porque tem dever e acredita ter poder para ser e fazer conforme a análise da primeira página.

Escrito com enunciador implícito em terceira pessoa, "O Cimi reconhece os avanços (...)" buscando como interlocutores estudos e documento de outras origens - da política ou da negação ao discurso dos integralistas, o discurso dos adeptos à atnia, da constituição federal, e da lei - bem como o discurso de uma parte da população que está desacreditada nas ações dos políticos por não se submeterem as leis da própria carta magna, ou não cumprirem o que é pré-estabelecido, "O conselho reclama 'silêncio'".

O discurso utilizado oscila entre o direto e o discurso indireto como forma de enfatizar mais o discurso citado que o citante, a fim de destacar como "real",

objetivo, principalmente no que se refere ao conteúdo do programa da constituição e até mesmo uma forma de registrar como algo realizado – embora esteja em terceira pessoa – Cimi -, e precisar reforçar que “o programa é fruto da experiência e reflexão crítica da igreja missionária, acrescentando de elementos tomados de estudos e documentos de outras origens, todos, porém comprometidos com a construção do Estado de direito, social, econômico e etnicamente democrático”, o que aparenta ser uma estratégia, a fim de provar a veracidade dos fatos, o que, por outro lado, não há indícios da voz indígena. É uma ação tomada pelo Cimi e não pelos indígenas.

Como uma manifestação diferente da linguagem muda a ordem narrativa, a partir das estratégias de expressão e sua relação com o plano de conteúdo observa-se as contribuições para o sentido da notícia.

A notícia está na seção geral, primeira manchete com letras médias em negrito o que evidencia uma importância relativa contrastando com a notícia “Maioria das áreas não é regularizada” com letras grandes em negrito, reforçando uma possível causa do problema indígena e importância maior.

A foto apresenta um grupo de indígenas com seus instrumento, Maracá, espécie de chocalho indígena utilizado em festas, cerimônias religiosas e guerreiras, que, segundo os índios, “transportam os ouvidos para outro estado da consciência”, conversar com os espíritos, acalmar a ira. Uma estratégia de fazer crer.

Já que a diagramação e suas inter-relações determinam o sentido e isso não é uma ingenuidade do jornal, tem-se um texto pequeno, no alto da página e centralizado, numa oscilação entre claro e escuro, o que denota uma falta de harmonia entre as partes. Acrescenta-se aí a posição de notícia, ao lado da coluna Carrossel e acima da manchete “Maioria das áreas não é regularizada”.

A estratégia de arrebatamento é utilizada, num primeiro momento, “Cimi apresenta programa mínimo”, estímulo, relatando em seguida do que se trata, estratégia de sustentação, “no Mato Grosso do Sul a segunda maior população (...)

forçando-as ao êxodo” (...) perambulando (...) como mendigos)”, além dos verbos no presente e o assunto que envolvia as eleições que estavam ocorrendo na época.

Como estratégia de fidelização tem-se “O conselho reclama silêncio” e analisa, julga antecipadamente “espera que os candidatos eleitos empreendem ações concretas, um descrédito em relação às tomadas de decisão, o que cria um empatia para com o Cimi (Conselho Indigenista Missionário), o que não acontece com os candidatos.

3.14. Força mística pode estar levando índios ao suicídio (Geral)

GERAL

Força mística pode estar levando índios ao suicídio

O suicídio entre índios da Reserva de Dourados, apesar de ser um assunto complexo, pode ter relações místicas porque eles acreditam muito no Pague-e-val - seria o equivalente ao leilão, apesar dos casos ocorridos até agora não terem uma explicação definida. O pastor da Igreja Metodista Paulo da Silva Costa que há 10 anos mantém contatos com os índios Terena e Kaiowá, acredita nessa possibilidade com base no depoimento de dois índios que tentaram se suicidar mas foram encontrados a tempo. Eles disseram, segundo o pastor, que sentiram uma sensação ruim naquele momento, e por isso queriam por fim a sua própria vida.

A Reserva Indígena de Dourados conta aproximadamente com 9 mil índios entre Terena e Kaiowá, e é a mais populosa do país. O pastor comentou que os casos de suicídios vêm ocorrendo com maior frequência a partir de 1987, e as vítimas são sempre na faixa de 14 a 20 anos. Quando ele iniciou o seu trabalho na reserva, no ano de 1978, não se ouvia falar muito desses casos de suicídio. E a forma como eles dão fim a sua própria vida, por entorpecimento, também intrigou porque a sua própria cultura condena essa prática.

O pastor explicou que se for analisado caso por caso, talvez se tenha uma explicação. Na maioria das vezes o índio se suicida por motivos insignificantes, como a briga entre família, relações amorosas frustradas, mas esses

o argumento mais convincente", afirmou o pastor, lembrando, todavia, que "o índio vê as coisas de outra maneira e a questão é complicada pela própria religiosidade deles, muito abrangente", disse.

Porém, uma outra hipótese levantada é a desestruturação das comunidades indígenas, hoje enfrentando problemas por questões de terra, a falta de assistência e a própria dificuldade de plantio de suas roças. O pastor contou o caso de dois primos que sonharam que tinham tomado veneno. Depois, em conversa um comentou com o outro sobre o seu sonho e o segundo disse que teve o mesmo sonho e por isso convidou o primeiro a tomar o veneno. O pastor comparou a situação como um copo d'água: apenas uma gota quando o copo está vazio não representa praticamente nada. Mas se o copo estiver cheio, uma gota seria o suficiente para transbordá-lo.

Assim, ele acredita que devem existir uma série de fatores que estão levando os índios ao suicídio e teme que isto se torne um círculo vicioso, com um chamando o outro para se matar. Mas isso, no seu entender, não representa propriamente que eles estejam se auto-extinguindo. "Se eles estiverem fazendo isso é inconscientemente", afirmou. O pastor chega a essa conclusão porque, em outras circunstâncias, o índio não teria motivos para se suicidar.

O suicídio também atinge casais, irmãos e primos. Existe

em lugar distante, não chegou no dia previsto. O pastor contou que no dia anterior ao suicídio esteve com essa índia e ela mostrava-se alegre e conversando normalmente, sem apresentar nenhum sinal de aborrecimento. O marido quando ficou sabendo do suicídio da esposa, adentrou na mata e foi encontrado enforcado.

MATURIDADE

"O que preocupa e o nível de frequência", comentou o pastor, lembrando que neste ano já foram registrados, pelas informações existentes, mais de 20 casos de suicídios, e número quase idêntico no ano passado. "Com raríssimas exceções acontece esses casos entre índios com mais de 20 anos", afirmou. Ele explicou que os índios alcançam a maturidade, conforme sua cultura, quando se casam. E o matrimônio muitas vezes ocorre com adolescentes de 14 a 15 anos, quando o índio passa a ter a responsabilidade pelo lar.

O índio quando chega a se suicidar, segundo o relato do pastor, não significa "a busca pela salvação; seria muito mais um gesto de socorro do que a busca de salvação", afirmou. Outro detalhe interessante é que apesar da reserva estar bem próxima da cidade, os índios vivem um mundo completamente diferente. "Ele vive isolado e o contato com a cidade é muito pouco". Por esse motivo, o pastor acredita que o maior inimigo do índio é a falta de informação do próprio homem civilizado em relação a ele".

Ele citou que muitas crian-

formação americanizada em relação ao índio, como aquela que passa nos filmes de bang-hung e uma visão exótica do índio brasileiro. O pastor comentou que existem levanta-mentos arqueológicos sendo desenvolvidos por professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

que registram a presença de fósseis humanos na região de Bela Vista e Antonio João, de 10 mil anos atrás. Ele chamou a atenção também para a semelhança oriental dos índios da região.

O pastor defende uma ampla discussão com a sociedade local para se tentar explicar

melhor esse mistério e se encontrar uma solução para conter esses casos de suicídio. No próximo dia 23 de novembro acontecerá na reserva local a Pirareí - uma festa religiosa, com rezas e danças que reunirá índios de toda a região e até mesmo de aldeias de Espírito Santo e São Paulo.

Membro do Cimi aponta causas

Hilário Paulus, membro do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), de Dourados, aponta pelo menos quatro motivos que podem estar levando os índios da reserva local ao suicídio: a falta de terra, a exploração da mão-de-obra, a promiscuidade nas destilarias de álcool e outros locais de trabalho, e finalmente as seitas pentecostais, ou seja, muitas igrejas e seitas dizem aos índios que seus costumes e objetos religiosos são coisas do demônio. Dizem também que quem não é batizado em alguma igreja estaria com satanás. Isto perturba os índios, cuja cultura é muito arraigada e de-cideva para o seu dia-a-dia", afirmou.

Com relação a falta de terra, Hilário explicou que o povo Guarani-Kayová e Guaraní-Nandeva ocupavam grandes extensões de terra para sua reprodução física e cultural. Viviam em aldeias onde o número máximo de pessoas chegava a 400. "Hoje, as áreas reservadas estão saturadas de indivíduos", afirmou.

As vezes a punição por algum erro cometido pelo índio é a transferência de área, "o que causa muitos transtornos, conflitos, miséria (diminuição

de roças", disse Hilário, acrescentando que isso antigamente não dava tanto problema. A falta de regularização das áreas, a situação de insegurança, medo, vontade de não fazer roça, são outros fatores citados por ele que podem estar contribuindo para aumentar os casos de suicídio.

VERGONHA

A exploração da mão-de-obra indígena é um problema sério. "Muitas vezes os índios são irpeçados no pagamento pelos serviços prestados em roçadas, capinas, coleta de sementes e corte de cara. Trabalham muito e ganham pouco. Isto deixa o homem envergonhado diante da mulher e dos filhos", comentou Hilário, lembrando que "não há a curto prazo uma perspectiva de organizar o trabalho assalariado porque são muitos os que se beneficiam com isto, ganhando sem trabalhar, precisando apenas arremeter a mão-de-obra".

Mas a denúncia em relação a promiscuidade nos locais de trabalho é ainda mais grave. Segundo o integrante do Cimi, das Destilarias de álcool e outros locais de trabalhos, "os que arremetem a mão-de-obra procura levar mulheres

e moças para manter relações sexuais com os homens, o que é uma forma de fazer o trabalho atrativo". Porém, acrescenta "entra um agravante que é o fornecimento da bebida alcoólica aos índios, o que faz com que haja violência para tentar garantir um programa com parceiras disponíveis. O homem tem sua mulher e filhos, mas a sociedade indígena embete-se e pode ir ao suicídio", concluiu.

Hilário, assim como o pastor Paulo da Silva Costa também concordam com a discussão desse problema com a sociedade para se encontrar uma alternativa. "Mas essa discussão deve ser feita com gente especializada. Serão os índios não ficam a vontade para falar", recomendou. Disse que esse problema de suicídios pode ser contornado se houver realmente disposição para isso.

Um fato que também despertando grande preocupação é que os casos de suicídio pelo entorpecimento e em seguida, não vêm ocorrendo atualmente de forma freqüente na Reserva de Dourados. Em outras reservas do país, agora não surgiu esse problema na mesma proporção.

Um sujeito não indígena que busca o objeto índio a fim de conquistar o valor superioridade. O não índio procura manipular o indígena com intuito de desorientá-lo (objetos religiosos, saturação das terras, exploração da mão de obra, promiscuidade, bebida alcoólica, violência, a incompetência para sustentar a família aos 15 anos leva-o à necessidade de saber fazer, mas a incapacidade para fazê-lo, o que faz sentir vergonha ou sujeito à cultura do indígena – misticismo.

Num primeiro percurso tem-se um sujeito que está em junção com a vida, mas que passa por uma transformação e se vê em disjunção com a vida, passando

a busca da morte, mas não como uma forma de se esvaír da vida, mas sim com esperanças de uma situação de vida melhor.

O sujeito é manipular pelo dever e pelo querer. Dever de cumprir com suas obrigações e o querer fazer, mas ao não ter o saber e nem o poder para fazer buscam na cultura do não-indígena. E assim são julgados pelo destinador – manipulador da sociedade não indígena por não ter competência, sancionando-o negativamente.

No processo de manipulação tem-se a tentação. Uma euforização da liberdade e uma menção da dominação.

O autor implícito ou destinador busca os enunciadores “Pastor da Igreja metodista Paulo Silva Costa”, alternando com debreagem enunciativa – ele, a fim de promover mais objetividade. Outra voz presente é a do representante do Conselho Indígena Missionário – CIMI, Hilário Paulus, o que confere de distanciamento em relação aos fatos e objetividade.

O enunciador destinador dá voz ao sujeito indígena, embora de forma indireta, “Eles disseram, segundo o pastor que sentiram uma sensação ruim naquele momento, e por isso queriam por fim a sua vida”. Discurso indireto circundado pelo discurso direto: “O pastor explicou que se for analisado caso por caso, talvez se tenha uma explicação. Na maioria das vezes o índio se suicida por motivos insignificantes, como briga entre família, relações amorosas frustradas, mas esses casos eram, até algum tempo, os considerados normais. Isto não seria o argumento mais convincente. Afirmou o pastor”.

Uma estratégia de criação da veracidade e imparcialidade criada pelo jornal, a fim de dizer que esta é a posição do pastor.

O que se percebe mediante a leitura do texto é que, para o pastor, a desestruturação familiar e a questão da terra é uma outra hipótese, ou seja, ficando a primeira como a mais importante, questão mística.

O tempo projetado no texto é o momento da enunciação – o agora – numa projeção enunciativa, criando proximidade entre enunciador e enunciatários. Um presente histórico que reforça a permanência dos fatos e causas desprestigiando as ações das autoridades competentes.

Tem-se um passado presentificado. Ação que ainda existe. “O pastor da igreja metodista (...) mantém contato com os índios Terena e Kayowá, acredita nesta possibilidade com base no depoimento de dois índios que tentaram se suicidar (...)” e “(...) as vítimas são sempre de 14 à 20 anos.”

Outro aspecto a se destacar está no uso dos tempos verbais do título: “Força mística pode estas levando índios ao suicídio”. Uma perífrase verbal que suscita dúvidas, incertezas até mesmo pela presença do gerúndio, o que se contrapõe com o subtítulo “Membro do Cimi aponta causas”, aspecto de verdade no presente com grau de incisão mais elevado. Frente a isso, percebe-se que o jornal põe em paralelo as vozes do pastor e do membro do Cimi, os quais apresentam causas diversificadas em relação ao suicídio indígena, misticismo e questões sociais.

O primeiro espaço que se faz menção é o espaço jornalístico – seção geral – assunto de importância coletiva e pouco específica para se publicar em outra seção mais específica como cidades, política ou esporte.

A reserva indígena também se configura como um espaço, próximo à cidade. Áreas saturadas de indivíduos num mundo diferente, bem como o espaço de um pastor e de um membro do Cimi – Conselho Indigenista Missionário. Este último ligado a Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil / CNBB, cuja finalidade é catequizar.

O texto é temático e figurativo, tendo em vista a presença de componentes temáticos abstratos “Força mística pode estar levando ao suicídio” e figurativas, concretização do aspecto temático, “O pastor contou o caso de dois primos que sonharam que tinham tomado veneno. Depois, em conversa um comentou com o outro sobre o seu sonho e o segundo disse que teve o mesmo sonho e por isso convidou o primeiro a tomar veneno.” Há uma tentativa criada pelo texto e no texto

de figurativamente contrapor o discurso evangélico-protestante ao discurso católico e a figurativização da dominação ideológica cristã e imposição do cristianismo aos indígenas, “(...) muitas igrejas e seitas dizem aos índios que seus costumes e objetos religiosos são coisas do demônio. Dizem também que quem não é batizado em alguma igreja estaria com o satanás (...)” numa perspectiva interdiscursiva cujas intenções podem ser as refletidas sobre esta tentativa de dominação ideológica.

Quanto à categoria topológica pode-se dizer que o texto ocupa uma dimensão considerável da página da seção geral, sendo a primeira notícia desta página.

No que se refere à categoria cromática, relacionada às cores, embora o jornal “O Progresso” tenha passado a se utilizar dos fotolitos coloridos a partir dos anos 90, as edições que foram fornecidas junto ao arquivo do jornal são preta e branca.

Mediante este texto, o jornal procura chamar a atenção do leitor através de letras grandes, e do assunto místico. Uma estratégia de arrebatamento, seguida de sustentação, mediante a interpretação dos fatos ocorridos e os efeitos de atualidade – tempo, espaço – sem contar com a instauração da voz do Cimi. Por fim, o jornal procura fidelização, a partir do momento em que o jornal deixa para o leitor tirar suas conclusões sobre as possíveis causas do suicídio indígena.

3.15. Frentista de posto suicida-se com um tiro; indígena morre enforcado (primeira página)



Na tentativa de chamar a atenção para a sucessão de fatos, as modalizações dos sujeitos frente um contrato pré-estabelecido por entre as partes, os sujeitos do enunciado que serão discutidos na página policial, percebe-se que, como estratégia de arrebatamento, o enunciatário faz-se uso da categoria discursiva topológica em que o texto aparece como a primeira notícia, o que exige uma maior atenção, o que implicitamente percebe-se uma euforização da violência como um meio de atrair a atenção dos leitores e explicitamente disforiza a violência a fim de marcar o papel social do jornal.

Quanto à manifestação tipográfica, a qual faz uso de letras em negrito com fundo cinza, numa valorização da notícia e letras grandes, retratando a tensão, drama, necessidade de reflexão que envolve a temática, suicídio, tanto do frentista quanto do indígena.

Além desses recursos, estratégia de arrebatamento, também tem-se a ausência dos artigos diante de frentista e de indígena o que confere sentido genérico – objetividade – ao mesmo tempo que busca através do pronome reflexivo “Frentista de posto suicida-se com um tiro”, uma ação praticada pelo sujeito frentista e sofrida por ele mesmo como algo que ressalta sua própria ação – suicida-se; por outro lado “indígena morre enforcado”, o verbo morrer, embora esteja seguido pelo advérbio de modo enforcado, não denota sentido de um sujeito que pratica a ação de se enforcar, o que ameniza o suicídio, como se alguém tivesse enforcado o indígena. Por meio dessas considerações acredita-se que essa materialidade lingüística

promove um efeito de sentido de destacar a ação do suicídio praticado por outra classe – frentista.

Ação esta, em contrapartida, já tão constante entre os indígenas, que o enunciador deixa implícita a informação de que o indígena também praticou suicídio. Essa construção também alude a inferência, já que o enforcamento é enunciado juntamente com o suicídio do frentista, o que não é tão comum quanto é a morte por enforcamento dos indígenas.

Os verbos presentes no enunciado são utilizados no presente histórico. Uma estratégia de embreagem em que ocorre uma substituição do pretérito perfeito – suicidou-se, por presente, “suicida-se” e “morre” , “um olhar que se orienta para o exterior” (Fiorin). Cabe ao discurso de informação dar condições de veracidade, autenticidade, autenticar os fatos, descrevê-los, de maneira verossímil, o que leva o enunciador a fazer uso do presente e de objetos, conteúdos, acabados, passado que o jornal procura opor-se, tendo em vista ser um veículo midiático em busca de um sentido de verdade que salta aos olhos.

A atualidade cujo presente exime a distância entre o aparecimento do acontecimento e o momento da informação – momento da contemporaneidade, corresponde a um dos operadores de construção do acontecimento midiático, importante para a primeira página tendo em vista ser ela gancho para a notícia presente na última página, seção policial.

3.16. Frentista de posto atira contra sua própria cabeça e índio enforca-se (seção policial)



Vida e morte são duas categorias presentes na base textual em que o sujeito se encontra, num primeiro momento, em estados de relaxamento por possuir os objetos necessário à aquisição da felicidade, mas num segundo plano ele entra em disjunção com o objeto que lhe proporcionava a felicidade e assim a vida, o que o faz entrar em estado de tensão, provocando suicídio por acreditar no fato de que essa ação lhe proporcionará a conjunção com o objeto de valor – vida e felicidade.

Um sujeito que passa de um estado de esperanças e direitos – não frustração – para um estado de cólera gerado por uma frustração, um descontentamento em relação à capacidade de poder crer fazer que o modifica, pois a impossibilidade da conjunção com o objeto, o leva a liquidação da falta contra o sujeito manipulador mediante o suicídio, que passa a representar a não compactuação com as atividades pré-estabelecidas pela sociedade civilizada, a hostilidade em relação a ela – morte, fuga – a fim de se afastar das sanções impostas pelo destinador manipulador, partindo para o plano divino, a busca do paraíso.

Neste texto tem-se uma narrativa que apresenta sujeitos: o frentista e o indígena, ambos buscam ceifar as suas vidas através do suicídio. O sujeito indígena busca um objeto, corda – o sujeito indígena busca outro – arma de fogo.

Tendo em vista a tentativa dos sujeitos de estarem em conjunção com objeto – arma de fogo e corda - a fim de alcançar um valor – morte – a qual está

submetida, já que não é apresentado pelo enunciador frente ao mistério que perpassa os casos de suicídio, o que se percebe através das palavras do enunciador “por motivos que a Polícia Civil de Dourados ainda não sabe”.

O sujeito não alcança o valor almejado, conforme contrato fiducário estabelecido entre ele e o sujeito manipulador o que leva a ser julgado negativamente pela sociedade civilizada, pois não cumpriu com seu dever fazer, mas diante da constatação de que quer mas não tem poder para fazer conforme o destinador espera que seja feito. Dessa forma, os sujeitos crêm que tem de fazer através de objeto suicídio, o que pode para o frentista ser considerado como um castigo imposto pela sociedade manipuladora que vai conferir ao sujeito prêmios, alívio dos problemas, livrando se dos problemas segundo a ideologia ocidental cristã através da chegada do paraíso, a vida eterna.

Dessa forma, percebe-se que há uma disforização da vida e uma euforização da morte por parte dos sujeitos.

Dentre os tipos de manipulação acometidos pelos manipuladores infere-se que tenha sido o de tentação e intimidação, se não recebe o prêmio, ou se não realizar a ação nunca mais receberá o prêmio.

Conforme anteriormente mencionado, esse nível corresponde à concretização do nível fundamental enriquecendo semanticamente a narrativa através da escolha e a organização das categorias de tempo. Espaço. Pessoa, figuras, temas, ou seja, as projeções de tempo, espaço, pessoa e os níveis de discurso adotados o que haja manipulação alguém tem a intenção de fazer-criar a outro, alguém, alguma coisa, para fazê-la pensar e agir para trazer proveito ao primeiro. A mídia vive em razão do tempo, espaço, acidente. Aquilo que acontece deve ser convertido em notícia.

Dessa forma, o que é criado conforme a situação de enunciação, é um espaço da enunciação, um tempo da enunciação e uma pessoa da enunciação – discurso. Um eu, um espaço – aqui e um tempo que pode atribuir sentido de objetividade, realidade, subjetividade e proximidade. Quando não projeta um lugar, um tempo, debreagem enunciva, ou enunciativa, um “eu”, um “aqui” e um “agora”.

Através do texto podem ser aprendidas as vozes, sejam elas de um autor implícito, enunciador, que relata dois casos de suicídio, começando por apresentar os sujeitos como duas “pessoas”, “elas”, terceira pessoa do plural, numa atitude de perda do referente de não pessoa, representando qualquer pessoa, ou incerteza, o que pode ser conferido mediante o uso das expressões indefinidas, um, outro, duas pessoas, “Duas pessoas no último final de semana praticaram suicídio”, depois, “um atirando com uma pistola em sua cabeça” e outro, “enquanto outro, com uma corda praticou suicídio”, expressões que ecoam com sentido de incerteza, dúvida em relação às causas do suicídio e também procurando provocar o efeito de arrebatamento nos enunciatários.

Em um segundo momento, tem-se uma terceira pessoa do singular, O indígena Alceu Duarte Vieira, de 18 anos” e, “Ele amarrou uma corda numa madeira da cobertura de seu barraco”.

Há no texto um fator chamado de pessoa transplantada, o que corresponde à citação pelo narrador do discurso de outro e não apenas palavras”. “Por motivos que a polícia civil de Dourados ainda não sabe, mas está investigando”, ou, “por motivos que seus familiares desconhecem”, reportados mediante discurso indireto, sem valorização do aspecto citado, o qual é submetido a palavra do citante como uma forma de interpretar os fatos a fim de promover o simulacro de objetividade.

A começar pelo título da manchete policial tem-se uma debragem enunciativa temporal por meio de um presente no lugar do pretérito perfeito “frentista de posto atira (...)” seguido de verbo na voz reflexiva “(...) índio enforca-se”, o que transfere o momento de referencia para o agora, presentificando o ato promovido pelos envolvidos. Outra marca anuncia está na expressão “último final de semana, no sábado”, marcando distanciamento e objetividade tendo em vista o aspecto atemporal dessas expressões que aparentem ocorrer em qualquer sábado ou qualquer final de semana, tentativa também de presentificar os fatos.

Além do espaço lingüístico – manchete policial – em que se percebe implícita a valorização do acontecimento como objeto necessário para existência da notícia, há a presença dos lugares, espaços, “barraco em construção e o “pescoço”: “Ele

amarrou uma corda em uma madeira da cobertura do seu barraco em construção e outra ponta atou em seu pescoço.”, apresentando de forma indefinida, como último espaço, ou lugar escolhido para a morte – talvez uma libertação que indica um sufocamento do ambiente. Não há lugar e se não há lugar, não há pessoa.

No que se refere ao nível discursivo, mais especificamente os formantes plásticos, verifica-se que a manchete está posicionada como primeira manchete da última página ou página policial, o que indica valorização dada aos fatos.

A tipografia é semelhante ao texto da chamada de primeira página. O texto é figurativo à medida que apresenta uma narrativa, uma estrutura concreta, trama e desenvolvimento de um suicídio, procurando reproduzir todas as ações e suas causas, o que confere um efeito de realidade, no entanto por trás do espetáculo narrativo há um nível abstrato, temático que aqui se configura como sendo a violência.

3.17. Questão indígena será debatida hoje no Ceud (primeira página)

A penitenciária será a maior da região, com capacidade para abrigar 538 presos divididos em 90 celas coletivas e 88 individuais. ritmo lento. **PÁGINA 4.**

Questão indígena será debatida hoje no CEUD

O grupo da Prefeitura, entre assistentes sociais, professores, médicos, psicólogos, técnicos da área agrícola e que conta com a participação do reverendo Benedito Troquez, passou todo o domingo na Reserva de Dourados, colhendo informações e depoimentos sobre a situação dos índios, visando reforçar a discussão sobre as causas dos suicídios. Hoje, esse grupo deverá apresentar seus resultados durante um encontro com representantes da Funai no anfiteatro do Centro Universitário (CEUD), na parte da tarde. Páginas 3 e 1^o do 2^o Caderno.



Os casos de suicídios na Reserva de Dourados, ganharam repercussão nacional. Hoje acontece um encontro no CEUD quando a questão será debatida.

Braz Melo ajuda e Leão vai disputar Brasileiro

Depois de uma reunião com um grupo de empresários ligados à diretoria do Ubatã e Clube Atlético Douradense com o prefeito Braz Melo, ficou definido, ontem à tarde, que o Leão da Fronteira vai disputar o Campeonato Brasileiro da Série B, que tem seu início previsto para o dia 27 próximo. O prefeito ouviu as reivindicações do grupo que a partir de agora representa o futebol de Dourados e ao final, após algumas explicações, concordou em ajudar financeiramente. A partir de hoje, o grupo começa a formar oficialmente a comissão técnica e a realizar contratações. Os dois primeiros nomes comentados como contratações são o treinador Sérgio Amâncio, o Seco, e o preparador físico Berio. O primeiro seria indicação do Ubatã, enquanto o segundo é do CAD. Em março, pelo menos no futebol, conforme a carta-fusão apresentada ao prefeito Braz Melo, os dois times se fundem, formando única diretoria e teria também nova denominação. Esportes na última página.

Índio cobra de Collor promessas de campanha

O índio terena Rubens Mamede, um dos que puxou votos para o presidente Fernando Collor de Melo na Reserva Indígena de Dourados, durante a campanha eleitoral, disse ontem que pretende visitar em breve o presidente, em Brasília, para cobrar-lhe o apoio prometido aos índios locais ainda quando era candidato. Collor esteve, durante sua passagem por Dourados, na reserva e ali recebeu a maioria dos votos. Rubens disse que pretende utilizar seu prestígio junto a Collor para convencê-lo a visitar novamente a reserva, principalmente agora que a onda de suicídios vem tendo repercussão nacional. PÁGINA 3.

Número de construção para moradia cresceu 62% em 90

Se, nos últimos anos, foram aprovados 1086 projetos residenciais contra 670, em 1989, havendo um aumento de 22,9% em relação à área de construção solicitada; em 89, ela foi de 89.317,06 m², e em 90, de 109.393,56, segundo dados divulgados pela Divisão de Urbanismo da Secretaria de Obras do Município. 1^o Página do 2^o Caderno.

Servidores municipais têm reajuste de 32%

O prefeito Braz Melo concedeu aos servidores. A Prefeitura, na

Missão do Vaticano conversa com Rigo sobre visita do Papa

O vice-governador eleito, de outubro. Representantes da missão, recusou retornar a

Para o nível fundamental tem-se a violência social em contra posição a paz. No percurso narrativo tem-se um sujeito – sociedade – que busca a questão indígena através de depoimentos, informações a fim de alcançar o valor – conhecimento – e para isso acabam por organizar uma reunião com o propósito de solucionar o problema e alcançar as glórias da avaliação feita pelo sujeito manipulador-destinado – sociedade.

Estes sujeitos vão a ação tendo em vista o dever e pensam ter o poder e o saber fazer para alterar a situação de morte, disforização da vida. Ao mesmo tempo em que euforiza a morte à medida que surge o jornal, a manchete a partir dela.

Estes sujeitos são manipulados pela tentação, pois há possibilidade de realização mediante essa ação da respeito e reconhecimento por parte da sociedade

que também é o sujeito manipulador o que avalia, seja positiva ou negativamente, conforme ações e resultados.

Um sujeito indígena que está em disjunção com a vida e em conjunção com a morte, o que leva a sociedade, em disjunção com a solução do problema, a adquirir o conhecimento, pois acredita que através dessa solução vai alcançar o reconhecimento, o que os leva a realização de um debate.

Um estado de amargura em que um sujeito procura querer-ser e saber ou crê no poder ser o sujeito que encontra uma solução. Há a realização de um contrato fiduciário estabelecido entre o sujeito indígena e o sujeito não indígena e ambos com o sujeito destinador manipulador.

Assim, como houve o rompimento com a sociedade civilizada o sujeito não indígena tem como objeto o indígena que, de sujeito, passa a objeto; o sujeito não indígena acredita que tem o dever para adquirir o valor – conhecimento, glória – tendo em vista ter o sujeito indígena rompido com o contrato fiduciário com o sujeito destinador manipulador, a partir do momento em que se suicida.

O destinador busca a inserção da terceira pessoa, coletiva. “O grupo da prefeitura, entre assistentes sociais”, enfatiza o reverendo Benedito Troquez, posicionando-o depois do conectivo preposicional e que conta “com a participação do reverendo (...)” e “os índios”, conferindo objetividade.

Anterior a enunciação, “passou todo domingo na reserva de Dourados” e ao momento de referencia, “hoje esse grupo deverá apresentar seus resultados durante um encontro com representantes da Funai no anfiteatro do Centro Universitário (CEUD), na parte da tarde”. O primeiro confere sustentação as pessoas chamadas para abordar o assunto, por estarem reunidos com os indígenas, o que denota a tentativa de reforçar o peso do trabalho realizado. E o segundo, “deverá apresentar” e “hoje”, o que denota um incerteza frente aos fatos, futuro, que, embora esteja marcado com uma expressão adverbial, ainda é posterior ao momento da enunciação, dúvida, “deverá”.

O espaço é o da primeira página, lado esquerdo, com pequena nota seguida de foto (índio suicidado, enforcado) e letras finas, pouca valorização, enfatizando a ação da sociedade e apelando para uma estratégia de arrebatamento, chamada embaixo, e sustentação, seja pela foto, figurativização, simulacro da verdade, seja pela curiosidade que desperta frente às fotos, figurativização, simulacro da verdade, seja pela curiosidade que desperta frente às possíveis conclusões a serem apresentadas no evento em destaque – debate no Ceud – o que denota um tom de discussão especializada, na academia. Um espaço lugar – reserva indígena – sendo discutida em um espaço não lugar, o Ceud, que eleva a discussão a níveis substanciais, tendo em vista o status nacional que o Centro Universitário de Dourados tem, frente ao fato de ser uma unidade da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Ao lado da nota há uma outra com letras grandes, porém finas.

3.18. Índio cobra de Collor promessas de campanha (primeira página)

Menos valor, atenção, frio, embora em negrito em que o sujeito indígena – Rubem Mamede – busca o objeto – votos – a fim de alcançar valor – atenção do presidente. “O índio terena Rubens (...) puxou votos para o presidente Fernando Collor de Mello (...) pretende visitar o presidente para cobrar-lhe o apoio prometido aos índios locais”. Um sujeito que se utilizando do prestígio junto ao presidente tendo em vista ter alcançado alguns votos procura o sujeito – presidente – a fim de angariar uma visita, ou seja, a atenção do presidente para o problema do suicídio, frente a repercussão que os casos têm tido na mídia.

O sujeito – índio Rubens Mamede – é manipulado pelo destinador manipulador – sociedade civilizada – e busca praticar a ação por que tem o dever – “puxou votos para o presidente Fernando Collor” e acredita ter o poder e o saber para fazer o presidente – “(...) cobrar-lhe apoio prometido aos índios locais”. “Rubens disse que pretende utilizar seu prestígio junto a Collor para convencê-lo (...)”. “Uma estratégia de manipulação apoiada na intimidação, Índio cobra de Collor promessa de Campanha”. Tem-se aqui um sujeito – Índio - que faz contrato fiduciário com o

candidato Collor, ou seja, um sujeito de estado em que o presidenciável busca um sujeito de ação – índio – a fim de adquirir um objetivo – voto – para alcançar o objeto de poder.

Primeiramente, o sujeito presidente, estando em disjunção com o voto busca o objeto – índio Rubens – para que este coloque em estado de conjunção com o objeto principal – voto indígena – e este, por sua vez, possa dar ao sujeito presidenciável o objeto de valor – poder. Em troca, Collor faz-lhe promessas, o que faz o sujeito indígena a ter esperanças de que o contrato seja cumprido da parte do presidente, estado original, ou espera fiduciária, pois acredita que o sujeito Collor vai e tem o poder para fazer. Um sujeito que de agente passa a paciente e por não conseguir resolver o problema do suicídio em sua aldeia, devido a sua disjunção com o objeto – solução – leva a crer ou confiar que o sujeito presidente vai fazê-lo através do objeto de valor. Criação de simulacros em que o sujeito Collor vai por dever realizar a ação, o que, caso não se realize, provoca uma decepção, frustração, a qual temos indícios a partir das expressões do destinador, que menciona “cobra” e “promessas” e “apoio prometido ainda quando candidato”, o que atribui um sentido de possibilidade remota de concretização dos fatos a começar pela generalização da índio no título, conferindo uma desvalorização e depreciação do indígena a começar pelo espaço onde se encontra o texto.

A matéria é escrita na terceira pessoa, Rubens Mamede com vozes demarcadas, discurso indireto o que marca um distanciamento e objetividade. O destinador busca o discurso citado “disse ontem que pretende visitar em breve”. Através do discurso indireto do destinador inclui o interlocutor, presidente Collor “para cobrar-lhe o apoio prometido aos índios locais, ainda quando era candidato”, o que ressalta distancia e não comprometimento.

Verifica-se no texto o uso do presente histórico, numa debragem enunciativa, no lugar do pretérito perfeito, presentificação “Índio cobra de Collor promessas de campanha”. Há presente do infinitivo, “pretende visitar” (...) “para cobrar-lhe”, “pretende utilizar” em que denota ação contínua e sem resultados concretos, o que se contrapõe com pretérito perfeito, ações relacionadas ao período eleitoral, candidatura “puxou” “Rubens Mamede, um dos que puxou votos para o

presidente Fernando Collor de Mello na reserva indígena de dourados, durante a campanha eleitoral”, “Collor esteve durante a sua passagem por Dourados, na reserva e ali recebeu maioria dos votos.”

Há a presença de três períodos temporais cujos aspectos são muito significativos. O primeiro, durante a campanha – Passado; o segundo, agora que a onda de suicídio vem tendo repercussão nacional – presente, aspecto de continuidade; e o terceiro, pretende visitar, futuro, num índice de possibilidade, até mesmo pelo sentido atribuído ao verbo cobrar. “Índio cobra de Collor promessas de campanha”.

Além do jornal, a primeira página, embora um pouco abaixo do centro, o que evidencia um pouco menos de valorização, tem-se o espaço de um destinador que conhece o presidente e assim vai cobrar promessas, o que também não denota êxito, valor de verdade, até mesmo porque o Índio não conta com nenhum determinante, ou seja, qualquer um.

Outro espaço que convém destacar vem a ser o da reserva indígena a qual é retomada por ‘ali, Collor esteve durante sua passagem por Dourados, na reserva e ali recebeu a maioria dos votos’ utilizada aqui como um não lugar, já que esteve de passagem, um não comprometimento, que se deu desde a campanha, já que também não constituía um lugar.

O texto traz uma cobertura figurativa, uma narrativa que recobre a temática da estratégia política, do descaso com as causas indígenas, a mentira, o que se percebe mediante expressões que denotam levam a isso “cobra”, e se assim o faz porque alguém deve e não pagou, ‘promessas de campanha’ o que não é mais real, pois ele, o sujeito da campanha eleitoral não é o mesmo sujeito presidente a quem o indígena puxou voto e quem pretendia, ou melhor, conforme o texto ‘pretende’ “(...) disse que pretende visitar em breve” improbabilidade, distância, um não compromisso que se concretiza com a passagem para um lugar, campanha eleitoral, e com a repercussão nacional que os casos de suicídio tem tido na mídia, “Rubens disse que pretende utilizar seu prestígio junto a Collor para convencê-lo a visitar

novamente a reserva, principalmente agora que a onda de suicídios vem tendo repercussão nacional”.

Com letras finas, o que representa desvalorização, fria entremeio a duas notícias políticas, “Brás Melo ajuda e Leão vai disputar Brasileiro” e “Missão do Vaticano conversa com Rigo”. Duas notícias que denotam ação política, ajudar e conversar em contraponto à recepção de Collor, também político que na contramão das ações realizadas pelos políticos, é cobrado pelo índio, seguindo no mesmo teor da manchete “Questão indígena será debatida”, sem menção, no título, de quem debaterá. Um precisa ser cobrado e o outro a questão passa a sujeito paciente, ou seja, sem apresentação de quem discutirá.

3.19. Índio cobra de Collor promessas de campanha

Índio cobra de Collor promessas de campanha

O índio terena Rubens Mamede, um dos que puxou votos para o presidente Fernando Collor de Melo na Reserva Indígena de Dourados durante a campanha eleitoral, disse ontem que pretende visitar em breve o presidente em Brasília, para cobrar-lhe o apoio prometido aos índios locais ainda quando era candidato. Collor esteve, durante sua passagem por Dourados, na reserva e ali recebeu a maioria dos votos. Rubens disse que pretende utilizar seu prestígio junto ao Collor para convencê-lo a visitar novamente a reserva, principalmente agora que a onda de suicídios vem tendo repercussão nacional. Collor, quando esteve na reserva, recebeu de presente um cocar e teve seu rosto pintado como um cacique de verdade.

Mamede acredita que Collor poderá ajudar em muito os índios locais, viabilizando recursos para conter a situação de miséria vivida atualmente na reserva, principalmente entre os kaowás que são em maior número – na reserva, considerada a maior do país, com 3.519 hectares e a mais populosa com cerca de 7.600 habitantes, também habitam índios terena e guarani. O índio terena entende que a reserva possui terra suficiente para o índio

sobreviver, mas que muitos deles não têm condições de plantar. Ele afirmou que é preciso maior fiscalização “para o índio não ser enganado”, referindo-se aos contratos de arrendamento para exploração da terra dada a falta de equipamentos e recursos da parte dos índios, além da tecnologia. O arrendamento normalmente é feito com agricultores tradicionais.

Ele defende ainda uma escola para profissionalização da mão de obra indígena, visando gradativamente integrá-la à sociedade do homem branco, tendo em vista a dificuldade que os índios têm para arranjar um emprego e sobreviver de salário. Mamede disse que além do índio ser discriminado, uma das causas dos suicídios, segundo ele, “é a falta de educação”. Ele acredita que a alimentação fraca associada a falta de educação deixam o índio “com a mentalidade fraca”, afirmou, e não tendo condições de viverem na cidade, muitas vezes escolhem o caminho do suicídio. Mamede, hoje com 43 anos, disse que saiu com 20 anos da reserva para estudar no colégio agrícola de Votuporanga (SP) e hoje ajuda a sua família a plantar numa área de 12 alqueires (cada alqueire equivale a 2,5 hectares).

Representantes da Funai reúnem-se hoje em Dourados

O nível fundamental e o percurso narrativo são semelhantes aos apresentados na primeira página em que o sujeito indígena procura o sujeito Collor com fins a obtenção do objeto – realização das promessas, solução dos problemas –

na notícia, em seção geral , essas medidas visadas pelo sujeito indígena são mais concretizadas “fiscalização para o índio não ser enganado”, “escola profissionalizante” e apresentação do fato de que o sujeito indígena busca o suicídio por não ter condições no campo e nem na cidade, ou seja, não tem espaço “Alimentação fraca associada a falta de educação deixam o índio ‘com mentalidade fraca’, afirmou, e não tendo condições de viverem na cidade, muitas vezes escolhem o caminho do suicídio.”

Sobre o tempo, o espaço e o lugar, verifica-se que são os mesmos da primeira página, excetuando o lugar da enunciação textual que para o primeiro se dá na parte inferior da primeira página, enquanto este está na seção geral, de importância relativa.

No aspecto do plano de expressão verifica-se a presença de um título com letras pequenas, embora mais grossas que as demais , que são apresentadas nesta seção, e negritadas. No corpo do texto as letras estão em negrito e apresentadas de forma mais deitadas o que denota um tom de apelo.

3.20. Índio suicida-se para denunciar sua situação (primeira notícia, primeira página)

Índio suicida-se para denunciar sua situação



Prefeitura vai construir CEU na Reserva Indígena

O prefeito Braz Melo determinou às Secretarias de Obras, Saúde e Educação, providências imediatas para a implantação de um Centro de Educação Unificada e um Posto de Saúde na Reserva Indígena de Dourados. O anúncio dessas obras foi feito na tarde de ontem durante reunião no CEUD. O secretário de Educação, Idemir Machado, disse que será construído um CEU semelhante aos demais já feitos em Dourados "de maneiras simples, porém bonito e funcional, e que não confronte com as tradições indígenas".

PÁGINA 8.

**Itapora
Câmara reprova
contas da Prefeitura
exercício de 88**

A Câmara Municipal de Itapora, reuniu extraordinariamente na noite de ontem, aprovou o projeto de decreto legislativo nº 81/91 de autoria dos vereadores Célio Poyela, Roberto Carlos Maruca e Valdir Antero da Silva, reprovando as contas do exercício da Prefeitura Municipal, gestão do ex-prefeito Rivaldo Fonseca de Souza referente ao exercício de 1988. **PÁGINA 4.**

A psicóloga Maria Aparecida da Costa Pereira apresentou o resultado da sua pesquisa sobre as causas dos suicídios.

O suicídio entre os índios, com maior número de casos entre os cátiás, é um comportamento de denúncia devido a situação insuportável vivida atualmente por muitas famílias da Reserva de Dourados. Esta foi a principal conclusão apresentada ontem pela psicóloga Maria Aparecida da Costa Pereira, da Funai, que pesquisou profundamente esse problema, durante um encontro no Centro Universitário de Dourados, com a presença do superintendente geral da Funai, Edivio Batistelli e representantes de vários segmentos preocupados com a questão indígena. "O índio está morrendo para que sua cultura se sobreviva", afirmou a psicóloga, acrescentando que "se ele tivesse condições não faria isso", revelando que a Funai teme o suicídio de forma coletiva, "porque os índios não estão encontrando outra saída".

Página 8.

Primeira página com teor de grande, tenso e importante a notícia, como uma resposta que se espera frente aos casos de suicídio, com letras grandes e em negrito, culminando com foto grande onde apresenta a psicóloga Maria Aparecida de Costa Pereira proferindo os resultados de sua pesquisa sobre as causas do suicídio e o público dividido entre os muitos interessados tendo em vista a forma como estão na foto, atentos a fala da pesquisadora, tendo outro grupo a direita e mais próximos. Dentre eles, o superintendente geral da FUNAI que aparece meio introspectivo, numa situação de quem está um tanto alheio naquele momento. Logo atrás tem-se um senhor que aparece de braços cruzados numa posição de relaxamento.

Um sujeito 1 – pesquisadora – que busca um objeto – pesquisa – a fim de adquirir o valor – conhecimento, solução.

Num plano narrativo tem-se um pesquisador que busca como objeto de valor solução.

Tem-se também um sujeito indígena busca em objeto (suicídio) para adquirir o valor ajuda.

As pesquisas são um modo que o indígena tem para alertar a população a respeito da situação que vivem as famílias na reserva indígena. Um sujeito que ao se suicidar libera espaço para a cultura – o outro.

Na categoria de pessoa tem-se a presença da psicóloga, do superintendente geral da FUNAI. O uso do discurso indireto denota um valor de verdade, aspecto de realidade à notícia e apresenta os resultados da pesquisa, como um não comprometimento com os fatos.

Além do espaço da primeira página (grau máximo de importância), tem-se a reserva, a família e o Ceud, ou seja, o espaço indígena, problema a ser discutido e o espaço das discussões, Universidade.

Do momento presente com aspecto de continuidade “é um comportamento”, ocorre agora uma debragem enunciativa. O do relato, “Esta foi a principal (...)” e o da posição “se ele tivesse condições não faria”, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito.

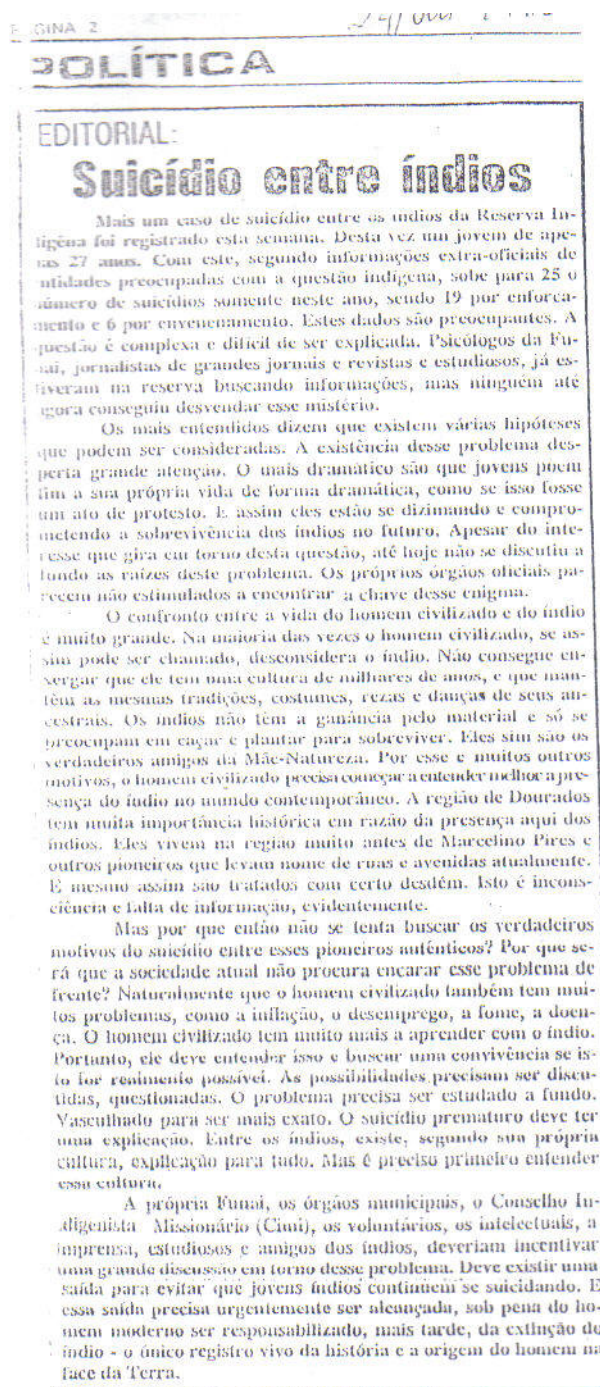
Também merece destaque o tempo do relato, ontem, passado, aquilo que não se faz mais presente, perfectum, que se conclui.

Ao lado dessa notícia tem-se “Previsões de Nostradamus”, “Prefeitura vai construir CEU na reserva indígena”, “Passagens mais caras” e “Câmara reprova contas da prefeitura”. O primeiro enfatizando o lado místico e os demais questões

econômicas, temáticas estas as quais são buscadas para explicar o suicídio indígena.

É visível no texto as estratégias de arrebatamento a partir do momento em que menciona ter a pesquisadora chegando aos resultados da pesquisa , de sustentação, quando relatados, mesmo de forma superficial, deixando para a notícia na seção polícia a estratégia de fidelização, mediante apresentação de dados mais concretos.

3.21. Suicídio entre índios



No percurso do sujeito o mesmo luta para conseguir o que quer, quando ocorre a quebra de uma situação de harmonia (morte dos indígenas) – o sujeito não índio busca o objeto suicídio por ter, ou achar no dever de fazer, mas não se mostra competente, por não saber ou ter o poder de fazer.

O destinador, ao interagir com o destinatário, constrói um texto Suicídio entre os índios. Ao mesmo tempo o texto traz o sujeito índio que busca o objeto – suicídio indígena para adquirir um valor – explicação, porque aquele sujeito acredita ter o dever já que está em disjunção com o objeto índio que o afasta do valor que é a admiração – valorização da cultura civilizada, conforme o próprio texto menciona. “Assim, ao mesmo tempo que esse homem quer ou deve ser índio, quer ou deve ser branco, submetido, então, a manipulação de dois destinadores contraditórios: cultura branca e cultura indígena. Esse sujeito virtual, que quer ou deve ser, não se torna um sujeito atual, pois não pode nem sabe ser realizador da performance, o que resulta, em muitos casos, na busca de um objeto – suicídio como forma de saber fazer, voltando-se então para a cultura, o misticismo.

Eles agem e interagem em relação aos problemas concretos a partir da confluência de duas visões de mundo, a do índio e a do não índio. A última mais perigosa, conforme a visão semiótica, pois se torna passível de manipulação, por partilharem, em alguns momentos das mesmas crenças, o que evidencia uma incorporação das formas ideológicas do sujeito não índio, já que o sujeito se instaura a partir da presença do outro, ou

“a identidade pode, porém, ser vista sob uma outra perspectiva. Antes de conhecer o homem branco, o índio não se sabia como índio, não se percebia como índio. Somente a partir do momento que conheceu o homem branco, estabeleceu-se uma relação de oposição, fazendo com que suas características passassem a significar características e o conjunto delas passassem a conformar sua identidade. A identidade do índio o é por oposição à identidade do branco. E antes, o que era? Todo o sentido da vida anterior, ao contato com o branco é dado pela oposição que o contato cultural estabelece” (LIMBERTI, 1998:24)

O contato com a cultura branca, de padrão cultural muito diferente, a oposição de contrariedade produziu em seus hábitos e costumes e no universo filosófico religioso um sentido de exotismo que, mediante a exposição contínua e prolongada aos hábitos e costumes e ao universo em oposição, foi ganhando aos poucos conotação de coisa ridícula.

Embora a sociedade moderna, os “civilizados”, “psicólogos da FUNAI, jornalistas, revistas, jornais de grande circulação, os mais entendidos” verifiquem o dever de fazer algo, para solucionar o problema, já que há estabelecido um contrato fiduciário entre os órgãos indigenistas, sociedade civilizada e sociedade indígena, até mesmo porque a questão indígena é considerada como um problema social, ou seja, de responsabilidade da “sociedade civilizada”, a qual não se vã com o poder de fazer – “mas ninguém até agora conseguiu desvendar esse mistério (...) enigma.”

Esses estados actanciais do sujeito são manipulados pelo destinador manipulador que é a sociedade civilizada, a qual acredita ter as competências para resolver o problema e que, ao mesmo tempo, sanciona negativamente tanto a atitude do sujeito índio, que busca o objeto suicídio ou envenenamento para adquirir o valor felicidade, quanto ao sujeito não indígena que busca o objeto suicídio indígena para conquistar o valor – conhecimento, exploração, solução, já que também acredita ser o sujeito índio um objeto do sujeito não índio, utilizado para conquistar status, pois a identidade do não índio está relacionada com a presença do índio. Aquele só é o que é pela existência de características ou traços singulares que não estão contidos no outro, ou seja sua identidade se estabelece pelas relações de semelhanças e diferenças. Assim o sujeito não índio se vê como um modalizador dominante, do sujeito índio, modelo a ser seguido para alcançar o valor pretendido.

Este destinador manipulador – sociedade civilizada – ao mesmo tempo m que desencadeia a ação dos sujeitos, sanciona negativamente o sujeito não índio justamente pelo fato deste não conseguir uma explicação para o problema – suicídio – pois isto ocasiona uma disjunção com o objeto índio, o qual é levado ao suicídio (a não existência material) o que deixa instável o sujeito não índio já que a presença do índio contribui para a constituição da identidade do não índio.

A partir desse sancionamento negativo, o destinador manipulador, no que se refere à força que leva adiante, apresenta os valores que são atraentes e repugnantes para o sujeito. Aqui pode-se salientar que há uma disforização do sujeito civilizado e uma euforização do sujeito índio, o que pode corresponder ao processo de manipulação da sedução, no ato em que menciona “ Eles sim são os

verdadeiro amigos da mãe natureza (...)” Tem muita importância histórica” “Vivem na região de Dourados muito antes que Marcelino Pires e outros pioneiros que levam nome de ruas e avenidas atualmente”, e da intimidação, quando menciona, “Deve haver uma saída para evitar que jovens índios continuem se suicidando. E essa saída precisa urgentemente ser alcançada, sob pena do homem moderno ser responsabilizado, mais tarde, de extinção do índio” e vai deixar de se beneficiar com isso, pois, ele, o índio é o “único registro vivo da história e origem do homem na terra”. A necessidade de preservar a história da humanidade, numa euforização do índio como responsável pelo resgate do passado, “(...) ele tem uma cultura de milhares de anos e que mantêm as mesmas tradições, costumes, rezas e danças de seus ancestrais. Não tem a ganância pelo material e só preocupam em caçar e pescar para sobreviver (...)” e uma desforização do homem civilizado que não consegue enxergar “Na maioria das vezes o homem civilizado, se assim pode ser chamado, desconsidera o índio. Não consegue enxergar que ele tem uma cultura de milhares de anos”, “Isto é inconsciência e falta de informação”, numa estratégia de manipulação da provocação, como se o sujeito civilizado não fosse tão civilizado como pretende ser. É um não crer no dever fazer, já que não tem poder fazer (...).

Quanto ao nível narrativo, este corresponde ao nível mais concreto e enriquecido, momento em que a narrativa ganha uma nova cobertura, apresentando com riqueza as categorias de pessoa, tempo, espaço, os atores; o momento enunciativo, o lugar e as diversas possibilidades de efeitos por meio de certas escolhas para representar tempo, espaço e pessoa construídos pelo texto – seus simulacros – já que permite qualquer encenação dessas categorias e que também varia conforme veículo de comunicação.

Quanto aos efeitos de enunciação correspondentes às categorias de pessoa, mais especificamente os efeitos de distanciamento e proximidade, verifica-se, por meio do título “Suicídio entre índios” a existência de um efeito de objetividade e distanciamento para com os enunciatários, ao mesmo tempo que particulariza o suicídio ente eles. O uso da terceira pessoa do singular “Mais um caso de suicídio entre os índios”, “Desta vez, um jovem (...) Com este, segundo informações extra oficiais, os mais entendidos dizem (...) estes dados são preocupantes (...) a questão é complexa (...) mas ninguém (...) conseguiu desvendar esse mistério.”

Percebe-se o uso dos indefinidos um, uma, terceira pessoa: “segundo informações extra-oficiais”, e as expressões: “estes dados”, “a questão complexa”, “esse ministério” que evidenciam o distanciamento, uma debreagem enunciativa, “como se isso fosse um ato de protesto, dessa questão, até hoje não se discutiu a fundo as raízes do problema”, como uma voz da ciência que discute o suicídio indígena.

No texto em análise tem-se a presença de um enunciador implícito (Jornal) que tem seus enunciatários (leitores do jornal). Este busca um narrador, o qual narra os fatos e faz sua avaliação. “Mais um caso de suicídio (...)” há um narrador – tu, “mas ninguém ainda conseguiu desvendar este mistério”, “a existência deste problema provoca grande atenção. O mais dramático é que jovens põem fim a própria vida de forma dramática, como se isso fosse um ato de protesto. E assim eles estão se dizimando e comprometendo a sobrevivência dos índios no futuro. Apesar do interesse que gira em torno da questão até hoje não se discutiu a fundo as raízes do problema. Os próprios órgãos oficiais parecem não estimulados a encontrar a chave deste enigma” e ainda procura levantar questionamentos “mas porque não se tenta buscar os verdadeiros motivos para o suicídio entre esses pioneiros autênticos? Porque será que a sociedade atual não procura encarar esse problema de frente?” Com a voz narrativa instalada no texto tem-se a presença do interlocutor e do interlocutário, quando incorpora a voz do locutor: “O confronto entre a vida do homem civilizado e do índio é muito grande (...)” “Os índios não tem a ganância pelo material e só se preocupam em caçar e plantar para sobreviver. Eles sim são verdadeiros amigos da mãe natureza”. Uma voz que se contrapõe ao discurso do civilizado e “Naturalmente que o homem civilizado também tem muitos problemas como inflação. O desemprego, a fome, a doença.” Num discurso que possivelmente se apresenta para compor ao fato de que o homem civilizado também tem os seus problemas - como se o narrador, ao dialogar com o narratário, tivesse posto em xeque as ocupações, funções que o homem não índio assume na sociedade, o que aparece por meio da voz do locutor no interlocutor.

Ao trazer o discurso do outro para o texto, o enunciador cria o processo que é chamado de heterogeneidade constituída. Esta se divide entre mostrada e demarcada, as quais são gerenciadas pelo enunciador, a qual cria um jogo de

enunciações, a dele própria, a citada do citadas, a fim de criar efeitos de sentido no enunciador. A presença de outras vozes também é marcante a partir do momento em que o narrador menciona os dados através dos órgãos oficiais – “segundo informações extra-oficiais de entidades preocupadas com a questão indígena”, “Os mais entendidos dizem que existem várias hipóteses que podem ser consideradas”. Desse modo o destinador instaura o discurso indireto, comunicando indiretamente, sem preocupação com a objetividade dos fatos, embora essa estratégia permita-nos pensar em uma desvalorização dos aspectos emocionais do discurso citado. A presença das diversas vozes no discurso podem nos remeter a uma debragem enunciativa de pessoa, cujos recursos textuais aludem ao efeito de sentido de distanciamento e proximidade. Distanciamento em relação a responsabilidade por ser um editorial e uma questão delicada por procurar se esquivar usando uma terceira pessoa e a retomada dos órgãos responsáveis, bem como o uso de expressões que remetem a incertezas, dúvidas e porque não desprezo, ou melhor, vazias de carga semântica: “Este” , “estes dados”, “a questão”, esse mistério” e talvez até o uso desses recursos se dê em virtude da intencionalidade de marcar o mistério em que estão envoltos esses episódios.

A proximidade se estabelece tendo em vista que o texto está inserido em um gênero textual – editorial, o que propicia mencionar o fato de que o mesmo expressa a opinião do enunciador, aqui o jornal “O Progresso” de Dourados/MS, cidade onde está a reserva indígena em que ocorrem os suicídios.

Em “Suicídio entre índios” tem se a ausência de verbos, o que ressalta um aspecto de estado – permanência, sem alusão ao momento de referência presente, passado ou futuro, o que se inicia no primeiro parágrafo com “esta semana” e “neste ano”, expressões não certas, não marcadas cronologicamente e não pertencentes ao tempo da enunciação, ou melhor, um tempo anterior ao tempo da enunciação, mas com valor de instantaneidade,

“Mais um caso de suicídio entre os índios da reserva indígena foi registrado esta semana (...) Com este, (...) sobe para 25 o número de suicídios somente neste ano (...) Psicólogos da FUNAI, jornalistas de grandes jornais e revistas, estudiosos, já estiveram na reserva

buscando informações, mas ninguém até agora conseguiu desvendar esse mistério. “

As demais expressões, marcadores de temporalidade, “até hoje”, trazem um valor semântico de morosidade, o que pode ser substituída por ainda. Quanto ao uso dos verbos, verifica-se oscilação no uso do pretérito e presente. O primeiro marcando um discurso do destinatador e o segundo uma intervenção do narrador, narratário e interlocutor, a fim de levantar e discutir a problemática, embora quando menciona a contrapartida da sociedade a faz utilizando-se de verbos nos pretérito perfeito, “ninguém até agora conseguiu desvendar”, “até hoje não se discutiu” ou na forma nominal infinitiva, “não estimulados a encontrar” (...) “o homem civilizado precisa começar a entender (...)” “tentar buscar”, “não procura encarar”, ou no particípio ou gerúndio, precisam ser discutidas”, “precisa ser estudado ao fundo”, “continue se suicidando, estão se dizimando”. Estas formas verbais destacam uma valorização, um realce do problema suicídio, com engajamento ou construção de um simulacro veridicutório, atual num tempo presente histórico. Ao mesmo em que cria uma sensação de que as autoridades, ou não estão muito preocupadas com a questão, através do uso das expressões ou perífrases verbais no infinitivo, pretérito, gerúndio, que alude a uma morosidade dos acontecimentos e principalmente a atitude das autoridades que é a de pensar uma solução no futuro, já que nem o presente pode ser considerado o tempo de referencia, o qual é posterior a fala. Assim, ao abordar os problemas – caso suicídio – acredita-se que o enunciador queira provocar o efeito de sentido da simultaneidade entre os acontecimentos e a enunciação, reviver os fatos, afastando a mão de responsável como uma manifestação da “pouca importância”, atribuída ao valor material dos indígenas aos civilizados, afinal os interesses são diferentes.

4. CAPÍTULO III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1. Narrativas e pesquisa de campo

O passado se torna futuro, segundo a compreensão kaiowá/guarani, através da vivência das palavras da tradição, explicitadas pelo modo de ser dos chamados “antigos” (tekoyma), em especial pela prática da religião, em que a reza e o canto ocupam o lugar central. Desta forma, os kaiowá/guarani construíam, tradicionalmente, a ponte entre o passado e o futuro. A reza e o canto ritual permitem a comunicação com o mundo dos deuses, com o sobrenatural, em que está a virtude e o bem. E é onde está o futuro, esperado e desejado pelos kaiowá/guarani.

No entanto, esse modo de ser, o tekoyma ou ñãndero reko, herdado dos antepassados, está ameaçado, está mudando, ou melhor, sendo abandonado pelos kaiowá/guarani. E isto significa a sua perdição, especialmente enquanto inviabiliza o futuro. O crescimento do número de jovens que apelam à prática do suicídio é, certamente, o sinal e o sintoma mais grave do abandono do sistema antigo e da conseqüente inviabilização do futuro, desenhado pelas palavras da tradição.

Por isso, para os caciques e significativa parcela de informantes adultos, a cura da doença que representa o suicídio e o combate à morte por feitiço está na retomada do modo de ser dos seus antepassados, como emergiu claramente das entrevistas realizadas. Está no restabelecimento da ponte com os deuses, com o mundo do sobrenatural, através, especialmente, da retomada da religião tradicional.

Caciques e parte significativa de adultos tem consciência clara do grave risco que significa perder o caminho tradicional. Os sinais visíveis deste abandono vêm muito bem descritos em diversos depoimentos.

Guardiões deste caminho e das palavras herdadas dos antigos, os caciques vem envelhecendo, morrem e não surgem novos. Os ainda existentes vem perdendo força, sentem-se acuados e não conseguem mais fugir do uso cada vez mais

freqüente de bebida alcoólica, embora reconheçam que esta os enfraquece e contribuem para a perda da eficácia de suas práticas rituais. Os ritos de iniciação, que garantiam a integração dos jovens, dentro da sua comunidade como homens, e os iniciavam no caminho da prática das palavras da tradição, continuam em poucas comunidades kaiowá/guarani. As crianças crescem sem aprender o sistema kaiowá. O tekoporã (o bom modo de ser) vai cedendo lugar frente ao tekopyahu (o novo modo de ser), que representa, aos olhos destes kaiowá/guarani, o tekovai (o ruim modo de ser).

A boa conduta, que abria passagem para a outra vida, para o mundo dos deuses, tinha seu sustento numa economia, sociedade e religião centrada na família extensa, reunida em torno dos caciques, onde a reciprocidade entre os membros era o sinal visível da vigência do tekoporá. No entanto, perderam a terra e suas aldeias, condições necessárias para o seu bom modo de ser. Empurrados de uma fazenda para outra, compulsoriamente engajados na destruição do seu próprio território (ñane retã), e muitas vezes do seu próprio tekoha, os kaiowá/guarani ficaram, durante anos, sem condições de manter a unidade de suas famílias e, muitas vezes, sem condições de reconstruir suas casas. As conversas informais sobre este tema foram dramáticas.

O modo de vida tradicional foi profundamente atingido, os kaiowá/guarani foram confinados em pequenos territórios. Por meio dos relatos é possível perceber que muitas aldeias desapareceram, que comunidades inteiras foram dispersadas, e famílias desintegradas, este processo da perda do território tradicional, provocou a desarticulação da economia, sociedade e religião.

No entanto, os que cedo foram deslocados para dentro das reservas enfrentaram a interferência direta do órgão oficial, preocupado com a sua integração na economia regional. E para isso, este órgão considerava fundamental a superação do modo de ser tradicional, percebido como algo transitório.

Esta superação seria alcançada por meio do confinamento em reservas e da conseqüente imposição de uma nova organização econômica, social e política. A própria terminologia de aldeado e desaldeado, utilizada pelo órgão oficial, explicita

esta compreensão. Tinha este órgão clareza sobre a importância do território para a continuidade do modo de ser tradicional; tinha a clareza do impacto do confinamento na economia, na sociedade e na religião tradicionais. Decorre, esta constatação, do seu empenho na efetivação do confinamento através da constituição das reservas indígenas.

A superpopulação e a sobreposição de aldeias dentro da mesma reserva, facilitaram e aceleraram a imposição da nova ordem, enquanto tekopyahu. O processo crescente de confinamento desarticulou a economia tradicional, baseada na agricultura, na coleta, na caça e na pesca, Impõe-se, progressivamente, o assalariamento, primeiro na colheita da erva-mate, depois nas derrubadas e no trabalho de implantação das fazendas de gado e, por fim, nas usinas de álcool.

A atividade nas usinas de álcool engajada, neste momento, significativa parcela da mão de obra kaiowá/guarani, retirando das reservas, assim parte dos homens, por períodos longos e sistemáticos. Isto contribui para o agravamento da instabilidade das famílias, não só das famílias extensas, mas até das nucleares. Inviabilizando a realização de festas e demais iniciativas coletivas e, acima de tudo, aumenta a dependência e as possibilidades de acesso ao que vem “de fora”, em total detrimento ao quem vem “de dentro” das reservas.

A sobreposição de aldeias desarticulou o sistema tradicional de hierarquia, enfraqueceu o papel social dos líderes, especialmente dos religiosos, e retirou do homem adulto a possibilidade e o poder de, através da fala nas assembléias, participar do efetivo governo de sua comunidade.

De outra parte, o crescimento da população confinada em uma determinada reserva, sob a autoridade de uma liderança indígena, capitão, ou similar, sem preparo específico para administrar a nova situação criada, favoreceu ainda mais a desarticulação interna e a perda de referências claras. As novas gerações já são fruto de uma educação voltada para fora do sistema kaiowá/guarani e sob forte impacto do trabalho nas usinas de álcool e do agravamento da desarticulação da unidade social básica, a família extensa. No entanto, as condições objetivas de superação do preconceito e de atingir, efetivamente, novos parâmetros de

convivência com a sociedade não guarani não se altera, ao contrário, se confirmaram.

Da mesma forma, dentro das reservas, permaneceu, á margem da ação direta do Estado, o aspecto fundamental da religião kaiowá/guarani. Esta, embora atingida pelas alterações impostas à economia e à organização social, antes da década de 1980, como fruto do processo de confinamento, como já destacado anteriormente, e também pela histórica atuação da Igreja Presbiteriana, seguiu exercendo papel de afirmação e viabilização da comunidade do modo de ser tradicional.

Porém, com a radicalização do confinamento e a progressiva imposição do assalariamento nas usinas de álcool, a partir do final da década de 1970, acelerando a desintegração das relações de parentesco e a simultânea atuação cada vez mais ampla das Igrejas Neopentecostais dentro das reservas, cresceu a inviabilidade e a desarticulação deste refugio de resistência kaiowá/guarani, a religião tradicional. Ao se inviabilizar esta religião tradicional, instaurou-se o caos, mediante a perda de referenciais básicos, que sustentam o modo de ser herdado dos antepassados. A palavra explicitada através da reza e dos rituais perdeu eficácia e instaurou-se a descrença. Quebrou-se a ponte que garantia a passagem para o sobrenatural.

No entanto, caciques e parte significativa dos informantes adultos, ainda, insistentemente, em retomada do modo de ser tradicional e no refortalecimento do papel social dos primeiros. Desenham, esses informantes, um primeiro cenário, cujos contornos mais claros emergem nos depoimentos dos caciques que, fixos nas palavras da tradição, buscam o retorno, a retomada, em especial, da prática das rezas e dos rituais de iniciação. Esta é sua preocupação básica, pois, recuperando a força da palavra, através da reza, em que se encontra toda a eficácia, ainda acreditam que o restante dos problemas serão superados.

A terra voltaria a produzir em abundancia, a mata se recuperaria e áreas de terra perdidas poderiam ser devolvidas a eles. As doenças, em especial a doença do suicídio, poderão ser novamente controladas. Para Hamilton Benitez , o rezador *“não está tão preocupado com o fim do mato, mas em seguir com o nosso sistema para*

não morrer”. O branco põe adubo para poder plantar e o índio só a reza”. Por isso, neste cenário, as autoridades máximas são os mesmos caciques, pois dominam a relação com o sobrenatural e são os personagens centrais no sistema tradicional e no dia a dia da aldeia, enquanto tekoha.

Porém, a não viabilização das estratégias definidas para combater o problema dos suicídios, durante as reuniões, permitem vislumbrar as enormes dificuldades que a proposta de retomada do sistema tradicional encontra. Embora a quase totalidade das lideranças religiosas e políticas endosse a convicção de que a solução para aquele problema estaria na retomada das rezas e no correspondente fortalecimento dos próprios caciques e, para isso, a mobilização do povo nas reservas seria fator importante, tal não parece ocorrer na atualidade. As contradições entre as palavras da tradição, que continuam plenamente vivas na memória dos caciques e de alguns moradores da aldeia e a realidade vivida dentro da mesma, são cada vez mais evidentes e se aproximam mais do tekopyahu.

A retomada do sistema antigo tradicional kaiowá/guarani encontra impasses claros. Os mesmos indígenas que a propõem reconhecem que *“mudança esse tem mesmo”*. Expressam, contudo, sua esperança numa retomada, pois têm ainda os que sabem rezar.

Sua preocupação básica encontra-se nas crianças que, espero possam voltar a aprender as rezas. Para isso propõe-se apropriar-se da própria escola, indicada claramente como co-responsável pelo abandono do sistema kaiowá. Diversos informantes destacam que o ensino do idioma guarani, que vem sendo adotado nas escolas recentemente, *“vai ajudá muito prá criança, principalmente, explica o que religião nossa”*.

Reconhecem as dificuldades que terão os jovens para retornar às práticas tradicionais. O capitão Carlos Vilhalba explica que *“tem que trabalhar bastante prá recuperar pelo menos a metade...”*, justificando a preocupação com as crianças mais novas.

As explicações para o crescimento da taxa de suicídios, a partir da década de 1990, além das razões de perdas culturais, vem profundamente ligadas com a situação criada pelo processo histórico de confinamento. Certamente, estas explicações, remetendo linearmente o problema dos suicídios ao abandono das práticas da religião tradicional, embora não explicitado diretamente pelos informantes, devem ser situadas dentro deste contexto amplo de desintegração interna da economia e da família extensa, enquanto unidade básica. Encontra-se aí as explicações para o próprio fracasso da sua iniciativa de retomada dessas práticas, sem explicitar outras medidas voltadas para a quebra do contexto abrangente de confinamento.

A recuperação ou revitalização do sistema kaiowá/guarani passa, certamente, pela quebra do confinamento, entendido aqui como superação da situação de superpopulação da ocupação e distribuição espacial tradicional mediante a reconstrução de aldeias menores.

Nas aldeias recuperadas a partir de 1980, com populações mais reduzidas, em que a disponibilidade de terras é maior, o sintoma da prática do suicídio ocorre em menor escala ou até inexistente. As Igrejas Neopentecostais e a prática do assalariamento é muito reduzida, e a quebra dos referenciais tradicionais é menor. Devido exatamente a uma população mais próxima dos padrões tradicionais, a administração, por parte dos mesmo índios, é mais fácil, e os caciques e as famílias extensas ainda podem exercer seus papéis sociais específicos.

A revitalização do sistema tradicional exige a recuperação de novos espaços para a reconstrução de mais e novas aldeias. A retomada, a partir de 1980, de onze novos tekoha, confirma esta conclusão. De outra parte, o levantamento das aldeias tradicionais destruídas em período recente permite o desenho, ainda que aproximado, do mapa da distribuição espacial dos kaiowá/guarani na região antes do confinamento, e sinaliza também, a abrangência da luta pela sua quebra.

A recuperação de mais e novos espaços para a construção de aldeias é fundamental, ainda, para a continuidade da dinâmica do caminhar, oguata, cada vez que a comunidade do modo de ser coletivo assim o exigir. Aliás, cabe ressaltar,

novamente, o baixo índice de suicídios nas aldeias recuperadas a partir de 1980. Os esforços voltados para o fortalecimento do sistema tradicional serão difíceis, sem a possibilidade da reconstrução de aldeias, onde os caciques possam exercer seu papel social específico, apoiados nas relações de parentesco.

Finalmente, é possível afirmar que a recuperação da religião tradicional, necessária para o restabelecimento da relação com o sobrenatural, para o restabelecimento da ponte entre o passado, das palavras da tradição, e o futuro, o mundo dos deuses, não pode ser dissociada de uma determinada relação com a terra, de uma certa e definida economia e organização social e política da comunidade.

No entanto, esse cenário voltado para a vivência do sistema tradicional não encontra apoio nos seguidores das várias Igrejas, nem na geração criada nos contratos de trabalho nas usinas de álcool, tampouco em significativa parcela dos jovens criados dentro das mesmas reservas e demais indivíduos que se beneficiam direta ou indiretamente com a situação vigente, tais como os intermediários na contratação de mão de obra, alguns professores, funcionários públicos, arrendatários de terras e outros.

Esses informantes permitem desenhar um segundo cenário que, ao contrário do primeiro, indica para a aceleração do processo de entrada do não-guarani, do tekopyahu. Exercem papel fundamental, neste segundo cenário, as escolas, o assalariamento fora das reservas e as Igrejas.

Essas igrejas que, sob a ótica dos caciques, aumentam a confusão na cabeça dos jovens, contribuindo para o crescimento dos suicídios e, acima de tudo, enfraquecendo a religião tradicional, para os seus freqüentadores, ao contrário dos primeiros, possibilitam, através da fé em Jesus, uma alternativa à ponte tradicional, quebrada e de difícil conserto. Representam, aparentemente, um novo caminho para o mesmo destino, a comunicação com os deuses e com o mundo do sobrenatural, onde estão a cultura e o futuro.

Se, no primeiro cenário, o papel fundamental cabe aos caciques: nesse segundo, o papel prioritário cabe às Igrejas, enquanto exercem a mesma função que os primeiros, ou seja, restabelecem e reorganizam a relação com o sobrenatural. Estabelecem novos referenciais dentro do caos provocado pela desarticulação do sistema kaiowá tradicional. Os sintomas deste caos são os mesmos suicídios, alcoolismo e desintegração familiar.

As Igrejas apontam para a possibilidade de construção de uma nova comunidade, não mais fundada explicitamente nas relações de parentesco, mas nos irmãos da mesma Igreja. As palavras da tradição para as quais voltam-se os caciques, em busca de referenciais sobre o caminho a seguir, são substituídas pela fé em Jesus. E é neste contato direto, através da fé, que o indivíduo busca os seus referenciais para a vida. E é lá, na intensidade da fé em Jesus, que está a eficácia, o controle das doenças, das intempéries e o futuro. Reconstrói-se a ponte para o mundo sobrenatural. A fé na eficácia das rezas e rituais tradicionais é substituída pela fé em Jesus.

Embora permaneça a concepção tradicional, segundo a qual a eficácia transformadora está na atualização das rezas, elementos novos e importantes devem ser destacados. Embora uma nova comunidade, a dos irmãos na fé, se estabeleça e exerça papel importante para que a eficácia transformadora ocorra, a conversão a fé em Jesus é algo pessoal. Ela é fruto de graça pessoal, sinalizando para um individualismo que se traduz, também no acento dado por vários informantes crentes, em busca de saídas econômicas individuais para as suas famílias nucleares.

Além disso, sendo algo externo ao modo de ser tradicional, a pertença a uma Igreja Neopentecostal traduz-se também na valorização de outros sinais indicativos desse caráter de exterioridade, tais como roupas melhores e casas mais próximas do padrão não indígena. Acabam, portanto, exercendo amplas influências no afastamento da aldeia e do modo de ser tradicional, oferecendo, principalmente, novos referenciais à relação com o sobrenatural.

O segundo cenário, que aponta para a continuidade das reservas e sua crescente transformação em reservatórios de mão de obra, encontra, por sua vez, sérios obstáculos. Permanece e agrava-se o problema da administração das reservas. Os capitães não conseguem responder às crescentes necessidades impostas pelo contato e pela interdependência cada vez mais profunda com a sociedade do entorno

A qualidade de vida vem se deteriorando cada vez mais. Os recursos naturais estão esgotados, as fontes de água poluídas e a fome aumenta. Há a constatação de vários informantes de que *“Índio novo não vive mais como Índio mais velho vivia. Já que vive como do ritmo do branco mas não alcança mais. Não alcança e nunca vai alcançar”*. Isto sinaliza para o claro descompasso cultural que permanece.

Os jovens professores denunciam o preconceito como fator fortemente restritivo no acesso dos kaiowá/guarani a determinados mercados de trabalho e à própria sociedade externa. *“Por mais que ele quer trabalhar, por mais que luta, por mais que estuda não vai, não vai conseguir o que ele quer na vida”*, dizia a professora Critina Benitez, indicando bem as dificuldades que enfrentam na tentativa de inserção na sociedade não indígena.

A presença e o fortalecimento da atuação das Igrejas, nesse segundo cenário, é relevante, enquanto fornecedora de referenciais às gerações novas, criadas no regime dos contratos de trabalho. Para os seguidores dessas Igrejas, a superação do problema dos suicídios está, por isso mesmo, relacionado diretamente à ampliação de sua atuação.

Mas, o segundo cenário que indica para a continuidade das reservas exige, também, urgentes investimentos em recursos financeiros e humanos no campo do saneamento básico, da educação, da produção agrícola e da recuperação ambiental, que possam conter o deterioramento das condições de vida e possibilitar alternativas viáveis de melhoria de sua qualidade para os moradores. No entanto, para que esses investimentos possam atingir seus objetivos, é fundamental a construção de novos modelos de administração interna que possam contemplar e

viabilizar a participação articulada, nessa administração, dos diversos grupos macrofamiliares, residentes dentro da mesma reserva.

Aliás, a complexidade sócio-cultural verificada dentro das reservas kaiowá/guarani exige, ainda, que as diversas iniciativas de apoio externo estejam firmemente ancoradas em sua história e cosmovisão. Por tudo isso, significativa parte dos informantes concorda, certamente, com a afirmação de Alice Oliveira, ao dizer que hoje *“um pai já não sabe mais o que vai deixar de herança para seus filhos”*.

Finalmente, é possível entender que a realização deste trabalho foi possível devido as opções metodológicas explicitadas. A abordagem abrangente, porém, convergente, e o acento na pesquisa de campo e na escuta da fala indígena possibilitaram o que considero uma visão ampla e articulada das diversas facetas inerentes aos kaiowá/guarani.

Permanecem questões abordadas neste trabalho que devem ser objeto de aprofundamentos posteriores, indicando para a necessária continuidade da pesquisa. A ocupação espacial tradicional e o processo histórico de confinamento devem, igualmente, ser melhor aprofundados superando importantes lacunas que permanecem. Considerando que os informantes destacam, com insistência, como motivo de abandono de aldeias tradicionais, a alta incidência de doenças e mortes provocadas pelas mesmas, é fundamental investigar o impacto deste fator no progresso do confinamento., devastação e espoliação. Impõe-se, ainda, uma avaliação do processo de desintegração familiar e seu impacto sobre os filhos criados dentro deste novo contexto, entre inúmeras outras questões.

4.2. Textos jornalísticos

No que tange os textos analisados, encontram-se quatro grandes grupos de oposição básica as quais pode-se referir: vida e morte; violência e paz; relevância e irrelevância, este último apresentando como oposição fundamental: promessas e realizações das promessas feitas em campanha por um candidato à presidente do

Brasil. O quarto grupo compreende os textos que tem oposição de base centradas em agentes e paciente.

A maioria dos textos tem como oposição fundamental vida e morte, o que cria o percurso narrativo de um sujeito indígena que procura o suicídio com fins a aquisição da vida tanto para aqueles que ficam, permanecem vivos, quanto para si próprios, pois o espírito é coletivo e a ausência do espaço em razão da superlotação das aldeias faz com que alguns procurem a morte como forma de ceder espaço para a vida, numa situação tensa.

Outra oposição de base recorrente está ligada à dualidade violência e paz numa perspectiva mais policial por aparecerem ou se tornarem os suicídios dos indígenas notícias, juntamente com assassinatos ou por se tratarem das questões ligadas às causas liberdade e opressão e serem vistas, apresentadas como um ato de violência, fora da lei, ilícito, pela sociedade não-indígena, cientistas, estudiosos, religiosos, psicólogos, dentre outras.

Aliada a essa oposição de base tem-se alguns textos que apresentam a relevância e a irrelevância, cujos valores são obtidos através do aspecto lucro, capital, os quais discutem a questão e salientam a causa apresentando a ótica da dualidade cultural em que se defrontam cultura capitalista ocidental e as culturas indígenas.

A oposição agente e paciente envolve uma apresentação do problema suicídio aos candidatos esperando que sejam tomadas medidas cabíveis para solução do problema. Atitude esta praticada tendo em vista não acreditarem em uma resolução a partir do indígena. Ela não tem o poder para fazer por acreditarem, os não indígenas, que falta vontade política para desenrolar o problema, o que, conforme colocação dos recursos de linguagem, também não há interesse por parte dos representantes. A questão indígena é um problema social até mesmo porque há casos cujas imagens e nomes estão bem explícitos no jornal o que, deixa a imagem de serem sujeitos sem valorização por si próprios enquanto sujeitos que tem identidade por meio da alteridade coloca em cena a questão mesmo quando se coloca de um ponto de vista que não é o compatível.

No percurso dos textos verifica-se que há sempre um sujeito indígena que busca um objeto de valor, vida/espço, mas por não se achar ou ter sido levado a acreditar que não tem capacidade para tal, procura no suicídio uma maneira de alcançar a vida num sentido coletivo para outro, pela causa indígena daqueles que permanecem. Em muitos casos, essa busca pela vida aparece ligada à presença de um outro sujeito, o qual pratica a ação de reivindicar, de lutar por ele, que fala por ele. Um sujeito de ação e um sujeito de estado, pois tem consciência de que o contrato estabelecido entre as partes: sociedade indígena e a sociedade não indígena foi quebrado em razão da falta de espaço que outrora era do indígena e que agora pertence ao não indígena. Este, usufruindo dos recursos advindos da exploração dos produtos da terra enquanto aquele, em alguns casos, buscando o suicídio como alternativa para denunciar sua situação.

A ação de buscar o suicídio origina sanções negativas pelos autores dos textos, tanto para com o sujeito não indígena, pois o ato suicida provoca estranhamento, sensação de mal estar na sociedade cristã, a qual também é tida como responsável pela ordem social, uma espécie de tutoria, custódia do não índio para com o indígena que não tem tido bons resultados em razão do grande número de suicídios, quanto, por outro lado esta sanção negativa se dá ao indígena, a partir do momento em que ele também quebra o contrato e se suicida o que passa a ser visto como um ato ilegal, até mesmo porque põe o não indígena em uma situação de descrédito, por não conseguirem, ou por não terem interesse em resolver a questão, seja a causa de natureza religiosa ou social.

Há nas notícias uma relação de tensão frente a essa dualidade vida e morte em razão dessa quebra de contrato, principalmente entre o sujeito indígena e o sujeito não indígena, o que gera a oposição violência e paz, e a oposição relevância e irrelevância, já que o sujeito enunciador é sempre o sujeito não indígena.

Existe toda esta tensão visível no discurso na cobertura temporal, pessoal, espacial, temática e figurativa. Iniciando pela temporal é possível perceber que esta categoria tenta presentificar o suicídio, o que ora atribui aspecto veridictório, verdade incontestável, os tempos verbais ora sugerem a continuidade da ação do suicídio,

ora dão a entender uma suposição e probabilidade de mudanças em relação aos fatos, acontece também a sensação de ação acabada, que não há possibilidade de retorno, ou aspecto de simultaneidade entre acontecimentos, criando um simulacro de afastamento da ação dos prováveis responsáveis.

As vozes personificadas no discurso buscam dialogar e testemunhar, além de debater sobre a questão indígena, verifica-se a presença de estudiosos, policiais, advogados, políticos, antropólogos, pastores, que ora são citados, ora apresentados quanto coletividade, aparecem em um discurso direto, ou por forma do discurso indireto.

Raras são as vezes em que o discurso é o do índio, seja ele parente, amigo da vítima ou cacique, pois, na maioria das vezes alguém fala por ele, em um discurso indireto, promovendo mais a opinião do autor que o interlocutor indígena, quando este é buscado como interlocutor. Há de salientar que a busca do indígena em muitos casos funciona como estratégia de sustentação da notícia.

Percebe-se que em alguns textos existe a busca aos casos de suicídios para promoção pessoal por se colocar como sujeito da ação numa disputa pelo poder por parte das igrejas.

Há em textos um diálogo entre sujeitos no tocante às causas do suicídio enquanto em alguns o aspecto místico ou a ociosidade conduz o indígena ao suicídio, outros enfatizam o lado social – ausência de recursos – e, assim, verifica-se o embate entre autoridades religiosas, políticos em que poucas vezes o indígena fala de si mesmo. A voz é delegada a terceiros ou nem é lembrada em vista da distância entre os textos, criando efeitos de não importância conferida aos indígenas.

Quanto ao espaço, há um tipo de relacionamento que implica em posicionamento, participações sociais, num lugar na sociedade enquanto sujeito, aquilo a que o índio é relegado, começando pelo das discussões, opiniões. O espaço do ser e o espaço do ter que no confronto de culturas e na necessidade de

estar buscando uma identificação frente às constantes situações inesperadas pelas quais passam os indígenas podem estar levando ao suicídio.

Os espaços materiais, os quais são pouco mais de 3500 hectares de reservas para uma população, atualmente de mais de 12 mil habitantes, cuja proximidade com a cidade de Dourados é latente na rodovia que liga as reservas à cidade e nas ruas da cidade. Esses dados fazem pensar nos locais onde ocorrem suicídios, na mata, em casa, na reserva indígena, num galho de árvore, no interior, no matagal, lugares de permanência do indígena como indício de que estão perdendo em razão da tensão cultural.

Espaços que também merecem destaque são os de discussão: a universidade e o jornal cujos acontecimentos tornam-se notícias em datas comemorativas (editorial), eleições (primeira página e Geral), oscilando, a partir daí entre as primeiras páginas e as páginas policiais, infração, ou geral, menor importância, o que permite inferir as diversas tentativas da imprensa de alertar para o problema, mas sem bons resultados, pois ao indígena, o espaço é problemático até no espaço noticioso, o que acaba conferindo a ele status de não-notícia pois durante a seqüência dos vários textos não se acrescentam deslocamentos, transformações, a tensão dos conflitos

No que se refere à tematização, boa parte dos textos trazem coberturas figurativas com o objetivo de convencer, criar efeito de realidade, apresentando as razões e as causas dos suicídios. Ousa-se mencionar que, nas notícias que remetem a religiosidade, ao misticismo, existe a presença do nível mais marcante do nível temático – interpretativo.

Sendo textos midiáticos da imprensa escrita, gênero jornalístico, o figurativo tende a ser mais aceito pelo público até mesmo porque se aproxima do discurso de divulgação científica, mas também pode remeter a incompreensão frente às hipóteses referentes às causas do suicídio ou uma forma de fidelização do enunciatário, não direcionando sentidos acabados, cujas apreciações serão tomadas a partir do enunciador, aqui texto jornalístico de “O Progresso”.

Além das disposições das notícias suas respectivas tipologias textuais as quais foram discutidas, a iconização, presença de fotos que tem como foco crianças, a família precoce, o cacique, as danças, os rituais e os espaços marcados pela inserção do texto em caixa negritada. Aspectos estes que além de funcionarem como estratégias de arrebatamento do gênero jornalístico, aliados á tipografia marcam a tensão frente aos fatos, a importância maior ou menor, que oscila Com freqüência na unidade noticiosa do jornal “O Progresso”, o mais antigo veículo de informação impressa da região de Dourados.

A imagem do índio que se constrói, mediante a linguagem, e se percebe, por intermédio das análises semiótica das notícias em “O Progresso”, é a de um ser não civilizado, atrasado, preguiçoso, pois “Se tivesse trabalho ele não teria tempo para pensar em suicídio”. Um sujeito que não é sujeito, mas sim um objeto utilizado pelos estudiosos, psicólogos, políticos, advogados, conselhos, meios de comunicação muitas vezes para autopromoções, no aspecto político, social e humanitário.

Em uma das manchetes o próprio indígena menciona visitar o presidente da republica com fins de convencê-lo a retornar a Dourados. É preciso convencê-lo da necessidade de visitar a reserva, o que revela uma certa resistência à gravidade do problema e ainda refere-se ao fato de aproveitar a repercussão nacional do suicídio na mídia. Um interesse político por trás da questão.

Exime-se o indígena da prática voltada para si próprio, não sendo sujeito individual mesmo nas páginas policiais onde se associa a sua presença a ilegalidade, silvícola, sem conhecimento, que não conseguem explicar a origem e as causas do próprio suicídio, sem organização e muito ligados ao passado e seus familiares.

A presença do indígena relegada á posição de objeto marca a construção de um sujeito sem voz, tanto é que em um dos textos é mencionada a necessidade de garantir-lhes o “direito de expressão e a autonomia garantindo a participação livre, legítima e plenamente informada das nações indígenas, em todos os níveis de decisão sobre as iniciativas que as afetem”, o que marca a prerrogativa de que os indígenas não são consultados em relação a seus próprios problemas.

Outra imagem muito presente é a de um ser oprimido, perturbado e explorado que não sabe votar e pode ser considerado alguém que está inadaptado a realidade atual, fraco psicológica e espiritualmente, ou conforme um texto mencionado, em estresse psicossocial frente a situação de conflito cultural que resultam em tensões quase que diárias do ser indígena. Seres que são tão diferentes a ponto de se tornar difícil de se identificar as causas, as quais são encaradas mais como místicas que sociais.

Este misticismo, o aspecto enigmático pelo qual é visto o suicídio está quase sempre em paralelo com o financeiro. Contraponto muito presente nos dois editoriais que ,relacionados á política , enfatizam a falta de entendimento no tocante ás causas do suicídio por parte dos não índios, e por isso, utiliza o álibi do misticismo para não resolver os problemas, que em outras palavras, em um dos textos, denuncia: “Falta estímulo para encontrar a chave do problema”.

Nos editoriais, que embora constituam uma espécie de tipologia do gênero jornalístico que enfatiza o posicionamento do jornal frente aos fatos, percebe-se a atitude de comprometimento com outras forças como a do jornal ao não interpretar, desenvolver, buscar apresentar seu posicionamento, distanciando-se e não se envolvendo, pois “alguém vai ter de abrir mão de algum privilégio” o que parece não ter saído do ambiente das discussões, pois o indígena, a questão indígena, o suicídio dos silvícolas, na região de Dourados, abordada em toda a sua coletividade, continua sendo acontecimento ou notícia nos dias atuais.

5. Bibliografia

BAITELLO, Norval JR. *O Animal que parou os Relógios*. São Paulo: Ed. AnnaBlume, comunicação, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*: São Paulo: Ed. Hucitec, 1987.

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

_____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1981.

_____. *Problemas da Obra de Dostoiévsk*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1981.

BATESON, Greory. *Pasos hacia una Ecología de la Mente*. Buenos Aires: Grupo Ed. Planeta, 1992.

BAYARD, Jean-Pierre. *Sentido aculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?*. São Paulo: Ed. Paulus, 1992.

BRIZOLA, Giovani. *Fra gli Indi Del Brasil. Note autobiografiche e testimonianze raccolte da D. A. Cajazzi*, : Torino: Società Editrice Internazionale, 1932.

CAIUBY NOVAES, Silvy. *Ensaio de Antropologia Visual*. São Paulo: Edusp, sd.

CAMPBELL, JOSEPH. *As Mascaras de Deus*. São Paulo: Ed. Palas Athenas, 1992.

CANEVACCI, M. *Antropologia della Comunicazione Visual*. Gênova: Ed. Costa & Nolan, 1996.

_____. *La città polifônica*. Roma: Ed. Meltemi, 1997.

_____. *Culture e Xtreme. Mutazioni giovanili tra i corpi della metropoli*. Roma: Ed. Meltemi, 2003.

CAPRA, F. *Sabedoria Incomum*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

CAVALLI-SFORZA. *Quem Somos*. São Paulo: Unesp, 2002.

DAWKINS, RICHARD. *O Rio que saía do Éden: uma visão darwiniana da vida*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1996.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: estudo de sociologia*. Trad. por Mônica Stahel. São Paulo, Ed. Ática, 2002.

FIORIN, JL. *As Astúcias da Enunciação: As categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo, Ed. Ática, 2002.

FLUSSER, V.. *Língua e Realidade*. São Paulo: Ed. Annablume, 2004.

FOLEY, ROBERT. *Humanos antes da humanidade: Uma perspectiva Evolucionista*. São Paulo: Unesp, 2003.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação de Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HERNANDES, Nilton, *Curso de Semiótica Narrativa e Discursiva*. Departamento de Letras do programa de Mestrado em Letras? UFMS, 2006.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1980.

KAMPER, DIETMAR. *O Trabalho Como Vida*. São Paulo: Ed. AnnaBlume, 1998.

LEACHE, E. *Cultura e Comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1978.

LEVI-STRAUSS, C. *Tristes Tópicos*. Lisboa: Edições 70, 1986.

LIMBERTI, Rita de Cássia Aparecida Pacheco. *Discurso Indígena: Aculturação e Polifonia*. São Paulo: (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo – USP, 1998.

NOTH, Winfried. *Semiótica no Século XX*. São Paulo: Ed. AnaBlume, 1999.

MIRTHEN, STEVEN J. *A pré-história da Mente: uma busca das origens da Arte, da Religião, e da Ciência*. São Paulo: Unesp, 2002.

MORIN, E. *A Religação dos Saberes*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1999.

RIBEIRO, Darcy. *Maíra*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

SANTAELLA, M.L.. *O que é Semiótica*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.

SCHADEN, E. *Mitologia Heróica e Tribos Indígenas do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1989.

_____. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: Edusp, 1974.

SOUZA, Lynn Mario Trindade Menezes de. *Para Uma Ecologia Da Escrita Indígena: a escrita multimodal Kaxinawá* Campinas, (Mercado de Letras), 2001.

_____. *Hibridismo e Tradução Cultural em Bhabha*. Campinas, (Mercado de Letras), 2001.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)